

A naturalização da desigualdade social, nos discursos sobre o encarceramento

Kennedy José de Oliveira Júnior ¹ (IC)* ; Elizete Beatriz Azambuja ² (PQ)

¹ kennedyestudos9871@gmail.com; Universidade Estadual de Goiás – UEG/Câmpus São Luís de Montes Belos. Rua da Saudade com Viela B, nº 56, Vila Eduarda, São Luís de Montes Belos - GO, CEP: 76.100-000

² Universidade Estadual de Goiás/ Câmpus São Luís de Montes Belos/GO

Resumo: Este projeto de pesquisa tem como objetivo principal analisar os discursos que naturalizam a desigualdade social nos discursos sobre o encarceramento, em enunciados nos gêneros textuais notícia e comentário. Com o nosso estudo, refletimos sobre a naturalização do encarceramento e a criminalização da pobreza, fundamentando-nos teórica e metodologicamente na Análise de Discurso de linha francesa que considera discurso/ideologia/sujeito de forma indissociável. Para sustentar as nossas análises, recorreremos a Coelho (2019) Orlandi (2006; 2007; 2008; 2015), Foucault (1987), dentre outros autores. É um trabalho de caráter bibliográfico que discute o fato de o discurso sobre o encarceramento em massa ser constituído sócio-histórica e ideologicamente. Em nossa pesquisa, analisamos a discursividade presente em notícias e comentários on-line, observando as marcas linguísticas que apontam para uma formação ideológica que se constitui pela naturalização do aprisionamento da juventude negra. Da mesma forma, apresentamos alguns materiais que ilustram a formação ideológica de jornais que expõe os sujeitos de diferentes formas em seus enunciados, levando em conta a condição econômica que esse sujeito se encontra.

Palavras-chave: Análise de discurso. Criminalização da pobreza. Desigualdade social. Sistema Prisional.

Introdução

A nossa proposta de pesquisa é fundamentada na Análise de Discurso de linha francesa, pensada por Michel Pêcheux, que parte da premissa de que a linguagem não é transparente e, por isso, não há um acesso real dos sentidos de maneira objetiva. Sendo assim, os sentidos não possuem ligação direta com o objeto discursivo, são construções históricas, sociais e ideológicas. Como afirma Orlandi (2008, p. 17):

Para os objetivos da análise de discurso é preciso que esse compromisso pragmático da linguagem seja mais especificamente marcado pelo conceito social e histórico. Um compromisso que coloque a capacidade de linguagem na constituição da própria condição da espécie, já que o homem não é



isolável nem de seus produtos (cultura) nem da natureza. Daí considerar a linguagem como interação, vista esta na perspectiva em que se define a relação necessária entre homem, realidade natural e social.

Nessa perspectiva, trazemos como reflexão a naturalização da desigualdade social nos discursos sobre o encarceramento que circulam nos meios de comunicação, pois percebemos que existem formas linguístico-discursivas específicas para a construção da imagem de um encarcerado negro morador da favela e de um aprisionado branco que reside na zona sul.

Ao analisar a vinculação das notícias que envolvem o aprisionamento avalia-se que há um acentuado contraste na construção narrativa dos fatos ligados aos sujeitos às margens do poder público, são jovens negros entre 15 a 29 anos que não são atendidos pelas políticas públicas. Assim, com a ausência do Estado, a juventude é destaque todos os dias em jornais com as maiores taxas de homicídio e também com expressivos números na ocupação do Sistema Penal.

Para o nosso estudo, faz-se importante refletir sobre as instituições de punição e suas funções no cumprimento das leis penais. A esse respeito, Foucault (1987, p.107) questiona:

O que se engaja no aparecimento da prisão e a institucionalização do poder de punir, ou mais precisamente: o poder de punir (com o objetivo estratégico que lhe foi dado no fim do século XVIII, a redução dos ilegalismos populares) será mais bem realizado escondendo-se sob uma função social geral, na 'cidade punitiva', ou investindo-se numa instituição coercitiva, no local fechado do 'reformatório'?

Sendo assim, esperamos compreender como a naturalização da desigualdade social nos discursos sobre o encarceramento constitui os sentidos que circulam em nossa sociedade através de notícias e comentários vinculados em sites e blogs *on-line*.

Material e Métodos

A *a priori*, fizemos a leitura e o fichamento de textos da teoria Análise de Discurso para a fundamentação do estudo, assim como selecionamos obras que abordam a desigualdade de defesa dos encarcerados e imaginário social acerca da desigualdade prisional fazendo um fichamento das mesmas.

Depois de termos recortado os materiais coletados, fizemos a análise dos enunciados que se apresentam nas notícias e nos comentários selecionados em sites *on-line*, observando as formas de discurso e os efeitos de sentidos produzidos a respeito das prisões de sujeitos com diferentes condições financeiras.

Já iniciamos o processo de socialização das reflexões realizadas por meio de resumos em anais de eventos, assim como por meio de apresentações em forma de painéis e comunicações. Participamos em eventos no nosso câmpus, tanto no curso de Letras como no de Pedagogia e no EPE 2018 (Encontro de Pesquisa e Extensão) que acontece anualmente no Câmpus São Luís de Montes Belos.

Resultados e Discussão

Criminalização da pobreza

O pobre no Brasil ocupa uma extensão territorial planejada para ser controlado pelo topo da pirâmide social e econômica, entre becos e vielas das periferias o corpo negro é constantemente violentado pela falta de políticas públicas que garantam a mobilidade urbana, o acesso à educação, a saúde e a segurança. Para Eni Orlandi (2004, p.11):

No território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino do outro. Em suas inúmeras e variadas dimensões: material, cultural, econômica, histórica etc. O corpo social e o corpo urbano formam um só.

De fato, a marginalização é o reflexo das divisões de classes vigentes em nossa sociedade capitalista. De acordo com Coelho (1978, p.140), a população marginal é constituída pelos que se encontram em situação de desemprego, subdesemprego ou pobreza. A marginalidade é um fenômeno urbano que reflete diretamente na vida social.

É nesse contexto marginal que a desigualdade social se alastra como raiz que sustenta a criminalidade e a violências nos guetos das cidades. Conforme Orlandi (2004, p.79), “há uma *geografia da violência*, há uma *lógica da violência*, há uma *economia da violência*”. (Grifos nossos).

Sob o mesmo ponto de vista, a juventude brasileira ocupa uma alarmante



porcentagem nas estatísticas sobre o Sistema Prisional, de acordo com o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias-INFOPEN de 2016, cerca de 30% dos encarcerados tem idade entre 18 a 24 anos e 25 % com idade de 25 a 29 anos, como resultado os jovens representam a maior porcentagem nas taxas de ocupação dos presídios brasileiros.

Em análise, nota-se a homogeneidade nos perfis dos jovens privados de liberdade, uma vez que apresentam as mesmas condições econômicas, de moradia, escolaridade e mobilidade urbana. Ainda segundo os dados do INFOPEN, a estratificação pela cor de pele no sistema prisional é representada por 64 % de pessoas negras em contraste com 35% de aprisionados brancos.

Conforme também as informações do *Atlas da Violência* de 2019, disponibilizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada- IPEA, a morte precoce de jovens de 15 a 29 anos por homicídio tem crescido no Brasil desde a década de 1980. Somente em 2017 foram 35.783 assassinatos de jovem, taxa de 60,9 % por cada 100 mil jovens no Brasil, sendo 51,8% das mortes de jovens com idade de 15 a 19 anos.

O levantamento denuncia que 75,5 % dos homicídios no Brasil, em 2017, foram de indivíduos negros, tendo como preocupantes taxas de 43,1 % de assassinatos por 100 mil pessoas negras, em contrapartida a taxa de não negros representam 16,0 %. O IPEA aponta que a desigualdade pode ser ainda mais acentuada dependendo da localidade, ficando evidente no caso de Alagoas, a partir das taxas de óbito da população negra que superam em 18,3 vezes mais a de não negros: amarelos, indígenas e brancos. Nessa perspectiva, a taxa de homicídios de não negros é igual a 3,7 mortos a cada 100 mil habitantes deste grupo. Em termos de vulnerabilidade à violência, *é como se negros e não negros vivessem em países completamente distintos*. (IPEA, 2019, p. 50). (grifos nossos).

Em princípio, o genocídio da população negra é o reflexo das políticas de criminalização da pobreza, vestígios de uma sociedade racista. De acordo com Souza (2011, p.80), o racismo pode ser coberto ou descoberto, e o Racismo Institucional é uma forma sutil de racismo que não pode ser reduzida a atos de indivíduos.



Visto que, os processos de controle do corpo negro constituem toda a historicidade dos países Latino-americanos. Flauzina (2006) explicita sobre isso em suas reflexões:

O racismo está na base de sustentação do processo histórico Latino-Americano. Dentro de uma percepção que colocam os negros e os indígenas como barreira a nos separar da civilização, a partir de uma concepção que compreende traços civilizacionais inscritos nos padrões europeus. (FLAUZINA, 2016, p. 32).

No entanto, é nesse processo sócio-histórico e ideológico que se emudece o Racismo Institucional, seja ela no acesso às Universidades Públicas ou na presença maciça no Sistema Prisional.

Sentidos que se naturalizam nos enunciados sobre o encarceramento: uma análise discursiva

Para a construção da nossa análise, utilizamos como *corpus* os materiais organizados ao longo do projeto, entre eles alguns recortes de notícias, entrevistas, manchetes e leis, com o intuito de observarmos como as diferentes textualidades se configuram como mecanismos indiretos que contribuem para a naturalização das desigualdades sociais nos discursos sobre o encarceramento.

Análise discursiva 1: manchetes de jornais *on-line*

O dicionário *Aurélio* define Manchete como: título principal, em letras garrafais, na primeira página do jornal. Para Guimarães (1997, p.51), os títulos não são meros artifícios publicitários, mas chaves para a decodificação da mensagem, se convenientemente propostos. São enunciados sucintos de qualquer mensagem, mas sua interpretação deve ser integrada numa leitura global.

Ao analisarmos a construção frasal e semântica das manchetes, notamos que os jornalistas banalizam a atuação irresponsável e ilegal da justiça, que determina prisões com base em informações infundadas. Observe-se que a construção das frases na voz passiva pode dar vazão às várias justificativas para o aprisionamento inconstitucional, o certo seria identificar quem foi o autor (instituição de justiça) da ação que cerceou a liberdade dos jovens de forma irresponsável e injusta.



A seguir, trazemos algumas manchetes de notícias e as respectivas reflexões sobre elas. Denominamos de M1, M2... as manchetes que selecionamos para a nossa discussão, a fim de observar as marcas linguísticas que apresentam e os efeitos de sentido produzidos.

M1- Preso por engano no RJ, jovem diz que não guarda mágoas
Depois de passar uma semana preso acusado injustamente de assassinato, o DJ Leonardo Nascimento, de 27 anos, foi solto na noite da última quarta-feira (23)¹. (Grifos nossos)

M2- Ator negro preso por engano no Rio decide processar Estado
Vinícius Romão diz ter sido vítima de preconceito em delegacia². (Grifos nossos)

Para nós, o que chama a atenção nas M1 e M2 é a forma como as palavras **engano** e **injustamente** naturalizam o modo como à justiça conduz o processo penal, com efeito de validar a ação arbitrária e ilegal do Poder Judiciário que infringe os direitos do cidadão.

Já na M2 coloca-se em dúvida a veracidade dos fatos narrados pelo sujeito passivo da ação ao escrever a seguinte sentença de significação: “Vinícius Romão *diz ter sido vítima...*”. É necessário que se parta do pressuposto que o relato de X (vítima) vale tanto quanto o o relato de Y (instituição de justiça). Para Orlandi (2006, p.15):

As condições de produções incluem, pois os sujeitos e as situações. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico.

É evidente que o processo de checagem das informações não são práticas comuns de alguns jornais tendenciosos que apenas se preocupam com o número de visualizações e alcance das notícias. Porém, essa falta de ética profissional pode acarretar grandes danos à imagem dos sujeitos alvo desse sensacionalismo.

M3- Após alerta de Anitta, ladrao é preso no bloco das Poderosas no RJ.³

M4- Após alerta de Anitta, suspeito de furto é detido no bloco das

¹ Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/preso-por-engano-no-rj-jovem-diz-que-nao-guarda-magoa-130253126.html>

² Disponível em: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/ator-negro-preso-por-engano-no-rio-decide-processar-estado-18122014>

³ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/anitta-identifica-ladrao-em-meio-a-multidao-de-bloco-de-carnaval-no-rio/>

Poderosas, mas logo liberado por falta de prova. ⁴

As manchetes M3 e M4 apresentam algumas diferenças fundantes que podem ser ressaltadas pela forma como o portal de notícia *Veja* e *O Globo* constitui a imagem do sujeito com as seguintes palavras: Suspeito x Ladrão que podem surtir diferentes efeitos de sentido dependendo da posição que o sujeito ocupa na sociedade.

Nesse ponto, é produtivo retomar o que Eni Orlandi (2007, p.102) ressalta sobre o fato de as palavras virem carregadas de silêncio(s):

O silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas.

Em suma, as manchetes são o primeiro ou talvez o único contato que o leitor terá com o conteúdo dessa notícia, pois, se tratando do jornalismo *on-line*, percebe-se que há uma facilidade na propagação das informações. Sendo assim, a mídia precisa ter a consciência de que ela é também é um instrumento de manutenção do Racismo Estrutural vigente em nosso país, o fazer jornalístico precisa ser responsável e ético.

Análise discursiva 2: trechos de entrevistas

Fizemos alguns recortes de trechos de entrevista de juízes e delegados em que fica evidente a inscrição desses sujeitos nas mesmas formações ideológicas conforme foi possível observarmos, nas diferentes sequências discursivas que analisamos. Verifica-se que o Poder Judiciário tem privilegiado mais alguns discursos do que outros, levando em conta a estratificação pela cor de pele, condições econômicas, local de moradia etc.

E1- O indiciado tem a personalidade voltada à prática delitiva (Juiz).

E2- Se discute se o flagrante foi forjado ou não quando, na verdade, nunca vamos ter certeza sobre isso porque é a palavra de um contra outro. Mas podemos questionar a forma como os flagrantes são constituídos no Brasil, onde o depoimento da polícia é o único que vale para identificar um criminoso hediondo (Delegado).

E3- No Brasil basta um garoto negro e pobre com uma pequena quantidade de droga que já é considerado traficante, enquanto você, jornalista branca, seria identificada como usuária (Policial).

⁴Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/apos-alerta-de-anitta-suspeito-de-furto-detido-no-blocodas-poderosas-mas-logo-liberado-por-falta-de-provas-23510331>



Nos recortes das entrevistas 1, 2 e 3, tanto o juiz, o delegado e o policial constituem seus depoimentos na mesma formação ideológica, confirmando a nossa hipótese de que é comum as instituições de Justiça e Segurança no Brasil julgarem os casos conforme a cor de pele, o local em que houve o flagrante e a condição econômica do sujeito.

Vejamos o que está posto no Artigo 28 da Lei de Tóxicos – 11.343/2006, em que observamos como é legitimado o modo de interpretação pelas condições do flagrante:

§ 2º Para determinar se a droga destinava-se a consumo pessoal, o juiz atenderá à natureza e à quantidade da substância apreendida, ao local e às condições em que se desenvolveu a ação, às circunstâncias sociais e pessoais, bem como à conduta e aos antecedentes do agente. (Grifos nossos).

A base do Racismo Institucional está na lei dando juridicidade para o aprisionamento em massa da população negra, lotando as celas de corpos historicamente injustiçados pelo projeto de criminalização da pobreza que ainda está em trâmite no Brasil no ano de 2019. Eni Orlandi (2015, p.30) afirma que os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções do sujeito.

Nesse sentido, as formas como o corpo negro é sentenciado e violentado ao longo da história sangrenta desse país são frequentemente alteradas com finalidade de dominar o corpo negro. De acordo com Michel Foucault (1987, p. 144), “O velho esquema simples do encarceramento e do fechamento - do muro espesso, da porta sólida que impedem de entrar ou de sair - começa a ser substituído pelo cálculo das aberturas, dos cheios e dos vazios, das passagens e das transparências.”

Nessa perspectiva, é importante também ressaltar o que afirma Graciano:

[...] a ampliação do encarceramento com o recrutamento de pessoas que passaram por sucessivos processos de exclusão, tais como renda, educação, acesso ao trabalho e, destacadamente, pertencimento a grupos sociais historicamente marginalizados – no caso a população negra (BOIAGO, 2014, p. 99).

Podemos dizer que os enunciados que analisamos apontam para o fato de o racismo e o preconceito de classe estarem na base de sustentação do Sistema



Prisional brasileiro, naturalizando a desigualdade nos discursos sobre o encarceramento em massa.

Considerações Finais

Esperamos que, com a divulgação deste trabalho, possamos contribuir para que a sociedade compreenda melhor o funcionamento do Sistema Prisional brasileiro, sendo capaz de entender que o encarceramento em massa não é apenas um problema a nos superar, mas um projeto político que visa criminalizar a pobreza pelos seus diversos fatores históricos que foram definidos pelo topo da pirâmide econômico-social, processo este que é consolidado no discurso pela sua historicidade e formação ideológica.

Nessas considerações, registramos que participamos do Encontro de Pesquisa e Extensão 2018, XVI Encontro dos Acadêmicos do Curso Letras e XVIII Encontro dos acadêmicos do Curso de Pedagogia.

Também pretendemos continuar com essa temática no Trabalho de Conclusão de Curso, pois entendemos que este assunto precisa ser melhor explorado e divulgado não somente na comunidade acadêmica, mas na sociedade de forma mais ampla.

Agradecimentos

À Coordenadoria Central de Bolsas da Universidade Estadual de Goiás por me aceitar como um bolsista voluntário, proporcionando-me uma oportunidade de aprendizado no espaço acadêmico.

À professora Elizete B. Azambuja, coordenadora do Projeto, pelo convite para participar pela primeira vez de um trabalho de extensão na Unidade Prisional que, a meu ver, é de relevância para a sociedade e por sua orientação durante a pesquisa.

REALIZAÇÃO

Referências

COELHO, Edmundo C. A criminalização da marginalidade e a marginalização da criminalidade. Revista de Administração Pública, v. 12, n. 2, p. 139-161, 1978. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/issue/view/803>> Acesso em: 05 de Ago. 2019.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em:<http://www.cddh.org.br/assets/docs/2006_AnaLuizaPinheiroFlauzina.pdf> Acesso em: 01 de Ago. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. São Paulo: Ática, 1995.

GRACIANO, Mariângela. Educação nas prisões: um estudo sobre a participação da sociedade civil. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

IPEA. Atlas da violência - 2019. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum de Segurança Pública. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em 01 Set. 2019.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas, SP : Pontes Editores, 2015.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004.

_____. **Discurso e leitura**. SP: Cortez, 2008.

_____. **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

SOUZA, Arivaldo Santos de. Racismo institucional: para compreender o conceito. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**. [S.l.], v. 1, n. 3, p. 77-88, fev. 2011. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/275>>. Acesso: 28 jul. 2019.



ANDRÉ LOUCO, DE BERNARDO ÉLIS, SOB O OLHAR SINGULAR DE ROSA BERARDO

*João Vitor de Souza Ramos¹ (PQ/IC), Maria Eugênia Curado¹ (PQ)

¹ Universidade Estadual de Goiás (CSEH) — souzaramos.jv@hotmail.com

Resumo: *O presente estudo tem o objetivo de analisar como a tradução cinematográfica de Rosa Berardo, André Louco, dialoga com a novela homônima de Bernardo Élis; sobremaneira nos conflitos miméticos responsáveis por disparar o mecanismo do Bode Expiatório. Trata-se de uma pesquisa com ênfase na tradução intersemiótica de Plaza, verticalizada com uma análise das relações sociais, proposta por Girard, estabelecendo uma relação dialógica ao justapor as obras. Constata-se que o texto literário elucida todos os elementos que caracterizam o bode expiatório girardiano, diferindo-se da obra cinematográfica e corroborando com a ideia de que o mecanismo vitimário é a transmutação do “todos contra todos” no “todos contra um”, resguardando a unidade e coesão da malha social ao sacrificar um único indivíduo. Assim, há um contraste no enfoque narrativo; o texto literário é um ensaio sobre as interações sociais de uma comunidade do interior do Brasil e de como eles reagem a presença de André Louco. Enquanto a adaptação de Berardo desenvolve um caráter individualista, com enfoque na construção da imagem do louco, utilizando recursos do cinema expressionista alemão ao apresentar a personagem André por meio de distorções e contrastes de luz e sombra.*

Palavras-chave: Tradução Intersemiótica. Teoria Mimética. Mecanismo Vitimário. André Louco.

Introdução

Quando nos propomos aproximações entre textos literários com narrativas cinematográficas, enveredamos por debates calorosos que descartam ao paradigma que se liga à Literatura Comparada, visto que sua linha condutora se fundamenta basicamente em análises comparativas entre Literatura Geral e outras literaturas cujo viés se baseia em fontes e influências; exigindo, por outro lado, conhecimento de várias línguas e erudição extrema.

Com a veiculação de textos literários comumente traduzidos, adaptados ou transformados à outras linguagens, como HQs, cinema, pintura, dentre outras mídias, surgem defensores de linhas de investigação que atuam sob a esteira do comparativismo, conforme nos informa Carvalho (2006) e Remark (1961). Assim, a Literatura Comparada ampara o imbricamento da literatura com diferentes áreas do

REALIZAÇÃO



saber; tais como a filosofia, o cinema, pintura, música, o *cyber* espaço e as semioses que vão se configurando na diacronia da vida.

Em nosso caso, existe um fator de ineditismo referente ao curta-metragem *André Louco* (1990), produzido por Rosa Berardo; adaptação homônima da novela literária de Bernardo Élis.

Filmado na década de 90, na Cidade de Goiás, a obra estava guardada e jamais havia saído da “lata” para livre circulação. Com a recente inserção e disponibilização digital propiciada pela cineasta (Berardo), finalmente foi possível retomar a obra e estabelecer um diálogo entre a novela bernardiana e sua tradução cinematográfica.

Desta forma, seguindo a linha de raciocínio utilizada por Girard (2010) em concordância com os estudos comparados, propomos enriquecer o debate por meio de uma análise girardiana das interações sociais culminantes na morte de André, nos embasando na Teoria Mimética (KIRWAN, 2015), que elucida a necessidade social do bode expiatório (GIRARD, 2004) ao desvendar a origem dos conflitos pessoais e dos mecanismos arcaicos da Violência Sagrada (HAMERTON-KELLY, 2010). Levantando uma discussão à cerca da percepção dualística do Sagrado, no bode expiatório, perante os olhos da comunidade (GIRARD, 2016).

Girard (2004) elucida e descreve o mecanismo do bode expiatório a partir da mediação interna do desejo mimético, que leva ao confronto dos duplos e, conseqüentemente, a violência. Assim, em momentos de crise, desencadeia-se uma violência epidêmica capaz de ocasionar a luta de “todos contra todos”, provocando o enfraquecimento de instituições normais e favorecendo a formação de multidões; momento em que o mecanismo do bode expiatório dispara, canalizando a violência coletiva em um só indivíduo (ou grupo), resguardando a comunidade e impedindo-a de se autodestruir.

Para analisar esse fenômeno, Girard destaca os quatro “Estereótipos Persecutórios”, sendo estes: a *Crise Indiferenciadora*; o *Crime Indiferenciador*; as *Marcas Vitimárias*; e a *Violência* ou *expulsão coletiva* (simbólica ou real, lançando sobre a vítima a responsabilidade plena sobre a crise).

A realização deste projeto se justifica ao realizar um resgate inédito da filmografia da referida novela, como também nos leva a repensar a necessidade de



Élis retornar ao cenário literário como um dos maiores prosadores da literatura nacional. Reafirmando o valor da literatura goiana.

Metodologia

Abarcando uma investigação de caráter bibliográfico na área dos Estudos Comparados entre Literatura e Cinema, trata-se de uma pesquisa com ênfase na tradução intersemiótica, segundo Plaza (2001); focando-se primordialmente na análise das relações sociais, proposta por Girard (2004), desvendando os mecanismos que levaram a morte de André.

A metodologia baseia-se no pressuposto que o pesquisador é participante como ator da pesquisa: aquele que realiza o cotejo das informações e interpreta os dados (SILVA E MENEZES, 2005). Por isso, justifica-se como pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, porque interpretará os fenômenos e atribuir-lhes-á significados; em razão da pesquisa bibliográfica elaborar-se a partir de material já publicado, constituído, sobretudo, de livros, artigos, periódicos e de material disponibilizado na *Internet*.

Resultados e Discussão

Analisando as obras a partir dos estereótipos persecutórios propostos por Girard (2004), constatou-se, na obra literária, todos os elementos necessários para caracterizar André como um bode expiatório da comunidade. No entanto, o mesmo já não ocorre quanto ao curta-metragem de Berardo, que ao realizar um recorte do enredo, altera o foco narrativo e a composição e desenvolvimento das interações sociais; ocultando a crise do *Degree* e camuflando a escalada epidêmica da violência mimética resultante na indiferenciação coletiva.

A Obra Literária

André Louco é uma novela literária, com traços regionalistas, publicada em 1944 ao lado dos contos de *Ermos e Gerais*, sendo relançada em 1978 em uma nova edição composta pela novela e mais quatro contos de Bernardo Élis. E é nesse contexto em que ela se passa.

A narrativa transcorre em uma cidade interiorana do Brasil, situada na

REALIZAÇÃO



década de 40, com um narrador onipresente que teve sua infância marcada pelos urros e a figura exótica do louco, assim como pelas lendas e estórias assustadoras de Joana. Para tanto, há um distanciamento temporal entre os acontecimentos da novela e sua narração.

Marchezan (2005) ressalta o estilo à base de recursos expressionistas empregado por Élis, composto pela subjetividade simbólica e análise sutil da natureza (violenta, grotesca e hipócrita) humana — características importantes na composição da iconografia da tradução cinematográfica. Portanto, *André Louco* “é um construtor de estereótipos” e “representa, mais uma vez, a relação agressiva entre os homens, reverberada, por contraste, pela natureza” (MARCHEZAN, 2005, p. XXV).

Eternizando um Brasil mítico, repleto de credices, medos e lendas folclóricas, Bernardo Élis remonta um pequeno município caracterizado por uma linha tênue entre a cidade e o campo, com suas instituições estatais em processo de formação; propiciando a mediação interna do desejo mimético. Isso quer dizer que há um maior envolvimento da comunidade na aplicação de leis, proibições e feição da justiça; comprometendo a capacidade de mediação externa do Estado.

Essas informações são importantes para a contextualização da análise do primeiro estereótipo persecutório; assim como os posteriores.

Dentro da obra bernardiana, há dois pontos fundamentais na composição da Crise Indiferenciadora: a situação do município e o desenvolvimento da personagem João Ferreira, pai do narrador. Nossa percepção quanto a estrutura do espaço se dá de forma secundária, mas há um momento em que o narrador nos confirma de forma objetiva: “As condições do município eram más. Foi preciso que se tomasse dinheiro emprestado ao coronel para mandar reformar o calabouço, que André arrombara com as unhas” (ÉLIS, 1978, p. 24).

Em outro momento, o narrador nos informa:

Um dia, André gritou demais da conta. O coronel se incomodou. O coronel era quem receitava remédios, mandava no delegado, mandava no Juiz, no Promotor, na igreja. Foi lá e perguntou a João Manuel se davam água ao doente.

— Nhor não, coroné. Ele já botô fora mais de cinco copos da gente. Cada um custa 5\$000, a gente num ganha nem isso numa semana.

Seu coronel deu um copo de água para o louco e nesse resto de dia e resto de noite o coitadinho não deu um pio sequer (ÉLIS, 1978, p. 8-9).



Essas passagens elucidam a condição precária do município e de suas instituições, encontrando-se a mercê do coronel. Além disso, percebe-se o total despreparo (humano e estrutural) para lidar com André. Estando o ambiente propício à crise indiferenciadora.

Quanto a personagem de João, Bernardo Élis o utiliza para construir as interações que levam a concepção de André como um bode expiatório, fazendo João se colocar como modelo para a sociedade e canalizando a violência no ápice da crise indiferenciadora. Assim, há uma sequência de acontecimentos que se somam, levando a personagem ao conflito. Primeiro com Pedro, segundo com os empréstimos recorrentes de objetos pessoais que irritam João, terceiro com o doutor alemão, que se torna um modelo mimético para João, culminando em mais violência contida pelo *Degree* ao perceber-se desrespeitado ao receber a conta de 5:000\$000 cobrada pelo doutor. Assim, João pede dinheiro emprestado ao coronel Bentinho, desentendendo-se com ele em três momentos: ao receber uma carta cobrando a dívida do empréstimo; ao ir pedir favores ao coronel que fazia parte do júri no julgamento de Pedro; e ao fim do julgamento, ao saber que apenas um dos jurados votou a favor da condenação de Pedro.

Tudo porque desconfiara de que um “não” havia na votação do júri só poderia ter partido do coronel, daquele parasita social, daquele usuário.

— Pois é, seu Pedro, quando morrer o derradeiro coronel, quando o derradeiro sujeito que empresta dinheiro for fuzilado, o mundo há de ser bom e você não matará mais ninguém.

(ÉLIS, 1978, p. 22).

Irritado com a situação e enxergando nos membros do júri credores de futuros favores, João vivia agastado, até eleger sua vítima expiatória:

Por fim, atinou com a causa primária de toda aquela complicação psicológica em que vivia nos últimos tempos — André Louco. Não existisse ele, não haveria espancamento de Pedro, não haveria a sua mendicidade de favores aos jurados, não haveria sua humilhação ante o coronel. Para desabafar, virou-se contra o louco, que passou a bode expiatório.

— Essa cidade é um suplício, ninguém tem descanso. A noite inteira é berreiro de doido. Em toda a parte procuram diminuir o ruído. Aqui existe um cuidado meticuloso em aumentá-lo.

(ÉLIS, 1978, p. 23).

A partir desse momento, João começa a advogar contra o Louco. Joana, que é movida pelo “pensamento mágico” (GIRARD, 2004), imita a acusação de João e afirma que André Louco tem parte com o *xujo* (demônio). Mas a acusação ainda não encontra terreno fértil, e a mulher de João defende o louco, imitando seu modelo, Sá



Maria (que tem como bode expiatório José Quelemente, e não o louco); causando alguns conflitos entre eles. Assim, pouco tempo depois:

“um dia , quando o filho do Valentim foi jogar o pacote de ‘comê’ para o demente, ele deu aquele urro, balançou as grades. O menino confiava nela; já estava habituado com a cena:

— Bamo vê, André véiu! Força!

E não é que a grade cedeu mesmo? O menino correu. Era tarde, porém.

— André Louco fugiu! ”

(ÉLIS, 1978, p. 28-29).

O lugar vira um caos, com os sinos da cadeia tocando e pessoas correndo, entrando na primeira porta aberta. Nesse momento, várias pessoas tentam convencer João a fechar a loja, ao que ele responde: “Não. Não fecho não. Pago imposto para tê-la aberta. Pago imposto para ser garantido. Você feche-se lá dentro com os meninos. Eu não arredo o pé desse lugar...” (ÉLIS, 1978, p. 29). Lendo o jornal, João espera o louco, que ao vê-lo, não demonstra reação, sendo reconduzido a cadeia. É nesse momento que ele consegue a atenção desejada. A comunidade se reúne na casa de João para escutar a história, na qual ele aponta André como o causador de todos os males do lugar, atuando como modelo no ápice da crise que logo ocorreria.

O Crime Indiferenciador, segundo estereótipo, não precisa ser direcionado de forma específica, visto que André acaba matando o filho do Valentim. No entanto, ao longo da novela, percebemos que poucas personagens se importam com essa morte; pois o foco é atribuir a André a culpa por toda a crise mimética, e não apenas ao assassinato. Assim, há um apontamento genérico: André é a origem de todos os problemas. Mas no âmbito pessoal, cada um atribui um crime específico: João culpa André por tudo o que lhe acontecera com o Alemão, Pedro e o coronel Bentinho. Para Joana “André Louco estava possuído do capeta” (ÉLIS, 1978, p. 38).

Quanto as Marcas Vitimárias, Girard (2004) aponta que a multidão escandalizada tende a canalizar sua violência às minorias, atribuindo-lhes a culpa pela crise mimética. Assim, os traços culturas, religiosos e físicos, como a *Loucura* e deformações, tendem a polarizar os perseguidores.

Por fim, temos o último estereótipo, a Violência ou Expulsão coletiva. André Louco acaba sofrendo ambos, em momentos distintos.

A Tradução Cinematográfica



Imagem 1 — André Louco (1990), 01:16



Imagem 2 — André Louco (1990), 01:20



Imagem 3 — André Louco (1990), 01:52

A partir das imagens acima, percebe-se que a tradução intersemiótica de Berardo apresenta alguns elementos barrocos ao trabalhar a sobreposição de luz e sombra. Além disso, ela faz uso de técnicas características do cinema expressionista alemão ao nos apresentar a personagem André:



Imagem 4 — André Louco (1990), 01:47



Imagem 5 — André Louco (1990), 01:51



Imagem 6 — André Louco (1990), 02:01



Imagem 7 — André Louco (1990), 14:56

Rosa Berardo introduz a personagem André Louco de forma indireta, por meio de sombras distorcidas, música instrumental e ângulos responsáveis pela construção de um clima dramático, apresentando o medo e horror das personagens. Ocorrendo relações de intertexto com obras do expressionismo alemão, como *Nosferatu* e *O Gabinete do Dr. Cagliari*.

E se é por meio de sombras distorcidas e ângulos indiretos que ela nos apresenta André, também é desta forma que ele se retira e morre no final do curta-metragem (Imagem 7).

Apesar de apresentar dois estereótipos (as marcas vitimárias e a expulsão coletiva e consequente morte de André), a cineasta utiliza-se de outro foco narrativo ao realizar a tradução intersemiótica, negligenciando as relações miméticas e construção da “Crise Indiferenciadora”. Essa escolha acaba direcionando a câmera para a personagem André, em detrimento das interações sociais, buscando a catarse na exposição da fragilidade humana, assim como em nossas mazelas e crueldade concebível a partir da incompreensão do que lhe é estranho ou diferente (a loucura de André). Nesse aspecto, Rosa Berardo se recusa a transpor uma realidade maniqueísta simplista, desenvolvendo uma percepção complexa para além do bem e do mal; denunciando o caráter cruel da ignorância do homem comum, o qual todos compartilhamos em algum grau.

Quanto ao terceiro estereótipo (Crime Indiferenciador), pode-se argumentar que a morte do filho do Valentim se enquadra. Mas o curta não se presta a se aprofundar nesse quesito. Assim, há uma crise, um crime, a comunidade entra em conflito apresentando algumas confusões, e intui-se que André é o culpado por tudo. Consequentemente sendo expulso.



Considerações Finais

O Bode Expiatório girardiano constitui-se da canalização coletiva da violência contra um indivíduo ou grupo específico, atribuindo-lhe a responsabilidade pela crise presente na referida comunidade. Portanto, intui-se que toda multidão unida contra alguém, enquadra-se no mecanismo do bode expiatório. Girard nos apresenta um mecanismo arcaico fundador de nossa cultura e interação social; no entanto, não existe um modelo específico que nos diga a forma como essas relações se desenvolverão. Há, isso sim, um conjunto de estereótipos essenciais que auxilia nossa análise.

Assim, tanto a novela literária quanto sua tradução cinematográfica apresentam o mecanismo do bode expiatório de René Girard, apesar de divergirem na forma de explorar as interações sociais.

Por fim, constatou-se que a obra literária explora todos os estereótipos persecutórios, desenvolvendo detalhes das interações sociais, enquanto Berardo renuncia alguns dos estereótipos em detrimento de outra perspectiva do foco narrativo, trabalhando-as a partir das especificidades da linguagem cinematográfica, e evitando a concepção do Sagrado, em Girard. Na obra literária, Élis concebe a dualidade do Sagrado em André Louco, que se transmuta de bode expiatório (culpado pela crise), em santo (aquele que resolveu a crise mimética): “Santo André Louco, mártir, orai por ele” (ÉLIS, 1978, p. 49).

Desta forma, concebendo que a adaptação não tem a obrigatoriedade de ser fidedigna ao realizar a tradução intersemiótica (XAVIER, 2003; PLAZA, 2001), a obra de Berardo possui divergências, mas sustenta-se por si próprio, explorando um novo olhar a partir da linguagem cinematográfica.

“A loucura é especificamente humana pelo fato de levar ao extremo o que é mais estrangeiro no animal no homem, um mimetismo tão intenso que pode suplantar as montagens instintuais” (GIRARD et al, 2008, p. 361).

Agradecimentos

Ao CNPq pela concessão da bolsa de iniciação científica (PIBIC/CNPq), a

REALIZAÇÃO



UEG por promover o conhecimento e a Professora Doutora Maria Eugênia Curado, por apresentar os autores Bernardo Élis e René Girard, contribuindo com minha formação acadêmica e humana, abrindo novos caminhos, interesses e perspectivas.

Referências

ANDRÉ Louco. Direção: Rosa Berardo. Cidade de Goiás: Orion Cinema e Vídeo e CPCE/UnB, 1990. 16:30 min. Son. P&B, curta-metragem em película 35mm. Disponível em: <<https://vimeo.com/236498928>> Acesso em: 01 de agosto de 2018.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada.** 10^a ed. São Paulo: Ática, 2006.

ÉLIS, Bernardo. **André Louco:** contos. Rio de Janeiro: Olympio, 1978.

GIRARD, René; OUGHOURLIAN, Jean-Michel.; LEFORT, Guy. **Coisas ocultas desde a fundação do mundo.** Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GIRARD, René. **La violencia y lo sagrado.** 5^a ed. Traducción de Joaquín Jordá. Barcelona: Anagrama, 2012.

GIRARD, René. **O Bode Expiatório.** 1^a ed. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

GIRARD, René. **Shakespeare:** teatro da inveja. Tradução de Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2010.

HAMERTON-KELLY, R. G. **Violência sagrada:** Paulo e a hermenêutica da cruz. Tradução de Maurício G. Righi. São Paulo: É Realizações, 2012.

KIRWAN, M. **Teoria mimética:** conceitos fundamentais. Tradução de Ana Lúcia Correia da Costa. 1^a ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. (Prefácio). In: **Ermos e Gerais.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLAZA, Júlio. **Tradução intersemiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

REMARK, H. H. Comparative Literature: Its definition and Functions. **Comparative Literature Method and Perspective.** Ed. P. Newton, Stalknencht and Horse Frenz. Carbonato: Southern Illinois University Press, 1961.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia de pesquisa e elaboração de dissertação.** 4^a ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: PELEGINNI, T. et al. **Literatura, cinema e televisão.** São Paulo: Senac: Itaú Cultural, 2003. p. 61-89.

REALIZAÇÃO



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



ANÁLISE DA OBRA *DESCONSTRUINDO SOFIA* DE SOLEMAR OLIVEIRA: A CIDADE DO DESESPERO.

Maria Laura Moreira Lima ¹, Ewerton de Freitas Ignácio ²

UEG - Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. Av. Juscelino Kubitschek, 146 - Jundiá, Anápolis - GO, 75110-390

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo a discussão analítica do espaço da narrativa “*Desconstruindo Sofia*” do escritor goiano Solemar Oliveira. Com a base teórica utilizada, foi possível destringir aspectos em relação à compreensão de como parte da prosa contemporânea de Solemar Oliveira tem representado o espaço urbano cerratense e goiano, bem como averiguar as implicações disso no contexto da experiência urbana individual. Além disso, através dessa pesquisa, foi analisado a maneira pela qual a prosa literária goiana tem dialogado com aspectos que permeiam e configuram a realidade urbana das cidades; o retrato da experiência urbana de indivíduos que, cada vez mais, são menos senhores de si mesmos e de suas vidas em meio a um espaço citadino cuja configuração, paradoxalmente, abriga e entedia/irrita seus habitantes. A partir dessas análises, foi possível também descrever o modo no qual as peculiaridades de uma obra que tematiza questões caras à contemporaneidade, como a indagação dos rumos da cidade, dos rumos da vida de seus habitantes e do próprio sentido (ou não sentido) que o espaço urbano tem assumido nos últimos tempos.

Palavras-chave: Literatura. Desconstrução. Espaço. Narrativa. Personagens.

¹ Pesquisadora bolsista PIBIC/CNPq. Graduando do curso de Letras do CCSEH/UEG, @limal0654@gmail.com*

² Professor Orientador, Docente do Curso de Letras do CCSEH.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



Introdução

Solemar Oliveira, escritor goiano, nasceu em Anápolis. É doutor em Física Básica pelo Instituto de Física de São Carlos (IFSC) da Universidade de São Paulo (USP) e Pós-Doutor em Físico-Química na Universidade Federal de São Carlos (UFScar). Atualmente, é professor efetivo na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Além do livro *Desconstruindo Sofia*, Solemar Oliveira também publicou os livros de contos *Fúnebre Sinfonia para Prometeu Ateu* e *Rosa de Vênus*, o livro de poemas *Amor: entropia* e é responsável por organizar a Coletânea Anapolina de Contos. . Pertence a cadeira número 05 da Academia Anapolina de Letras (ANALE). O livro da pesquisa em questão, recebeu Menção Honrosa no Prêmio Mark Wertz, categoria romance. O romance a ser estudado, *Desconstruindo Sofia*, se trata de uma obra envolvente, intrigante e sensível. O título da obra remete ao leitor aquilo que é tratado durante todo o livro: a desconstrução de Sofia.

A personagem é desconstruída pelo narrador, de modo que entende-se a questão filosófica de que o ser humano está em constante “construção” e “desconstrução”. Sofia causava perturbação ao personagem e narrador “Teo”, como se apresenta em um último momento no livro, ou Teodoro, como é conhecido no decorrer da obra. Teodoro narra a mulher com bastante intensidade e paixão. Por vezes com rancor e ódio. Um misto de amor e ódio.

O narrador Teodoro articula situações jamais existentes, para que fosse possível de fato, desconstruir a imagem de sua mulher Sofia. Tudo começa com o assassinato de uma prostituta, onde se descobre no final, que não se tratava de uma prostituta, mas se tratava de Sofia. Teodoro transformou a imagem de sua ex-mulher, desconstruindo-a. Entretanto, essa forma jamais existiu.

A obra possui uma linguagem clara, objetiva. lírica e por vezes, promíscua. Solemar Oliveira provoca o leitor com sua narrativa intensa. Através da leitura, é possível

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



perceber a confusão e a sensibilidade do narrador. Além de tais questões, a obra também aborda teorias filosóficas o tempo todo. Na análise geral de personagem, tempo e espaço, percebe-se que a cidade do desespero não é nomeada. O narrador descreve ruas, bares, avenidas e seu apartamento, de modo que o leitor percebe uma certa melancolia em sua descrição. Se trata de uma cidade boêmia, de seres frágeis e ligados à vícios.

O livro possui uma extrema importância no que tange o conhecimento da mente humana, bem como de suas ações. Através do espaço, dos personagens e do contexto tratado no escrito, Solemar Oliveira nos leva a mais sensível realidade humana: as questões internas do ser humano tem influência direta em seu convívio em sociedade.

Material e Métodos

A pesquisa é de cunho bibliográfico. A princípio, foram realizadas leituras acerca da vida do autor da obra, Solemar Oliveira. Depois, foi feita uma análise profunda sobre o romance “Desconstruindo Sofia”, observando os elementos que moldam os personagens, as correntes filosóficas e principalmente, a cidade do desespero, na qual não é nomeada.

Concluindo a primeira parte, fez-se leituras de livros e artigos que galgam os objetivos específico da pesquisa, como por exemplo, o livro “Todas as Cidades, A Cidade” de Renato Cordeiro Gomes, onde Gomes relata a questão da importância contextual que o lugar tem com as relações humanas, além de mostrar a representação da cidade na literatura (GOMES, 1994).

A segunda etapa foi baseada na leitura de mais alguns livros e artigos, além de uma releitura da obra Desconstruindo Sofia, com foco na representação da cidade do desespero, além disso, foram feitas reuniões para análises finais.

Resultados e Discussão

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Desconstruindo Sofia se trata de um romance dividido em 49 pequenos capítulos. Dentro desses pequenos capítulos, o narrador relata suas obsessões e vícios por sua ex-mulher, Sofia, também personagem principal. O narrador constrói o espaço da obra de modo minucioso, os detalhes do espaço são detalhados, contudo, a cidade não chega a ser nomeada. Segundo Bustamante de Lima, a cidade fictiva dentro da literatura nasce a partir da cidade real, que por vezes, é habitada pelo próprio autor. (LIMA, 2007) .

É importante contemplar o fato de que a cidade retratada no romance dialoga com as principais características de seus personagens: a melancolia, a boêmia, a depravação exacerbada, dentre outras. Além disso, o narrador e também personagem principal Teodoro, desperta questões filosóficas presentes no dia a dia. A obsessão de Teodoro por Sofia é responsável diretamente por sua desconstrução. O sentimento de Teodoro por Sofia permite que o leitor seja envolvido ao longo do escrito.

“Sofia é a mulher mais antiga do mundo. Em todas as minhas vidas ela me infernizou. Eu nasci no dia em que trepamos, e meu batismo aconteceu quando nos debruçamos nesse amor do passado, ilógico, desenfreado e desesperado. Os olhos magnéticos que me prenderam nas sensações e desejos representam a morte. Terrível e justa! Sempre que eu a beijava eu desejava o céu, mas incorria em registrar minha passagem para o tártaro.”
(2017, Pg. 35)

Nesse trecho é possível perceber sua obsessão e admiração possessivo doentia por Sofia. A cidade do desespero é formada pelos conflitos internos de Teodoro. É formada pela desconstrução de Sofia. A cidade do desespero dialoga com a presença de seus personagens principais.

Segundo Prysthon e Carrero (2004), sentimentos diversos como a melancolia revelada na obra de Solemar Oliveira, transparecem na descrição e criação dos

REALIZAÇÃO





personagens da narrativa posta pelo autor, como é possível observar no trecho a seguir:

“A melancolia se revela outro traço fundamental no cinema da pós-metrópole. Uma sensação indefinida de tristeza, cuja origem não se consegue precisar com exatidão, irradia da malha urbana da megacidade, e é capturada por esses filmes. Uma possibilidade de leitura da melancolia está na crescente sensação de deslocamento do homem contemporâneo. O indivíduo descentrado perde as coordenadas de espaço e tempo, vive a partir de atalhos. Coincidências e encontros fortuitos regem sua trajetória pessoal.” (2004, Pg. 188)

Os personagens principais moldam a cidade do desespero ou a cidade do desespero moldam os personagens? Ambos, levando ao leitor uma espécie de relação entre espaço-personagem. Prysthon e Carrero (2004) nos revela também a questão da prosa literária goiana relacionada a realidade urbana das cidades, cidades sempre tão solitárias, melancólicas e boêmias.

A partir das características dos personagens e do espaço supracitado, observamos a decodificação de uma prosa intrínseca. Conforme pontuou Santos e Oliveira (2001):

“O que se constata, no desenvolvimento das formas narrativas em prosa, é que houve, a partir do século XXIII, uma transformação que substitui enredos complicados, povoados por personagens muito esquemáticas, recheados de ações mirabolantes, por enredos de pouca importância, em que a ação torna-se menos física e mais psicológica, e em que as personagens apresentam um maior grau de complexidade” (2001, Pg. 26)

Considerações Finais

Na obra “Desconstruindo Sofia” é possível compreender que há uma representação do espaço urbano cerratense goiano, influenciando diretamente no processo da experiência urbana individual dos personagens presentes na prosa. Em sua profunda análise, observa-se que o retrato dessa experiência urbana afeta o comportamento dos personagens, de modo que, paradoxalmente, abriga e entendia os envolvidos no livro. Diferentes foram as motivações que levaram a construção

REALIZAÇÃO





VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



dos personagens presentes na obra, Solemar de Oliveira nos prova, dentro de sua narrativa, que tal construção se deu principalmente por motivações de espaço.

O projeto em si foi enriquecedor, em todos os sentidos da palavra. Trabalhar com a literatura é permitir um mundo dentro de si. Parafraseando a grande escritora e poetisa mineira Adélia Prado, a arte é para o sentimento, é para a sensibilidade, é para a inteligência do coração. A obra de Solemar é transformadora, como uma ponte que leva a novos horizontes: o horizonte da filosofia, da física, caminhos que partem para além da literatura.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à Deus que, através de sua infinita misericórdia, me permitiu chegar até aqui. Sem Ele, eu não teria forças e resiliência para superar as dificuldades impostas no meu caminho. Agradeço à Universidade Estadual de Goiás, que possibilitou o término dessa pesquisa através de sua estrutura como um todo. Agradeço ao meu orientador de pesquisa, o professor e doutor Ewerton de Freitas Ignácio, que com paciência e sabedoria guiou as orientações e dúvidas acerca da pesquisa. Agradeço também aos meus pais pelo incentivo constante, pelo carinho e pela compreensão. Por último e não menos importante, agradeço à minha família como um todo que sempre me apoiou nos meus projetos e conquistas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1998.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

IGNÁCIO, Ewerton de Freitas. **Do campo abandonado para a cidade suportada: campo e cidade na literatura brasileira**. Universidade Estadual de Goiás, 2010.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



LIMA, Paula Andrea Vera Bustamante de. **A cidade fictiva: visões e mundos da cidade em contos contemporâneos brasileiros, chilenos e portugueses.** São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Solemar. **Desconstruindo Sofia.** Goiânia: Editora UFG, 2017.

PRYSTHON, angela e CARRERO, Rodrigo. **Atalhos na pós-metrópole: acaso, incomunicabilidade e melancolia em três filmes americanos dos anos 90.** Contemporânea, vol. 2 n., 2. p. 169-188. Dez. 2004.

SANTOS, Luís Alberto Brandão e OLIVEIRA, Silvana Pessoa. **Sujeito, tempo e espaços ficcionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Análise Feminista de Discurso: um campo em construção.

Vanessa da Silva Correia¹ (IC)*, Lúcia Gonçalves de Freitas¹ (PQ).

E-mail: vanessa.correia.8@hotmail.com

¹Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Av. Juscelino Kubitschek, 146 - Jundiá, Anápolis - GO, 75110-390.

RESUMO: O texto, a seguir, apresenta o trabalho decorrente da execução do projeto de Iniciação Científica desenvolvido sobre o que chamamos aqui de Análise Feminista de Discurso. O mesmo foi produzido a partir do projeto *A Troca de Receitas de Sabão Caseiro: Uma análise feminista de discurso*. O projeto teve como objetivo principal produzir uma revisão bibliográfica da temática em questão, além de uma compilação dos trabalhos e teorias propostos por Michelle Lazar, precursora da noção de Análise de Discurso Crítica Feminista. Além disso, se pretendia esboçar uma Análise Feminista de Discurso de autoria própria, esta se encontra em fase final de produção e constará em futuras publicações referentes a esse mesmo projeto de pesquisa. Ao longo do texto, ao compreender as motivações que existem em estabelecer o rótulo feminista na Análise Crítica do Discurso, percebe-se a existência de uma relação benéfica de mão dupla entre movimentos feministas e estudos discursivos críticos.

Palavras-chave: análise do discurso, análise crítica do discurso, feminismo, gênero.

Introdução

O presente texto apresenta o trabalho de Iniciação Científica desenvolvido sobre o que chamamos aqui de “Análises Feministas de Discurso”. A construção do trabalho em questão se deu a partir do projeto — da grande área de Linguística — *A Troca de Receitas de Sabão Caseiro: Uma análise feminista de discurso*. O projeto objetivou a produção de uma revisão bibliográfica sobre estudos discursivos de viés feminista e também uma compilação dos trabalhos de Michelle Lazar (2005, 2007) sobre Análise Feminista Crítica de Discurso. Tais teorias foram aplicadas na construção de uma tentativa própria de análise de discurso de perspectiva feminista trabalhando com as narrativas produzidas no âmbito do projeto de extensão “Mulheres que fazem sabão caseiro: receitas, performances e narrativas”, ação executada durante o ano de 2018, numa cooperação entre o Curso de Pedagogia do Campus da UEG Jaraguá e o Curso de Cinema e Áudio Visual do Campus de

REALIZAÇÃO



Laranjeiras. A análise em questão se encontra em fase final de produção e constará em futuras publicações referentes a esse mesmo projeto de pesquisa.

A escolha de compilar os trabalhos de Michelle Lazar — objetivando uma produção que mostre ao leitor em que consiste seu trabalho — se deve ao de esta representar uma figura precursora da noção de Análise Feminista Crítica de Discurso. Entretanto, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, percebemos a necessidade de acrescentar à bibliografia outras autoras que falassem a partir de diferentes locais de fala para que, assim, fosse implementada uma maior diversidade. Sendo assim, optamos por trabalhar também com a obra “O que é lugar de fala?”, de Djamila Ribeiro (2018), o texto “The Feminist Foundations of Language, Gender, and Sexuality Research, de Mary Bucholtz” (2014), a publicação “o ponto zero da revolução” de Silvia Federici (2019), entre outros.

Em que consiste a chamada análise feminista do discurso?

Trabalhos do campo da análise crítica do discurso se reapropriam de ferramentas de análise de correntes teóricas canônicas a fim não apenas de analisar textos, mas também com o intuito feminista de desconstruir discursos que colaboram para a perpetuação de um sistema de construção social que beneficia homens enquanto classe social, ao passo em que prejudica mulheres. Muitos trabalhos com este propósito vêm sendo feitos no campo da Linguística dentro do rótulo de “estudos de gênero”, contudo, nem todos os estudos que analisam questões de gênero no discurso são, necessariamente, feministas, pois “nem todo o conhecimento sobre a intersecção da linguagem com o gênero e a sexualidade faz parte do campo, porque nem todos compartilham um compromisso político com a justiça social. (BUCHOLTZ, 2014. p. 23)”.

Dessa forma, qual seria então a relevância de se atribuir o rótulo feminista a tais estudos? Primeiramente, se considera o fato de que atualmente as figuras dominantes dentro do campo que alia pesquisa feminista dentro de vertentes de estudos linguístico-discursivos são, em sua maioria, homens cisgênero brancos e heterossexuais. Tal fato reflete um problema de visibilidade já que o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir (RIBEIRO, 2018). Assim se



reivindica a necessidade de se dispor de estudos e teorias que busquem compreender a presença das relações de gênero na linguagem e no discurso, sob uma perspectiva feminista.

Em segundo lugar, se observa que estudos discursivos com perspectiva feminista dentro da Linguística Aplicada não são tão comuns no Brasil, apesar de estarem presentes em grande número nos espaços acadêmicos de língua inglesa. Posto isto, as publicações referentes a este trabalho feitas até o momento assim como as análises que constarão em futuras publicações, buscam colaborar para este campo de estudos de Análise Feminista de Discurso que ainda se encontra em expansão. Espera-se, inclusive, que tais publicações funcionem como inspiração e bibliografia para futuras publicações pertencentes a tal campo de estudos

Material e Métodos

A metodologia baseia-se no pressuposto de que a pesquisadora é participante como atora da pesquisa, em outras palavras, a pesquisadora é aquela que realiza a comparação das informações e interpreta os dados. Logo, esta se justifica como pesquisa básica de abordagem qualitativa, com perspectiva exploratória e apoio em procedimentos bibliográficos (SILVA E MENEZES, 2005). Ressalta-se ainda o viés aplicado que busca alinhar os estudos discursivos críticos a epistemologias feministas (RAGO, 1998). Inicialmente a pesquisa se encarregou do levantamento e da revisão bibliográfica sobre o tema, realizando busca e seleção bibliográfica de livros, artigos de periódicos e material disponibilizado na internet. Em seguida, analisamos vídeos do projeto de extensão “Mulheres que fazem sabão caseiro: receitas, performances e narrativas” como uma iniciativa piloto de esboçar um trabalho próprio de análise feminista do discurso.

Resultados e Discussão

A Análise Crítica do Discurso (ACD) pode ser compreendida como uma prática cujo interesse fundamental consiste em investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída e legitimada no discurso (WODAK, 2004). Assim, é evidente a importância de se estudar como relações de poder e hierarquias sociais pautadas nas diferenças de gênero têm sua



manutenção, conquista e garantida através do discurso. Nesse contexto, Michelle Lazar (2007) estabelece algumas das principais motivações para se explicitar um rótulo feminista na ACD: grande parte dos estudos que analisam as relações de gênero no discurso já o fazem criticamente com o intuito de transformar as condições de existência dessas relações; a ausência do rótulo nesses estudos acaba por representar uma série de analistas feministas críticas do discurso que não possuem organização suficiente para unirem-se em um fórum comum. Dessa forma, entende-se que esses estudos em grande parte já existem, mas falta promover medidas e ações que possam organizá-los de modo que sejam mais facilmente localizados quando necessário.

O trabalho de Michelle Lazar é uma versão explicitamente feminista da já conhecida análise crítica do discurso que tem sido extremamente influente no campo dos estudos críticos de gênero e sexualidade. No que diz respeito à linguística feminista, a obra de Lazar se insere no campo das teorias neomarxistas da linguagem que examinam como o poder ideológico é encenado, especialmente através de discursos institucionais como a mídia, a política e a educação. Essa abordagem tem raízes nos ramos marxistas e socialistas do feminismo material que defende que a subordinação das mulheres é uma consequência da opressão de classe (BUCHOLTZ, 2014). O interesse do trabalho Lazar naturalmente vai ao encontro dos próprios interesses da análise de discurso crítica feminista — como esclarecido pela própria no texto *Feminist Critical Discourse Analysis: Articulating a Feminist Discourse Praxis* (2007) —preocupando-se não apenas com desconstrução acadêmica de textos e fala, mas também com os efeitos transformadores que as questões tratadas podem gerar para determinados grupos de homens e mulheres, visando uma compreensão do modo como poder e ideologia atuam dentro do discurso para sustentar os arranjos sociais de gênero.

Considerações Finais

A partir do exposto, evidencia-se que a análise crítica do discurso se preocupa não só com a análise de textos, mas também em — a partir dessa análise — atuar em diversas práticas sociais como um meio de transformação das condições das relações de poder pautadas na diferença de gênero.



Dessa forma, o trabalho desenvolvido durante o período de execução desse plano de trabalho — assim como as futuras publicações e análises decorrentes do mesmo — cumprem seu papel de colaborar com a construção de um corpus textual composto por estudos discursivos críticos de perspectiva feminista em Língua Portuguesa, tanto para formação de corpo bibliográfico quanto para inspiração de futuros trabalhos desta mesma área de estudos.

Agradecimentos

Aos autores que constituem as referências dos trabalhos produzidos a partir desse projeto de Iniciação Científica.

À Universidade Estadual de Goiás pela oportunidade de cursar a graduação em Letras.

À orientadora deste projeto Profa. Dra. Lúcia Gonçalves de Freitas pelo suporte, apoio, correções e incentivos.

Referências

BUCHOLTZ, Mary. The Feminist Foundations of Language, Gender, and Sexuality Research. In: EHRLICH, Susan; MEYERHOFF, Miriam; HOLMES, Janet (Ed.). **The handbook of language, gender, and sexuality**. John Wiley & Sons, 2014.

LAZAR, Michelle (Ed.). **Feminist critical discourse analysis: Gender, power and ideology in discourse**. Springer, 2005.

LAZAR, Michelle. **Feminist Critical Discourse Analysis: Articulating a Feminist Discourse Praxis**. *Critical Discourse Studies*, v. 4, n. 2, p. 141-164, 2007.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.). **MASCULINO, FEMININO, PLURAL**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Letramento Editora e Livraria LTDA, 2018.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

WODAK, R. **Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos**. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 223-243, 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/ficheiros/Linguagem_em_Discurso_v_4_n.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2018.



A presença do preconceito linguístico no Facebook: análises parciais

Yasmin Teles dos Santos¹ (IC)* Santos.yasmin18@outlook.com
Elisabete Tomomi Kowata² (PQ)

UEG– Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis

Resumo: A língua é um objeto de luta dos indivíduos, e quando se fere a forma de falar de alguém, fere também sua identidade. Dessa forma, o preconceito linguístico é um julgamento depreciativo da forma de falar dos indivíduos, portanto, é necessário combater e estudar essa prática. A partir dessa problemática, o presente artigo tem como objetivo analisar o preconceito linguístico presente na rede social facebook, visando elencar pontos que ajudem a combatê-lo, principalmente nas escolas de ensino fundamental apresentando novas práticas de ensino da língua portuguesa. A abordagem é qualitativa, por meio de pesquisa empírica, analisando as relações entre os atores e sua função na constituição da sociedade. Esperamos ao fim dessa pesquisa, levantar questões importantes para a abordagem de novas práticas pedagógicas que auxiliem os professores no combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: Preconceito linguístico. Prática de ensino de língua portuguesa. Redes sociais. Facebook.

Introdução

A intervenção humana na língua, de acordo com Calvet (2007), não é novidade. Sempre houve indivíduos tentando legislar, ditar o uso “correto”, ou intervir na forma da língua. Tais intervenções são frutos de muitos equívocos produzidos pela sociedade sobre a língua, assim como descreve Bagno (2007) “uma breve revisão do que tem sido publicado na imprensa brasileira nos últimos quinze anos sobre a língua e ensino de língua mostram o quanto a intolerância reina nestes campos das relações sociais”.

A posteriori, Bagno (2007) em seu livro *nada na língua é por acaso*, destaca que a língua portuguesa no Brasil, possui muitas variedades dialetais, na qual essas variedades são identificadas geograficamente e socialmente. No entanto, o conhecimento dessas variedades não exclui a possibilidade do preconceito, nesse caso, o preconceito linguístico, que está totalmente imbuído a um preconceito altamente social. Dessa forma, a escola tem um papel fundamental para desconstrução desse preconceito, como o próprio Bagno cita:

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação as falas dialetais deve ser enfrentado pela escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito a diferença. Para isso, e também para poder ensinar língua portuguesa, a escola precisa se livrar

REALIZAÇÃO



de alguns mitos: O de que existe uma única forma “certa” de falar - é a que se parece com a escrita - e o de que a escrita é o espelho da fala - e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno. (BAGNO, 2007).

Corroborando com o argumento do autor, a problemática geradora desta pesquisa, gira em torno da naturalização do discurso preconceituoso presente na escola, principalmente no ensino de língua portuguesa, o que gerou a seguinte questão de pesquisa: “Como desenvolver novas práticas de ensino da língua portuguesa nas escolas por meio da análise do preconceito linguístico encontrados no Facebook”? E como questões norteadoras temos: (1) Como é o perfil dos praticantes do preconceito linguístico no Facebook? (2) Como são as práticas de ensino de língua portuguesa nas escolas? (3) Quais tipos de comentários são correntes pelos praticantes de preconceito linguístico no Facebook?

Para o monitoramento da rede está sendo utilizada a plataforma de inteligência artificial Sentimonitor. O Sentimonitor foi desenvolvido pela empresa AI Enginners (*Artificial Intelligence Engineers* Desenvolvimento de Software Ltda), atuante no ramo das ciências tecnológicas e situada em Porto alegre. A empresa surgiu no ano de 2008 e trabalha com o intuito de agregar funcionalidades de inteligência aos processos, produtos e serviços de organizações inovadoras através do desenvolvimento de sistemas de computador, além de oferecer manutenção, suporte técnico e outros serviços na área de tecnologia da informação (SCHAEFFER, 2016).

Referencial Teórico

De acordo com Bagno (2003, p. 17), afirmar ou acusar alguém de não saber a própria língua materna é tão absurdo, quanto acusar alguém de não saber “usar” corretamente a visão”. No entanto, essa afirmação equivocada da língua está arraigada em um preconceito, que foi se construindo dia após dia, e que se camuflou e naturalizou-se na sociedade.

Contribuindo com o argumento de Bagno, Azambuja (2017, p. 38) refere-se a



essa afirmação, como um processo de legitimação que atribui a oralidade como algo marginalizado, no entanto, essa segregação da oralidade não se deu devido a ela não estar de acordo com a norma padrão, mas sim por não ter passado por um processo que a legitimasse.

Essa legitimação da linguagem escrita e da tradição gramatical é um ostracismo entre a língua falada e a língua oralizada, um processo que calou muitas vozes, e que até hoje se faz presente, pois muitas formas linguísticas foram excluídas das literaturas que contam a história, e a construção da sociedade. (AZAMBUJA, 2017, p. 39).

Como já supracitado, a língua é uma parte importantíssima na constituição da identidade do sujeito, pois ela dá voz aos que socialmente são excluídos. Azambuja, em sua tese *“Hipercorreção: vestígios de resistência ao preconceito linguístico”*, traça uma linha na relação sujeito/língua ao longo da história, que nos fazem perceber alguns pontos importantes para entender o preconceito linguístico. Além disso, a autora explica a influência que a escola tem, enquanto aparelho ideológico da sociedade, pois de acordo com a estudiosa, baseado em argumentos de Orlandi, a instituição escolar reflete um autoritarismo e muita influência na sociedade, sendo assim, a autora subdivide o discurso presente nas escolas em três modelos: lúdico, polêmico, autoritário.

Além disso, a língua é algo que os falantes experimentam, dessa forma, o português se divide em várias “línguas”, em vários e diversos falares de regiões diversas, essa característica da língua viva, acaba se deturpando dentro do discurso escolar, e por consequência o preconceito linguístico é alimentado (AZAMBUJA, 2017). Tal preconceito, segundo Bisinoto (2009, p. 45) acontece de forma hierarquizada, ou seja, vem de cima para baixo, e acontece de forma lenta e contínua, em um processo histórico social. Já Orlandi (1995, p. 108), define o preconceito como uma exprobração do falar, determinando assim, uma proibição do falar do outro. A língua não é uma abstração, ela é tão concreta quanto os seres humanos de carne e osso que se servem dela e dos quais ela é integrante (BAGNO, 2003). Dessa forma, quando se pratica o preconceito, não é apenas a forma de falar



da pessoa que é atingida, mais sua identidade, pois a língua é uma parte constitutiva do ser humano.

Outrossim, Antunes (2003, p. 21) argumenta que uma língua, mesmo na condição de sistema, continua fazendo-se, constituindo-se. Ou seja, pensar na língua como uniforme, é um mito que tem trazido consequências desastrosas para a autoestima das pessoas (ANTUNES, 2003, p. 22). A língua é fato social, e de que a sua existência se funda nas necessidades de comunicação. Dessa forma a linguagem não pode ser encarada como uma entidade abstrata, mas como um lugar em que a ideologia se manifesta concretamente, em que o ideológico, para se objetivar, precisa de uma materialidade. (BRANDÃO, 2004).

Em suma, o preconceito linguístico possui uma raiz muito profunda dentro da sociedade, e essas relações estão altamente ligadas aos níveis de poderes, de quem tem mais, vale mais. Consequente, pensando na atual conjuntura, as coisas acompanham o que está em ascensão, e como cita Amaral (2017) nós vivemos em uma terceira revolução industrial, na qual a tecnologia é a bola da vez, as relações estão mais irreais. Mas o preconceito continua presente, principalmente nas redes sociais. E é exatamente nesses espaços que tais discursos, ganham repercussão.

Para entender o discurso, a fala de Brandão (2004, p. 11), explica que, o conhecimento da dualidade constitutiva da linguagem, isto é, do seu caráter ao mesmo tempo formal e atravessado por entradas subjetivas e sociais, provoca um deslocamento nos estudos linguísticos até então balizados pela problemática colocada pela oposição língua/fala que impôs uma linguística da língua. Estudiosos passam a buscar uma compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrado apenas na língua, sistema ideologicamente neutro. E essa instância da linguagem é a do discurso. Através dela é possível operar uma ligação entre o nível propriamente linguístico e o extralinguístico.

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos, que serve apenas como instrumento de comunicação, ou suporte de pensamento, a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado da ideologia. Para tal



argumento, o conceito de ideologia apresentado por Brandão (2010, p. 19) é:

O termo ideologia é ainda hoje uma noção confusa e controversa. Segundo a visão de Chauí, o termo ideologia, criado pelo filósofo Destutt de Tracy, nasceu como sinônimo da atividade científica que procura analisar a faculdade de pensar, tratando as ideias como fenômenos naturais, entendida como ciência positiva do espírito. Através de Napoleão o termo ganhou uma ressignificação negativa, a ideologia passa a ser vista como uma doutrina irrealista e perigosa para a ordem estabelecida. (BRANDÃO, 2004, p. 19).

Radtko define os discursos de preconceito linguístico como ligados a um julgamento de valor, de fundo depreciativo de determinadas variações de uma língua ou dialeto. E a autora explica a forma como ele se propaga na internet:

No contexto online, a manifestação material desse Discurso vai ocorrer de maneira diferente do off-line, visto que a maior parte da língua em uso neste contexto é na modalidade escrita. O Discurso acerca do preconceito linguístico na internet, assim como fora da rede, está fortemente ligado à normatividade gramatical, pois este termina por ser o parâmetro para o “certo” e “errado” no uso da língua, também definindo o que/quem vale mais ou menos dentro de uma determinada conjuntura social devido ao poder segregador desta norma. (RADTKE, 2017, p. 41).

Posto isto, seguimos para o conceito de redes sociais, que é importante para definição desse ciberespaço. Recuero define redes, como estruturas de dados comumente encontradas em quaisquer serviço de mídias sociais que permitam às pessoas construir grupos de conexões. (RECUERO, 2018, p. 11). Para análises destas redes sociais, é necessário o conhecimento de dois parâmetros, o do discurso e o da análise de redes sociais (ARS). A análise de redes sociais refere-se a uma abordagem de cunho estruturalista das relações entre os atores e sua função na constituição da sociedade. (RECUERO, 2018, p. 39).

Por fim, é mister citar que o preconceito linguístico está ligado, à “aquilo que se diz, significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos.

“kkkkkkk” que significa risada, ironia, deboche.... Isso pode ser confirmado por meio do próximo comentário, que foi retirado do *post* que gerou a *Tag*.

Figura 2 – Comentário de um usuário do Facebook da página português da Depressão

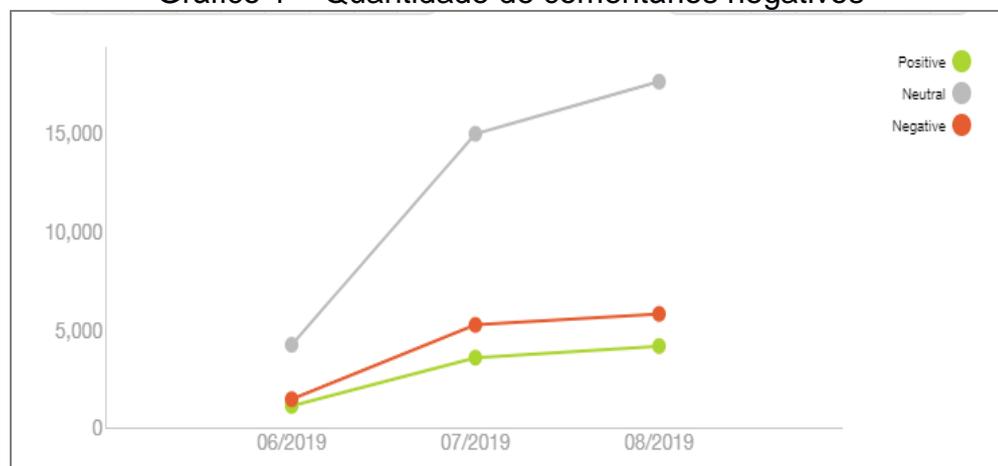


Fonte: Português da Depressão (2019).

Tal comentário é marcado como negativo pela ferramenta, no entanto, após muitas análises, foi constatado que esse é dos mais leves. O uso de adjetivos pejorativos ganha muito destaque, nesses comentários. Porém, a análise que fazemos de todos os comentários analisados é que eles estão ligados ao equívoco que a escola prega, o da gramática normativa padrão como um “ideal” único da língua.

No gráfico abaixo, podemos ver a quantidade de comentários que são negativos, em cada *post* da página:

Gráfico 1 – Quantidade de comentários negativos



REALIZAÇÃO

Fonte: Sentimonitor (2019).

Portanto, é possível notar como o preconceito linguístico está presente e como ele ainda predomina. O aumento dos comentários negativos aos positivos é quase simultâneo. No entanto, os comentários que o sistema relata como neutro, possuem teor preconceituoso.

Considerações Finais

Por fim, supradito a importância do combate ao preconceito linguístico, é necessário primeiro acabar com o seu círculo vicioso. Bagno (1999) conceitua esse círculo vicioso de forma irônica como “santíssima Trindade”, formado por três elementos: a gramática tradicional, o ensino tradicional e os livros didáticos. Após a quebra desses três paradigmas, é necessário problematizar mais essa liberdade que os usuários possuem na rede, que os dão vantagem financeira, mas que de certa forma se perdem em meio a não conhecimento, de tantas diferenças na língua.

Em todos os dados e análises feitas, os usuários tendem a conceituar a língua como gramática normativa, o que acaba gerando essa grande problemática. Por isso, nessas primeiras análises consegue-se ver o potencial que esta pesquisa tem, ao tentar reverter essa problemática geradora, e transformar esses dados em algo que possa ser discutido em sala de aula para combater muito mais que o preconceito linguístico, mas a intolerância nas relações sociais, principalmente ocasionadas pelas desigualdades sociais.

Agradecimentos

Agradeço à professora Elisabete Tomomi Kowata e à Universidade Estadual de Goiás pela oportunidade de atuar como bolsista voluntária do projeto de Iniciação Científica. Esta participação é de suma importância em minha trajetória acadêmica e profissional.

REALIZAÇÃO

Referências

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. *Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

AMARAL, Fernando. *Introdução a ciência de dados: Mineração de dados e Big Data*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016. AZAMBUJA, Elizete Beatriz. *“Hipercorreção”*: vestígio de resistência ao preconceito linguístico. São Leopoldo: Oikos; Anápolis: Editora UEG, 2017.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 1997.

BAGNO, Marcos, *Preconceito linguístico: o que é, e como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 1999. 183 p.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos et al (Org.). *Linguística da norma: humanística*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRANDAO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução a análise do discurso*. Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 2004.

BISINOTO, L. S. J. *Migrações internas, norma e ensino da língua portuguesa*. Campinas: Ponte RG Editores, 2009.

BORELLI, J. D. V. P. *O estágio e o desafio decolonial: (des)construindo sentidos sobre a formação de professores/as de inglês*. 2018. 223f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.



CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. (Trad. de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno) São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

CAVALCANTI, Marineuma de Oliveira Costa; CATANDUBA, Edilma de Lucena. *Língua e preconceito: quando o jeito de escrever nas redes sociais discrimina*. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/998.pdf>. Acesso em: 8 maio 2019.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

LYONS, J. *Language and Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

ORLANDI, E.P.A. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

ORLANDI, E.P.A. *Língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil*. Campinas: Editora RG, 2009.

PORTUGUÊS DA DEPRESSÃO. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/PortuguesDaDepressao/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 18 maio 2019.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

RADTKE, Natália Giusti. “*Seje menas*”: um estudo sobre o preconceito linguístico no facebook. 2017. 95 f. Tese (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado/doutorado Mestrado em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2017.

RECUERO, Raquel. *Análise de redes para mídia social*. Porto Alegre: Sulina, 2018.

SCHAEFFER, Cristian Luís. *Monitoramento de mídias sociais no processo de análise da percepção dos usuários sobre a segurança de porto alegre*. 2016. 93 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SENTIMONITOR. Disponível em: <https://www.sentimonitor.com/blog/br/>. Acesso em: 01 jul. 2019.

ZUIDEMA, Leah A. Myth education: rationale and strategies for teaching against linguistic prejudice. *Journal of adolescent e adult literacy*, maio, 2005.

APROXIMAÇÕES ENTRE NARRATIVAS HÍBRIDAS: HISTÓRIAS DA DITADURA NA LITERATURA E NO CINEMA LATINO-AMERICANO

Daniel Bruno Silva Rodrigues (IC)*

rodriguesdbs@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – Campus Itapuranga, Caixa postal 76680-000 Itapuranga, GO,
Brasil.

A partir do final do século XX o ideal ficcional assume uma nova postura, na qual a ficção passa a ter um acentuado e volumoso viés de pluralidade quanto às suas tendências. A literatura contemporânea ergue-se em meio a esse aglomerado de características que trazem espanto ao leitor, onde também, há o ressurgimento do romance histórico, policial (BETTAZZA, 2014) Essa perspectiva intercultural sustenta-se no processo de negociação ou relação de saberes, sentidos ou significados. Essas relações visam ultrapassar as fronteiras do conhecimento e dos sujeitos, transcendendo a uma experiência mista, ampla e sem barreiras de regionalidade, gênero, cultura, nacionalidade, religião, cor, ou etnia (AUGUSTIN, 2008). Dessa forma, tonar-se competente aos estudos teórico-literários analisar obras e produções, que contemplem essa pluralidade de sentidos, e interculturalidade a fim de agregar cada vez mais saberes aos estudos da contemporaneidade e interculturalidade. Para tal, a presente proposta, visa observar o romance contemporâneo Cova 312 de Daniela Arbex e a produção cinematográfica dirigida por Juan José Campanella, O segredo dos seus olhos, a fim de analisar suas características híbridas, e como elas se comunicam.

Palavras-chave: Interculturalidade. Memória. Literatura.

Introdução

As relações interculturais entre os países da América Latina sempre foram marcadas por fortes lações com a opressão política vivenciada nos regimes ditatoriais, complexo tempo histórico que deixou cicatrizes e não pode ser esquecido no presente, já que estamos vivenciando outro momento de crise na política em toda a América do sul. O contexto social/políticolatino-americano da década de sessenta foi, e ainda é, tema de diversas obras artísticas e literárias, assim como as apresentadas no presente plano, o livro Cova 312 (2015) de Daniela Arbex e o filme O Segredo de seus olhos (2009) de Juan José Campanella.

Essas narrativas, embora de autores diferentes e de datas e regiões diversas, trazem consigo aproximações e vivências semelhantes, referentes ao contexto vivido no passado, que por sua vez, é lembrado na contemporaneidade. Embora que se trate um livro e um filme que não se conectam diretamente, existe uma

REALIZAÇÃO



forte conexão de significados entre os dois, e essa se faz possível graças ao vínculo entre a literatura e o cinema, vínculo esse que se espera ser analisado também no presente estudo. Cova 312, apesar de ser denominado como um romance, também possui características de outros gêneros, como a reportagem, o romance investigativo, etc. Analisar essas características das narrativas híbridas nas obras contemporâneas também é de grande interesse nessa pesquisa. O filme argentino é outro exemplo de narrativa híbrida. Ele é um drama com grande carga histórica, mas pode ser ainda visto como um romance, um filme policial, um suspense e até como melodrama.

O contexto da ditadura argentina é outro ponto em comum com o livro de Arbex, cujo tema perpassa com amplitude a questão da ditadura brasileira. Assim sendo, a presente pesquisa contempla a proposta de uma análise entre essas obras com o intuito de refletir sobre as diversas vertentes teórico-literárias e as relações presentes entre elas, como a temática política que se desenvolve nessas narrativas.

Material e Métodos

Primeiramente, para o início da pesquisa, foram analisadas as obras escolhidas, o livro Cova 312 – de Daniela Arbex e o filme O Segredo de seus Olhos – Dirigido por Juan José Campanella. Observando todas as características e relações entre as duas, assim como seu contexto histórico e os debates em torno do processo da ditadura militar de cada país.

Após, foram realizadas pesquisas bibliográficas, afim de enriquecer o embasamento teórico, sobre as características das obras literárias contemporâneas, do hibridismo (GARCÍA CANCLINI, 2000), da interculturalidade (FRANÇA & LOPES, 2010), assim como, também, sobre a correlação entre o Cinema e a Literatura (STAM, 2008). Para isso, foi necessário trazer à análise a teoria da narrativa (BAHKTIN, 1998; NUNES, 1995; SANTOS & OLIVEIRA, 2001), a teoria da análise fílmica (BAZIN, 2014; AUMONT, 1995) e trabalhos que tratam de interculturalidade.

A etapa final de produção da presente pesquisa, consistiu na articulação entre as análises das obras escolhidas e as leituras teóricas, para que assim, fosse

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



possível a elaboração da produção textual final da pesquisa, para que essa possa posteriormente ser publicada e/ou apresentada em eventos científicos, como seminários, conferências, congressos, ou outros.

Resultados e Discussão

Na obra *Cova 312*, devido à dinâmica da autora de intercalação dos eventos no presente e no passado, podemos observar uma fórmula de enredo não linear (GANCHO, 2004; NUNES, 1995), a obra apresenta também grandes traços de hibridismo quanto ao seu gênero textual e literário, ao narrar os acontecimentos dos últimos dias de vida de Milton Soares de Castro, pode ser vista como uma narrativa histórica (RICOEUR, 2011), ao expor a trajetória da autora, a Jornalista Daniela Arbex, em busca de encontrar o local onde o corpo de Milton se encontrava, apresenta características de um Romance-Reportagem (BRANDILEONE, 2010) e também, ao levantar o questionamento sobre as reais circunstâncias de sua morte, torna-se um Romance Policial (REIMÃO, 1989).

Alem de tudo isso, a obra nos trás uma ampla imagem do que foi período histórico da ditadura militar no Brasil. Quanto ao Filme *O segredo dos seus olhos*, ele também possui variação de gênero, sendo, Um Romance Histórico, Romance Policial, assim como também, Drama e Suspense. E seu contexto histórico situa-se durante o período ditatorial na Argentina. Deste ponto já podemos observar várias proximidades entre as duas obras, mas as mais marcantes, e que passaram a ser alvo mais amplo da pesquisa, são, a memória, assim como a luta pelo não-esquecimento, e a violência do estado de exceção. Características fortemente notadas nas duas obras.

Ao discorrer sobre a relação entre literatura e cinema, Sarmiento (2009) afirma que a literatura, principalmente o gênero romance, mostra-se como uma forma de manifestação artística naturalmente propensa a comunicação com outras formas de linguagem, entre elas, especialmente o cinema. Algo que se pode ser observado ao analisar as duas obras. Tanto na luta da jornalista Daniela Arbex, em buscar por um corpo desaparecido há anos, e o devolver a seus familiares, quanto à inconformidade de Benjamin Espósito (personagem do filme *O segredo dos seus*

REALIZAÇÃO



olhos) com o caso mal solucionado nos mostram claramente essa busca pelo nãoesquecimento, uma memória que se mantém viva. Memória essa que, segundo Gomes (2015), se é coordenada por um forte melancolismo para com os eventos que ocorreram no passado de ambos, ao se referir sobre o filme em questão, o autor diz “É curioso perceber em filmes mais recente como O Segredo dos Seus Olhos (2009), de Juan José Campanella, a incorporação melancólica como pressuposto que condiciona a atitude dos personagens em relação ao passado”.

Para Ribas (2014), ao indagar-se acerca das comunicações entre as narrativas literárias e filmicas faz-se necessária a percepção de que esses diálogos se entrelaçam como uma costura de bordado a qual possui diversos nós, e suas linhas envolvem tanto o leitor quanto o espectador, assim como também todos os que se deixam envolver pela trama da narrativa. Por orientação dessa metáfora, podemos compreender ainda melhor essa relação entre as duas obras, seus diálogos comunicam-se tanto com o leitor e o espectador, quanto entre si, mostrando assim a natureza intercultural das duas.

Considerações Finais

O livro Cova 312, além de ser um romance, ele também pode ser pensado como uma reportagem, um romance histórico ou também um romance policial, haja vista que possui características de todos esses, narrando à jornada da repórter Daniela Arbex, procurando no passado a resposta para o assombroso mistério envolvendo a morte do militante Milton Soares de Castro. E em cada um desses pontos citados encontramos um equivalente na obra O segredos dos seus Olhos de Juan Campanella, de um lado temos Daniela, do outro Benjamin, Milton e Liliana, e dois crimes jogados para de baixo do tapete por um poder abusivo.

Por meio de todas as considerações, teorias e argumentações vistas, podemos chegar a conclusão de que cinema e literatura estão intimamente conectados por meio da interculturalidade. No caso das obras analisadas na pesquisa

em questão, essa relação intercultural se mostra ainda mais carregada de elos, tranças e amarras, por conta da característica híbrida presente em ambas, isso se dá pelo fato de que, se cogitarmos que um gênero se relaciona com outro, logo, uma obra ou uma produção, que possui múltiplas faces, ou melhor, múltiplas características textuais ou de gêneros, possui ainda mais ligamentos os quais podem estabelecer ainda mais tipos de relações. Contudo, este estudo possibilitou a compreensão dessas relações, assim como a compreensão de sua coexistência, algo que, sem sombra alguma de dúvidas é de grande valia aos estudos literários e interculturais.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pela graça da vida, pelo constante auxílio nos momentos de aflição e de dificuldades.

Agradeço à minha professora e orientadora, Dra Émile Cardoso Andrade, por todo apoio e por depositar em mim a sua confiança.

Agradeço à minha família, a minha esposa, por sempre estarem ao meu lado me encorajando.

Agradeço aos meus amigos e colegas de iniciação científica, Eivaldo e Rosely, pelas conversas e os socorros em qualquer hora.

Agradeço ao programa de bolsas de iniciação científica PBIC/UEG, pela oportunidade e pelo auxílio prestado a essa pesquisa.

Referências

- ARBEX, Daniela. **Cova 312**. São Paulo: Geração, 2015.
- AUMONT, Jacques et al. **A estética do filme**. Campinas: Papirus, 1995.
- BAKTHIN, Makhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BAZIN, André. **O que é o cinema?** São Paulo: CosacNaify, 2014.
- BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. **O romance-reportagem: Implicações estéticas e ideológicas**. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, volume 19, nov. 2010.
- CAMPANELA, Juan José. **O Segredo dos seus olhos**. Argentina. Filme. 129 min, cor. 2009.
- FRANÇA, Andréa & LOPES, Denilson (orgs.) **Cinema, globalização e interculturalidade**. Chapecó, SC: Argos, 2010.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2004.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Cultura híbridas – estratégias para sair e entrar na modernidade**.

São

Paulo: EdUSP, 2000.

GOMES Salatiel Ribeiro. **Cinema, história e melancolia**. Jundiaí : Paco Editorial, 2015.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é romance policial**. Editora Brasiliense, 1989.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol 1. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2011.

SANTOS, L.A. Brandão & OLIVEIRA, S. P. **Sujeito, tempo e espaços ficcionais**. São Paulo:

Martins Fontes, 2001.

STAM, Robert. **A literatura através do cinema**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2008.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

A REPRESENTAÇÃO DO RIO NA LITERATURA GOIANA

Natália Ferreira Santos^{1*} (Estudante IC) natalia.f.s@outlook.com, **Maria Severina Batista Guimarães¹** (Professora orientadora)

Universidade Estadual de Goiás, câmpus São Luís de Montes Belos

É a partir do reino da imaginação que surgem os impulsos que substanciam o mundo poético. Tal imaginação se estabelece essencialmente com a lei dos quatro elementos naturais, sendo eles fogo, ar, água ou terra. O elemento natural selecionado para substanciar esta pesquisa foi a água, dando enfoque aos rios e sua simbolização para a literatura goiana. Nessa perspectiva esse projeto teve como objetivo selecionar e estudar poetas goianos que apresentassem em sua poética a simbolização do rio, analisando os múltiplos imaginários constituintes desta matéria. Para realização desta pesquisa principiou-se pela pesquisa bibliográfica, com o intuito de selecionar poetas e teóricos que abordassem o tema aqui proposto. Durante a realização desta pesquisa pôde-se perceber que o rio se faz amplamente importante na literatura goiana, e que o mesmo pode ser fonte de múltiplas inspirações, uma vez que sua representação pode se diferir entre diversos poetas. Sendo assim, conclui-se que há um rio interior que substancia os múltiplos imaginários dos poetas, fazendo existir, portanto, diferentes formas de exploração desta matéria poética.

Palavras-chave: Devaneio. Imaginários. Transitoriedade.

Introdução

É a partir do reino da imaginação que surgem os impulsos que substanciam o mundo poético. Segundo Bachelard (1998), tal imaginação se estabelece essencialmente com a lei dos quatro elementos naturais, sendo eles fogo, ar, água ou terra. Os sonhos e devaneios também são dependentes importantes dessas matérias.

Essa pesquisa propõe estudar a materialidade de um dos elementos naturais e observar sua relação com a literatura aqui proposta. O elemento natural selecionado para substanciar esta pesquisa foi a água, dando enfoque aos rios e sua simbolização para a literatura goiana. Observa-se que na geografia de Goiás não há a presença de mares, mas sim de diversos rios que deram origem a muitas culturas existentes no estado. O rio é a matéria que mais fornece fonte de inspiração poética para os poetas goianos, uma vez que é este o elemento cultural mais próximo de tais poetas.

Compreende-se que o rio é a matéria que proporciona aos poetas um

emaranhado de significados, significados esses que formam uma teia de devaneios. A água do rio não está presente apenas na materialidade, esta pode estar no imaginário do poeta, fluindo incessantemente e dando fundamentação à sua poética.

Para a fundamentação desta pesquisa, a principal problemática abordada foi a de observar como as imagens da simbolização do rio se diferenciam entre dois poetas goianos, sendo eles Wesley Peres e Maria Lúcia Bufáical.

Nessa perspectiva, esse projeto teve como objetivo selecionar e estudar poetas goianos que apresentassem em sua poética a simbolização do rio, analisando os múltiplos imaginários constituintes desta matéria.

Material e Métodos

A metodologia utilizada para a execução desse projeto se qualifica essencialmente como a de revisão bibliográfica. A teoria utilizada foi sugerida pela orientadora do projeto, e após a leitura minuciosa de tais teorias, fez-se então a seleção dos poetas a serem analisados, os critérios de seleção foram: Poetas goianos que publicaram de 1990 até os dias atuais e que apresentassem em suas poéticas a temática do rio.

Resultados e Discussão

A água é um dos principais elementos poéticos, pois somente ela pode desencadear sentimentos reflexíveis a partir de diversos imaginários. Ao contemplar a água o poeta exerce um fascínio, extraindo desta, significados densos e profundos, tais quais, pureza, beleza, nostalgia, transitoriedade, esperança, saudade, devaneio, despedida, vida, morte, conforto e uma variedade de estados de espírito (CHIAPETTI; CHIAPETTI, 2011).

Segundo Rebouças (2002) a água é capaz de tocar o imaginário pelo fato de que os poetas ajustam a matéria da água a partir de suas próprias imagens, ou seja, o ambiente em que se está inserido, as emoções que o substancia, realidade em que vivencia, ou até mesmo, irrealidade que busca materializar.

Apesar de muitos poetas optarem pelo elemento poético da água a partir do mar, é o rio que substancia o devaneio natural, pois “Mesmo que a água do mar

anime diversas mitologias, nenhuma destas pode ser considerada mitologia primitiva, porque o sal impede um dos devaneios mais naturais que existe, o devaneio da doçura” (TURCHI, 2009).

O rio, além de ser a essência do devaneio natural, é também a principal fonte de inspiração para os poetas goianos, pois, este está efetivamente ligado à cultura primordial de Goiás. Observa-se que o estado em questão não apresenta em sua geografia a presença de mares, mas uma extensa variedade de rios, que passa a ser dessa forma a matéria dos poetas.

Para Bachelard (1998) a água é um elemento feminino incapaz de se virilizar, essa afirmação se evidencia pelo fato de que a pureza e a doçura do rio se assemelha com as definições femininas. A água dos rios, assim como as mulheres, representa fertilidade, onde ambos são mecanismos essenciais para gerar a vida.

A docilidade e pureza do rio, que são também elementos femininos, parecem no seguinte poema de Bufaiçal (2009, p. 21):

III

Confusos, torturados, feridos
os homens chegaram
de muitos caminhos:
vieram lavar suas dores,
desatar os nós das almas
na doce água do rio.

Araguaia, Araguaia,
antiga é tua memória
-mais antiga do que os homens.
Receba-os mais uma vez,
canta com eles o canto,
penetra o sonho dos homens,
o sono,
o amanhecer.
E eles se olharão nos olhos,
trarão peixes, amarão.
Serão alegres os homens
Serão melhores que são.

Percebe-se neste poema que a doce água do rio é um elemento material, mas também imaginário, onde o eu-lírico consegue enxergar além da realidade, observando que através da doçura do rio poder-se-á lavar todas as dores e se livrar dos nós da vida. É possível observar também neste poema a oposição entre a

virilidade (do homem que se banha) e da feminilidade (o rio), compreende-se que o rio jamais se masculinizará e que o homem procura sempre a pureza do rio para que, com sua correnteza, se livre do amargo da vida, uma vez que ele por si só não consegue atingir a profundidade da doçura.

Como já enfatizado, a imagem do rio vai além da matéria em si, Bachelard (1998) afirma que a contemplação do rio pode ser feita através dos sonhos e do devaneio, e não necessariamente com a contemplação, uma vez que o rio está dentro do poeta. Turchi (2009, p. 10) compreende tal devaneio nos poemas de Bufaiçal (2009), considerando o seguinte aspecto: “A poetisa vai ao encontro do rio-símbolo que vive dentro de nós, no nosso imaginário, nos nossos desejos e sonhos”. Tal busca por esse rio interior aparece no seguinte poema da poetisa:

I
Vou ao encontro do rio
que vive dentro de mim
vou ao encontro da índia
que canta dentro de mim

Vou para a areia do rio
que já espera por mim
amante terno, lascivo,
o Araguaia, o Araguaia
chama por mim

Rio pai
Água mãe
Da vida
correnteza dentro de mim
(BUFÁIÇAL, 2009, p. 17)

Observa-se que a imagem do rio expressa na poesia é uma imagem que vem do devaneio, da imaginação do eu-lírico, uma vez que, por mais material que seja a água, ela consegue envolver os sonhos e servir de fonte de inspiração poética, como no caso da poesia observada (GRATÃO, 2002).

Outra característica essencial dos imaginários constituintes do rio é a transitoriedade. O homem nunca pode se banhar no mesmo rio duas vezes, pois, a água do rio renova-se incessantemente (HERÁCLITO, 1996). E, juntamente com a transição do rio, o poeta encontra em seu devaneio formas de se renovar ao banhar-se em sua correnteza. Tal transitoriedade pode ser analisada na seguinte estrofe do

poema IX de Bufáçal:

IX

[...]

Água do rio, forte, bravia, veloz
nunca a mesma
e sempre a terminar em seu começo.
Mais uma vez quedamos possuídos de silêncio
e nossa presença risca a paisagem.
E por mais que saibamos de ti
serás sempre um segredo
e o que mais amamos em ti
mais claro é
em tua ausência.
(BUFÁÇAL, 2009, p. 57).

É possível compreender que a imagem que se tem do rio que “corre” pode ser assemelhada com o curso da própria vida, que está sempre em transição. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2007, p. 781):

[...] seja a descer as montanhas ou a percorrer sinuosas trajetórias através dos vales, escoando-se nos lagos ou nos mares, o rio simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e a variedade de seus desvios.

Continuando nos devaneios e imaginários dos poetas goianos, surge a necessidade de se analisar outro poeta que também faz do rio sua própria matéria de inspiração poética, Wesley Peres também sintetiza em sua poética a representação das imagens do rio, porém, diferentemente de Bufáçal, Peres universaliza seus poemas ao retratar um rio que pode ser qualquer um existente na materialidade ou no devaneio. Observa-se que Bufáçal retrata, em sua maioria, o rio do cerrado, dando ênfase excessivamente ao Araguaia, já Peres universaliza seu espaço poético, fazendo acontecer o que Ramos (2015) chama de não espaço.

Esse não espaço recorrente à Peres é compreendido no seguinte poema:

rio revoando
o fundo do sol
molhando de acordes o vento
com seus peixes correntes,
elos entre a madeira das nuvens,
nós na corrente sanguínea

REALIZAÇÃO



do deus por quando nossas aves caminham

rio-fáctuo, molhado de mãos,
noite composta a dedo
como fezes à luz de Van Gogh,
tridimensionando círculos,
matéria desses peixes sobre a chuva

poemar, tanger águas meras,
iluminando trechos de folhas
movidos a formigas que,
horizontalmente, chovem-se,
à margem desse rio entre
minhas orelhas mirando
o eterno mundo sem palavras
de um rio revoando
(PERES, 2003, p. 151)

Observa-se que o rio revoando de Peres pode ser qualquer um no mundo, ou ter diferentes formas de sentido em diversos imaginários, esse não espaço recorrente no poeta faz com que qualquer leitor se sinta representado, se identificando, assim, com a poética e criando seu próprio rio interior.

O não espaço em Peres se faz tão recorrente que o poeta, em muitos de seus poemas, não usa a palavra “rio”, porém seleciona tão cuidadosamente as palavras que evidenciam seu devaneio, que fica explícito a matéria a qual se refere, o rio:

Percorre como um caule ou a morte,
percorre como a mão percorre o tempo
ou como a superfície do vento se percorre,
percorre, mortalmente, uma rua numa tarde sem estrelas
e em que a neve brilha o brilho de um corpo
ou das frases nuas enrolando um demônio morto

um vidro quebrado no asfalto: intermeando o vidro e o passante,
por sobre o reflexo torto, uma formiga, espremida pela imagem
que transita entre o vidro e o passante, numa linguagem nua
movida a raios de lua ou de sol ou pela coisa nenhuma
pensada agora pelo passante que percorre.
(PERES, 2003, p. 40).

Observa-se que não há no poema em questão a citação da palavra “rio”, porém, Peres utiliza palavras tão precisas que o leitor consegue assimilá-las aos devaneios que somente o rio pode subsidiar. Compreende-se que a utilização contínua do verbo “percorrer”, conjugado no presente do indicativo simboliza a

essência do rio, que é a de sempre percorrer no presente, enfatizando que “Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, porque, já em sua profundidade, o ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente o elemento transitório” (BACHELARD, 1998, p. 7).

Mais do que a imagem de transitoriedade do rio que corre, pode-se encontrar nos poemas de Peres a profundidade, que para Bachelard (1998, p. 9) “No tocante ao meu devaneio, não é o infinito que encontro nas águas, mas a profundidade”. Essa profundidade do devaneio pode ser entendida como a imaginação poética, uma vez que o poeta expõe seus sentimentos mais profundos nas “águas que correm no leito de sua imaginação profunda” (TURCHI, 2009, p. 9).

Esses dois elementos do devaneio recorrente ao rio, transitoriedade e profundidade, são concebidos em harmonia no seguinte poema de Peres:

Folheia as profundidades da nuvem,
estica-as na carne das pedras,
antes de um mero gole de vinho,
conta as estrelas de minha voz
sem origem
e cujo destino é essa mesma origem,
e eu, aqui, por entre mim,
com passagem apenas
para o você que atravessa,
de dentro para fora,
a minha janela por quando ouço
os ventos parados molhados
por esse sol alicerçando sombras
emaranhadas nesse seu corpo aí
com você dentro, você
que é sobre tudo corpo e palavras se dizendo,
calo-me para vê-la a me ver calado
sobre as suas rosas destiladas
destinadas a alar de musgos
a minha língua
cansada de secretamente percorrê-la.
(PERES, 2003, p. 62).

Observa-se que a poética utilizada por Peres é imbuída do mais profundo sentimentalismo e idealização, profundidade essa que se mistura com a transitoriedade efêmera. Essa utilização tão diligente das palavras para formar devaneios tão densos é o que faz com que a poética desse poeta seja tão doce

quanto a água do rio (RAMOS, 2015).

Considerações Finais

Esta pesquisa se mostrou relevante, pois, conseguiu-se atingir positivamente os objetivos propostos e responder satisfatoriamente a problemática que evidenciou esse estudo. Percebeu-se que os imaginários poéticos advindos da simbolização do rio se diferem entre os dois poetas estudados, pois, a matéria e as imagens constituintes do rio podem causar devaneios que se diferem entre os poetas, uma vez que, como analisado, há um rio interior que substancia os múltiplos imaginários dos poetas, fazendo existir, portanto, diferentes formas de exploração desta matéria poética.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Dr. Maria Severina Batista Guimarães, por ter confiado em mim para fazer parte de suas pesquisas, pelos ensinamentos que levarei para toda vida, especialmente por ter me ensinado a beleza da poesia goiana. Agradeço também por não ter desistido do projeto pela falta de remuneração, e sempre compreender a minha dificuldade em comparecer à instituição no contraturno das aulas para a realização de orientações, que foram feitas, em suma maioria, via Whatsapp devido à falta de subsídio necessário para meu deslocamento.

Agradeço também à Universidade Estadual de Goiás por proporcionar-me, além de um ensino de qualidade, a realização de pesquisa através do projeto de iniciação científica, enriquecendo assim meu currículo e minha bagagem profissional.

Referências

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins fontes, 1998.

BUFÁIÇAL, M. L. F. **Rio do sonho**. Goiânia: Cânone, 2009.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 21. ed. (Tradução: Vera da Costa

REALIZAÇÃO



e Silva et al.). Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CHIAPETTI, R. J. N.; CHIAPETTI, J. A água e os rios: imagens e imaginários da natureza. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 67-86, 2011.

ESTES, C. P. As águas claras: O sustento da vida criativa. In: ESTES, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 223-249.

GRATÃO, L. H. B. **A Poética d' "Rio"**: Araguaia! De cheias... E... Vazantes... (À) Luz da Imaginação! 2002. 354 f. Tese. (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

HERÁCLITO. **Fragmentos** (Sobre a natureza). São Paulo: Abril Cultural, 1996.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PERES, W. G. **Rio revoando**. 2 ed. São Paulo, Com-arte, 2003.

RAMOS, C. de M. de A. Thiago de Mello: um rio de água-vida. **Terra das águas**: revista de estudos amazônicos, v. 1, n. 2, p. 137-149, 1999.

RAMOS, R. C. O não espaço em Wesley Peres: narrativas líricas em deslocamento. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 1, p. 103-120, 2015.

REBOUÇAS, A. C. Água doce no mundo e no Brasil. In: REBOUÇAS, A. C.; BRAGA, B. E.; TUNDISI, J. G. (Orgs.). **Águas doces no Brasil**: capital ecológico, uso e conservação. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

TURCHI, M. Z. A poesia de água e de sonho. In: BUFÁIÇAL, M. L. F. **Rio do sonho**. Goiânia: Cãnone, 2009.

A tragédia do Césio-137 recontada no romance *Pão cozido debaixo de brasa*: o resgate da memória em sala de aula

Daniela Santana Santos¹ (IC)*, Nismária Alves David² (PQ), danielasantos0106@hotmail.com

Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Câmpus Pires do Rio

Resumo: Este trabalho relata os resultados obtidos a partir da pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvida no período de agosto de 2018 a julho de 2019. O objetivo central dedicou-se ao estudo do romance *Pão cozido debaixo de brasa*, do escritor goiano Miguel Jorge. O referido livro foi publicado em 1997, vindo a ser ganhador do Prêmio Machado de Assis 1997 de Literatura da Biblioteca Nacional. Por meio de sua análise, foi possível compreender as relações entre Literatura e História e revisitar a memória da tragédia do Césio-137, ocorrida na cidade de Goiânia no ano de 1987. Esta abordagem foi compartilhada em uma sala de aula de Ensino Fundamental da rede pública de ensino, na cidade de Pires do Rio - GO. Trata-se de uma iniciativa que buscou contribuir com a área de Estudos Literários, especialmente aos estudos de literatura produzida por autores goianos, por levar a produção literária de Miguel Jorge para a escola.

Palavras-chave: Literatura. História. Miguel Jorge. Escola.

Introdução

No período de agosto de 2018 a julho de 2019, com o financiamento do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq, debruçamo-nos sobre o livro *Pão cozido debaixo de brasa*, romance publicado no ano de 1997 e que angariou o Prêmio Machado de Assis 1997 de Literatura da Biblioteca Nacional. Seu autor é Miguel Jorge, nascido em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, radicou-se no estado de Goiás, em especial, na cidade de Goiânia, onde reside atualmente. Formou-se em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Direito e Letras Vernáculas pela Universidade Católica de Goiás (hoje PUC-GO). É autor de uma variedade de obras, que inclui romance, teatro, poesia e roteiros de cinema. Dentre sua produção literária, além de *Pão cozido*, podemos destacar os livros *Veias e Vinhas* (romance, 1981), que foi adaptado para cinema em 2006, e *Nos ombros do cão* (romance, 1991).

REALIZAÇÃO

O fato que motivou a escolha deste livro é que seu enredo elabora um diálogo intertextual com os fatos históricos referentes ao acidente radiológico do Césio-137, ocorrido na cidade de Goiânia. Trata-se de uma tragédia nuclear que é considerada a segunda maior da história, logo após o acidente de Chernobyl, na Ucrânia, em 1986. No dia 13 de setembro de 1987, dois catadores de recicláveis, depois de encontrarem um aparelho de radioterapia abandonado, desmontaram-no e o venderam a um ferro-velho. Ambos os homens estavam ignorantes de que o pó azul encontrado no interior daquela peça se tratava do Césio-137, elemento químico altamente radioativo. Isso resultou em mortes como a da menina Leide das Neves e na contaminação de inúmeras pessoas.

Mais de 30 anos se passaram e o que se nota, por meio de pesquisa empírica, é que muitos jovens estudantes goianos desconhecem a própria história: sabem pouco ou quase nada sobre a tragédia do Césio-137. Pensando nisso, levamos a leitura do romance *Pão cozido debaixo de brasa* para a escola como uma estratégia de revisitar a memória histórica do acidente radioativo, que não deve ser esquecida. Isso porque a literatura tem o papel fundamental de dialogar com a História e, para Jeanne Gagnebim (2009), em *Lembrar, escrever e esquecer*, baseando-se em Walter Benjamin, é importante “não deixar o passado cair no esquecimento”.

Material e Métodos

Esta pesquisa científica dividiu-se em duas etapas: uma bibliográfica e outra de pesquisa de campo.

A princípio, realizamos a leitura de *Pão cozido debaixo de brasa* e destacamos as partes mais interessantes. Também fizemos o levantamento de fatos verídicos acerca do acidente radiológico com o Césio-137, ocorrido na cidade de Goiânia em 1987, e que aparece figurativizado no enredo do referido romance. Ainda, por meio de fontes da Internet, buscamos e realizamos a leitura de parte da fortuna crítica do escritor Miguel Jorge.

Após fazermos o contato com a escola em que a pesquisa de campo foi realizada e termos recebido o aceite, sistematizamos o cronograma a ser seguido

para que o livro fosse levado à sala de aula e viesse a ser conhecido pelos alunos.

□

Resultados e Discussão

Por meio da pesquisa bibliográfica, foi possível constatar que *Pão cozido debaixo de brasa*, diferente do romance histórico tradicional em que a história é reconstruída mediante pesquisas documentais, Miguel Jorge reinterpreta e reescreve o fato histórico com artimanhas ficcionais como ambiguidade, ironia, acontecimentos insólitos, fazendo conviver personagens reais e fictícias. Revivem, pela memória e pela palavra, os acontecimentos e fatos, recriando-os por intermédio da imaginação.

Chama a atenção o modo de apresentação da cidade que se traduz, nas palavras de Carla Reis de Oliveira (2015, p. 68), da seguinte forma: “A cidade de *Pão cozido debaixo de brasa* é como se fosse um ser vivo, instaurado por meio da linguagem do narrador, construída no texto para dar voz aos seus habitantes, seres vulneráveis submetidos à opressão”.

Em “Os outros intestinos: a escrita experimental-visceral de Miguel Jorge”, o professor Ravel Giordano Paz, ressalta que Miguel Jorge conjuga experimentação formal e profunda preocupação com a realidade social, possivelmente uma herança da participação do romancista no Grupo dos Escritores Novos (GEN), no período de 1964 a 1968 em Goiânia, em torno da poesia-práxis de Mario Chamie (PAZ, 2008).

O livro de Miguel Jorge não possui uma estrutura linear na narrativa, há uma fragmentação do texto na intercalação de dois núcleos de personagens, o que manifesta o caráter lúdico na atividade literária de narrar. Esse experimentalismo narrativo de Jorge, que joga com o real e o fictício, é materializado por imagens visuais (que lembram quadros e cenários) e linguagem, associando sentidos próprios e figurados, o que permite as interpretações.

Para Staiger (1997), a atitude lírica de recordação serve à presentificação do passado. No romance em foco, vê-se essa atitude lírica e, assim, reviver o passado é uma forma de lhe atribuir sentido. Por recontar a tragédia histórica do Césio-137, Miguel Jorge permite a leitura do tecido social, mas também apresenta a busca



incessante do ser humano no que se refere a entender o passado, o presente e o futuro.

Após a pesquisa bibliográfica, foi elaborada uma sequência didática com o propósito de ser aplicada em sala de aula. Quanto à pesquisa de campo, esta foi desenvolvida com alunos de 7º e 9º anos (Ensino Fundamental) de uma escola da rede estadual de ensino, na cidade de Pires do Rio-GO. O objetivo que direcionou a elaboração da sequência didática foi a consciência da necessidade da leitura de literatura e de que como esta pode dialogar com fatos históricos. Dessa forma, destacou-se o livro *Pão cozido debaixo de brasa* e como se dá o seu diálogo com a História de Goiás.

Para a condução da aula, contamos com a colaboração da professora regente das turmas escolhidas. Adotamos a perspectiva sócio interacionista que valoriza a interação entre professor-aluno e aluno-aluno, por meio da comunicação e da troca de conhecimentos.

Com base no levantamento prévio de informações relevantes para a compreensão da tragédia do Césio-137, primeiramente, em sala de aula, buscamos identificar se os alunos conheciam os fatos históricos. Trata-se da sondagem inicial que foi importante para o desenvolvimento da aula. Isso oportunizou aos alunos a expressão oral, bem como lhes permitiu voltar para a história de sua região e, como um processo de autorreflexão, constatarem o quanto conheciam ou não seu passado coletivo.

Após os alunos manifestarem oralmente acerca do que sabiam sobre o Césio-137, passamos a explicar acerca dos fatos ocorridos na cidade de Goiânia. Os alunos demonstraram bastante interesse sobre o assunto, ouvindo com atenção, participando ativamente da aula e questionando com curiosidade.

Cabe ao professor decidir o que vai ser ensinado ao aluno, a partir da definição dos objetivos que pretende alcançar, e assim definir quais ações concretas serão adotadas. Dessa maneira, entregamos uma folha impressa com a seleção das informações mais relevantes sobre o acidente radioativo. Para esclarecer aos presentes em sala de aula, empregamos o projetor de slides que possibilitou a visualização de imagens do fato. Tratamos sobre as possíveis causas e as principais



consequências do ocorrido. Recorremos a recursos audiovisuais como, por exemplo, documentário, reportagem e filme que abordavam a tragédia.

Na sequência, passamos a abordar a literatura goiana, questionando se os alunos já conheciam o romance *Pão cozido* e o escritor Miguel Jorge. Também apontamos outros livros que abordam o Césio-137, mas, é claro, demos destaque para o livro miguelino. Os alunos não tinham conhecimento nem experiência de leitura de literatura goiana. Foi apresentado o referido livro, salientando as diferenças entre a linguagem literária e a linguagem não-literária. À medida que o aluno pode constatar essas diferenças, pode também reconhecer as características do gênero textual literário.

Para finalizar o trabalho, foi solicitada aos alunos a produção de um texto que abarcasse, em seu conteúdo, os fatos históricos e a literatura de Miguel Jorge, oferecendo a opinião crítica sobre todo o conteúdo discutido. Essa atividade de expressão escrita foi feita individualmente, dando a oportunidade aos alunos de argumentação e de desenvolvimento de sua competência linguístico-discursiva, em outras palavras, passou-se para a produção autoral de textos.

O gênero solicitado foi um artigo de opinião cuja estrutura deveria trazer uma tese, os argumentos da tese e a conclusão retomando a tese. Enfim, devemos informar que as análises dos textos produzidos pelos alunos serão objeto de estudo de um trabalho futuro.

Considerações Finais

Em suma, esta pesquisa proporcionou a investigação teórico-crítica sobre os fatos históricos relacionados ao acidente radioativo do Césio-137. Depois, possibilitou a organização e o planejamento de uma sequência didática voltada para o ensino interdisciplinar entre Literatura e História. E, por último, foi possível a realização das atividades planejadas em sala de aula.

A adoção do trabalho interdisciplinar com os conteúdos evita que ocorra a fragmentação dos saberes, para que o aluno possa ter uma aprendizagem global. Sem dúvida, foi possível verificar que os alunos progrediram no sentido de que



obtiveram mais conhecimento sobre o assunto trabalhado em sala de aula, desde a sondagem inicial até a atividade final.

Tanto a prática da leitura quanto a prática da escrita são fundamentais para a formação do aluno. As atividades propostas permitiram aos alunos voltar para a história de sua região e, num processo de autorreflexão, constatar o quanto conheciam ou não seu passado. Dessa forma, foram motivados a ter uma visão crítica sobre os fatos e a repensar sua condição de cidadão. Assim, os alunos puderam refletir sobre o passado, sua atuação no presente e o que se espera para o futuro. Além disso, buscou-se despertar neles o interesse por conhecer mais sobre História e Literatura, dando importância à memória.

Vimos que há a necessidade de que mais pesquisas desenvolvidas na universidade sejam levadas para a escola. E, por fim, o desenvolvimento desta pesquisa contribuiu com o aprimoramento intelectual da bolsista envolvida, no sentido de motivar seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que será na área de Estudos Literários.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq pela concessão da bolsa de Iniciação Científica.

Referências

GAGNEBIM, Jeanne. *Lembrar, escrever e esquecer*. São Paulo: 34, 2009.

JORGE, Miguel. *Pão cozido debaixo de brasa*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2004.

OLIVEIRA, Carla Reis de. *O espaço romanesco e a personagem, em Pão cozido debaixo de brasa, de Miguel Jorge*. 149f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015.

PAZ, Ravel Giordano. Os outros intestinos: a escrita experimental-visceral de Miguel Jorge. *XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*. São Paulo: USP, 2008.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais de poética*. 3. ed. Tradução Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



CAMPO E CIDADE EM ABAIXO DO PARAÍSO, DE ANDRÉ DE LEONES

Max Henrik Marquezan Silva^{1*} (IC), Ewerton Ingácio de Freitas² (PQ)

1 Graduando do Curso de História da Universidade Estadual de Goiás – UEG/CSEH. Email: maxmarquezan@hotmail.com

2 Doutor e Pós-Doutor em Literaturas em Língua Portuguesa UNESP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado (TECCER), da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Resumo: A literatura é um importante alicerce que sustenta a nossa sociedade. Ela nos permite enxergar a partir de novas visões e perspectivas os diversos aspectos que nos rodeiam, possibilitando uma melhor compreensão de nossa história. Com ela percebemos melhor as relações sociais que rodeiam um contexto, dando maior clareza ao estudo da sociedade humana. Nesse projeto de pesquisa analisamos a representação de campo e cidade na literatura goiana, mais especificamente em *Abaixo do Paraíso*, obra de André de Leones, buscando levantar os elementos que constroem uma cidade e a dão vida.

Palavras-chave: Literatura. Campo. Cidade.

Introdução

Do que é feito uma cidade? Quais componentes possibilitam dar forma a esse espaço? É caracterizada por elementos semelhantes que a eleva a essa categoria ou por particularidades que a torna única? Esse espaço que abriga uma gama de povos carrega em sua essência elementos que são definidos de acordo com a sociedade que a compõem e, simultaneamente, forma essa sociedade em todos os aspectos de sua vivência social. Segundo Fustel de Coulanges (2009) a cidade não é uma reunião de indivíduos: mas sim a união de vários grupos distintos, que se constituíram antes mesmo de sua formação.

Um ponto importante no estudo das cidades é a forma em que elas são retratadas e descritas. Na obra de Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis* (1972), o viajante Marco Polo descreve as cidades que visitou para o imperador Kublai Khan, levantando suas características particulares, mas, sobretudo, seus encontros em semelhanças, com uma rica narrativa. Nasr Chaul, em seu estudo da construção da

capital do Estado de Goiás, traça em algumas linhas características da cidade Goiânia, de uma forma poética que se assemelha com as descrições de Marco Polo:

Goiânia é bonita e perigosa. Agora aos 80 anos, está mais astuta, cada vez mais experiente, mesmo sem dar conta das rugas violentas que o tempo moldou a contragosto em sua face mais real e menos poética. A Capital se porta com elegância e destaque na paisagem de eterna primavera de suas praças e jardins suspensos de outras babilônias. Senhora entre lindas mulheres, caminha na multiplicação de seus problemas, quase que indiferente às mudanças de suas ruas e trajetos, quase que ignorando seus passageiros políticos, quase sem notar a onda de cultura que transforma seu sertão em mar. Goiânia é também, sobretudo, a criatura que sobrevive aos criadores. (CHAUL, 2015, p. 25).

Assim, apenas com as narrativas consegue-se perceber as similaridades e particularidades de cada cidade, dando ênfase especial às semelhanças existentes, apesar de culturas e tradições completamente distintas.

A certa altura de *As cidades invisíveis*, o livro de Italo Calvino, Kublai Khan percebe que as cidades que Marco Polo lhe descreve eram todas parecidas. Compunham-se elas pela mera troca de elementos. Cada nova cidade era uma recombinação desses mesmos elementos, variações do mesmo modelo. O imperador esperto deixa-se, então, levar pela fantasia e autonomiza-se em relação à fala descritiva do veneziano. Que faz, quando traduz a estratégia do narrador? “Desmontando a cidade pedaço por pedaço, ele a reconstruía de outra maneira, substituindo ingredientes, deslocando-os, invertendo-os.” Passa também a construtor de cidades que não são fiéis às que lhe são apresentadas. É arrastado, enquanto leitor, pelo movimento permutacional no mundo vicário dos signos. O jogo da circulação da linguagem se descentra e possibilita novas leituras. (GOMES, 1994, p. 17).

Dessa forma as cidades são únicas, e, ao mesmo tempo, são iguais. Únicas em seu sentido, em sua organização, em todo um espécime que aparata um sentimento harmonioso de identidade, que alcança uma simples e complexa definição dessa singularidade, e iguais em seus objetivos de constituição e necessidade, em sua inclinação natural, acompanhada ao processo de modernização, algumas com maior disposição e outras com menor, mas sempre presente, o que é perceptível na linha temporal histórica dessa cidade, remontado em seu passado e refletido em seu futuro, entretanto,

a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1990, p.14-15).



Ao definir o que forma a cidade, conseqüentemente se consegue defini-la e observar a que necessidades humanas ela atende. Mas antes de pensar a cidade, ou analisar suas representações, deve-se antes compreender a sociedade que preenche seu espaço, que existe desde antes da criação das cidades, e até os dias de hoje, apesar de em menor grau, reside em outro espaço que não a cidade, mas que se opõe a ela, e ainda sim fundamental para a existência humana: o campo. Esse espaço apesar de se localizar fora do perímetro urbano mantém uma relação com a cidade e vice-versa. Dessa forma a sociedade existente em um espaço se relaciona e dialoga com outro espaço, o que mostra a importância da formação e organização social para o núcleo espacial. Com isso a cidade carrega não só sua história, mas a história de uma sociedade, bem como os costumes e culturas de seus antepassados.

Desse modo, a sociedade humana, nessa raça, não cresceu à maneira de um círculo que se ampliasse pouco a pouco, alargando-se paulatinamente. São, ao contrário, pequenos grupos que, constituídos muito tempo antes, se agregam uns aos outros. Várias famílias formaram a fratria; várias fratrias, a tribo; várias tribos, a cidade. Família, fratria, tribo, cidade são, de resto, sociedades extremamente semelhantes entre si, nascidas uma da outra por uma série de federações. (COULANGES, 2009, p. 143).

Marcada e feita de história, a cidade se insere nesse espaço-tempo da vida humana como um marco da evolução das estruturas sociais, que viu ao longo da linha histórica outras formas de organização social que progrediu fundida em encontros e desencontros de culturas e povos distintos. Assim pode-se afirmar que a cidade, apesar de ter aspectos particulares, é formada de uma pluridiversidade, que se convergiu ao longo de seus anos, chegando ao que se tem hoje, mas sem apagar os resquícios fundamentais de seu processo de formação. Como nos mostra Fustel de Coulanges, de início a única forma de sociedade era a família com suas limitações a natureza humana, incompleta, com seus próprios deuses e seu culto doméstico, uma expectativa muito pequena para a capacidade humana, que logo viria a ser superada. Com o passar do tempo inevitavelmente ocorreu a união de famílias, fenômeno que formou um grupo chamado fratria, o que se deu a partir da ampliação da ideia de divindade e religião. Essa ampliação naturalmente se manteve, até que se evoluiu para outra forma de sociedade, chamada de tribo. (2009, p.133-135). Nessa evolução de sociedade, como em quaisquer avanços ou

transições, é marcada por rupturas na estrutura social, o que nesses casos é fundamentalmente regida pelo pensamento religioso, e pela evolução do culto aos deuses e à natureza. Isso não acontece apenas nas sociedades “primitivas”, mas é visível a influência da religião na organização das cidades mesmo nos dias de hoje, atuando às vezes até mesmo como motor social.

Ao longo desse progresso vê-se um processo de sofisticação da estrutura social, o que compreende não só a religião, mas as relações humanas de praxe, como a economia e a política, em constante evolução até dar forma no tipo de sociedade mais avançada: cidade.

A tribo, como a família e a fratria, era constituída para ser um corpo independente, visto que tinha um culto especial de que estava excluído o estrangeiro. Uma vez formada, nenhuma família nova podia ser admitida. Duas tribos tampouco podiam fundir-se numa só; sua religião opunha-se a isso. Mas assim como diversas fratrias se haviam reunido numa tribo, várias tribos puderam associar-se entre si, com a condição de que fosse respeitado o culto de cada uma delas. O dia em que se fez essa aliança, a cidade passou a existir. (COULANGES, 2009, p.143).

Pensando na cidade dessa forma, este projeto de pesquisa foi realizado visando analisar o campo e a cidade na obra *Abaixo do Paraíso*, do autor goiano André de Leones, observando o constante diálogo entre esses dois espaços.

André de Leones, escritor goiano, nasceu em 1980 na cidade de Goiânia, porém foi criado em Silvânia, interior do estado. Ganhador do Prêmio SESC em 2005 publicou em 2006 a obra vencedora *Hoje o dia está morto*. Depois disso, desperta o interesse de editoras publicando vários romances, assim como uma coletânea de contos e uma novela *Paz na terra entre monstros* (2008), passando a viver da escrita. Muda-se para São Paulo em 2010. Além de romances, ele também escreve resenhas literárias e crônicas para jornais.

É possível observar, no conjunto da obra romanesca de André de Leones, uma cuidadosa representação das experiências urbanas vivenciadas por suas personagens. Desse modo é que, em seu romance *Como desaparecer completamente* (2010), tem-se uma linguagem vazada de modo claro, direto, que plasma uma história fragmentada, como cacos de experiências (urbanas) que vão se acumulando até formarem um aglutinado ficcional permeado de sexo e violência. No romance que estamos analisando, *Abaixo do paraíso*, publicado em 2016, tem-se

uma obra bem escrita, densa, que plasma um rico e profundo universo psicológico. A narrativa apresenta a história de um protagonista violento, embora sem ideia do motivo de ser assim, que transita entre a cidade e o campo cada espaço sendo retratado com suas especificidades. Essas figurações da experiência urbana e rural na prosa do goiano André de Leones, longe de aproximar os seres e o contexto citadino à sua volta, desvelam aspectos de várias vivências balizadas por questões como a solidão, a ausência de uma total comunicabilidade entre o homem e seus pares, o sentimento de desnoriteio, a ausência de sólidas referências familiares, questões que, em seu conjunto, conduzem a uma sensação de tédio e de desencanto. Em Abaixo do paraíso, porém, a família, distribuída entre campo e cidade, é mostrada por meio de uma narrativa que a coloca como porto seguro pro indivíduo e também como espaço de tentação e equívocos, incesto e relações moldadas por aproximação e distanciamento.

Material e Métodos

A pesquisa é de cunho bibliográfico. Inicialmente foram realizadas leituras quanto a vida e obras do autor André de Leones. Em seguida, fez-se a primeira leitura da obra a ser analisada aqui, Abaixo do paraíso (2011), com o intuito de se conhecer os personagens e enredo, assim como as paisagens urbanas apresentadas nela.

Depois nos debruçamos sobre livros e artigos que apresentam temas relevantes a pesquisa, como: As cidades invisíveis, de Ítalo Calvino, Todas as cidades, a cidade (1994), Renato Cordeiro Gomes, Do campo abandonado para a cidade suportada (2010), Ewerton Ignácio. Também foi analisado A Cidade Antiga (2009), de Fustel de Coulanges, Goiânia em Mosaico: visões sobre a capital do cerrado (SILVA & OLIVEIRA, 2015). Foram realizados fichamentos e interpretação dos textos lidos para dessa forma serem aplicados à análise do romance. A próxima etapa consiste na releitura da obra de Leones para um maior aprofundamento na análise, focando principalmente na representação da cidade em um mundo pós-apocalíptico; para terminarmos com uma possível publicação de artigo.

Resultados e Discussão

REALIZAÇÃO



Abaixo do Paraíso, obra de André de Leones, é um romance que foca na corrupção e como ela gira na sociedade goiana urbana. Ao longo da leitura, que é leve e fascinante, pode-se perceber que o tempo no decorrer da narrativa não é constante, com as cenas iniciais mais rápidas em relação ao restante da obra, onde as cenas passam a demorar mais. Na medida que se desacelera o ritmo narrativo, a obra vai se afunilando em um descompasso surpreendente.

O romance gira em torno de Cristiano, um homem no submundo que trabalha fazendo serviços para políticos, junto com seu amigo Paulo que trabalha de dentro, no eixo político, que fica entre Cristiano e as tarefas dos políticos. A obra se inicia com Cristiano retornando à Goiânia após um longo período de sumiço, pedindo para passar a noite, ou o que restava dela, na casa de seu velho amigo Paulo. Além do abrigo, logo pela manhã Paulo arruma um “trabalho” para Cristiano, como ele fazia antigamente, “Nada de novo. Uma troca. Ainda não peguei os detalhes, mas sei o que é isso. Nada de mais. Você leva um pacote e traz outro. Já fez isso um milhão de vezes.” (LEONES, p.21). Esses serviços realizados por pessoas fora da folha de pagamento, rostos desconhecidos, realizando as artimanhas políticas, representa a estrutura política e seus atritos e desgastes, a forma como tudo gira, em torno do lucro e da corrupção, esse era o mundo que Cristiano e Paulo trabalhavam. Aquele era o mundo do nada, ou, talvez, o submundo do tudo, a parte inferior do iceberg político, invisível ao olhar amador, mas necessário para a sustentação do visível, da aparência, e, embora todos têm uma certa consciência da existência do iceberg submerso, tendem a ignorá-lo, enfileirados, padronizados, pelo sistema, no sistema, pelo bem maior do convívio social; a ausência do caos, que implica na ausência de perguntas, na ausência de respostas e na ausência do próprio ser.

Essas características acompanharam o processo de evolução das cidades e do indivíduo urbano, alienados à constante modernização e progresso do mundo, o que não contemplou o meio rural. O crescimento urbano em concordância com o êxodo rural está diretamente fundamentado ao processo de modernização da sociedade, em todos os aspectos que tangem a vida social, distanciando o homem da natureza e da vida “selvagem”, e o colocando no trilho do progresso. Goiânia, a



cidade onde se inicia o romance, representa fielmente essa questão da modernidade. Marcado por um marasmo, estagnado no tempo, o sertão goiano viu na mudança da capital, e na construção de uma nova cidade, a esperança de mudança e melhorias de vida.

Goiânia é um pedaço de modernidade, cravado no sertão goiano. Capim em meio ao concreto, crescendo desordenadamente por entre bairros e vilas, luz neon em contraste com o entardecer do interior de Goiás, essa Capital planejada se mistura com a própria história dos anos 30 da história desse Estado. A cidade nasceu para ser Capital. Sem infância histórica e adolescência interior, está madura demais para tão pouco tempo de criação. (CHAUL, 2015, p. 11).

Pela manhã os companheiros se reúnem em um boteco para discutir o “trabalho”, onde nesse ponto se inicia as peripécias da vida de Cristiano, onde começa sua jornada transitória pelo sertão goiano, entre cidade e campo, capital e interior, o que é fundamental para o desenrolar do romance. Leones consegue ao entrar em cada cidade definir suas características a partir de sua forma e de suas linhas. Goiânia, a imunda epiderme urbana, um organismo vivo formado de uma massa uniformizada e padronizada, ao redor de *Art Deco*. (LEONES, p. 42). “Goiânia tem útero macunaímico, formação geral entre o urbano e o rural, Art déco, berrante sampliado em múltiplos tons.” (CHAUL, p.24, 2015). Caracterizada por sua *Art Deco*, é possível ler a história da capital goiana, do marco de modernidade do cerrado, em seus prédios que cercam as ruas movimentadas, em sua geometria singular.

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaira como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaira. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1990, p. 14-15).

Dessa forma a cidade nos mostra sua história, nesse caso a história de uma ruptura, de uma transição de capital, e lançando a cidade ascendente como um símbolo de modernidade, que serviria para erradicar o marasmo do interior do cerrado.

Naquele momento da vida política nacional e estadual, mudar a Capital significava erguer uma bandeira de luta em torno de uma ideia, e não havia outra. A mudança da Capital passava ao seu significado mais global: um símbolo de ascensão ao poder, uma representação do progresso, do moderno, um divisor de águas entre o velho e o novo Goiás. (CHAUL, 2015,

p. 14).

A questão simbólica de uma cidade da mais sustentabilidade que as vigas de concreto, cria uma identidade com mais eficácia que o simples ato de pertencer, e com Goiânia essa questão permeia até o século XXI. “A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente” (CALVINO, 1990, p. 23), e mesmo quase um século após sua construção a imponência de Goiânia é fixa nos moradores de toda a região, e não só isso, mas até hoje se tem Goiânia como referência, como o auge moderno, o que alcança pontos foras do estado goiano, pois “a memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir.” (CALVINO, 1990, p. 23).

Em suma, Goiânia foi edificada sob o prisma da modernidade, embora ligada à estrutura fundiária. Serviu de estratégia política para seu mentor, Pedro Ludovico, em uma época em que o Governo era provisório e o governante, um Interventor, indo ao encontro das eleições constituintes de 1933, que elegeriam os representantes governamentais e senatoriais em 34. A ideia de mudança da Capital era uma bandeira eleitoral que ocultava a face real de seu intento: não se tratava apenas de deslocar os caiados do centro de poder, Goiânia representava o veículo de condução político-burocrática capaz de levar o Estado a uma maior inserção no mercado nacional, a uma dinamização do processo de acumulação capitalista nas fronteiras economicamente mais desenvolvidas da regional. (CHAUL, 2015, p.16-17).

Cristiano então parte de Goiânia rumo à cidade pujante de Anápolis, com seu característico marco industrial, DAIA, e sua monotonia espalhada pelas avenidas.

A “Manchester goiana não tinha traço distintivo, algo que a tornasse única. Comportava-se como um vila interiorana que inchara demais e nas direções mais esdrúxulas. O distrito industrial e a base militar eram elementos cruciais para essa metástase, mas se situavam acima ou abaixo daquele amontoado urbano descolorido e, dizia-se, superpovoado por evangélicos. (LEONES, p. 60).

Segundo Calvino, quando um edifício não possui um símbolo ou figura, sua localização e sua forma bastam para indicar qual sua função. (1990, p. 17-18). Não poderia se pensar o mesmo de uma cidade que não possui traços únicos? A disposição da cidade de Anápolis, com, além do DAIA, uma vila industrial próximo ao centro da cidade, sua organização nada planejada, não seriam suficientes para defini-la enquanto sua função e necessidade para o estado de Goiás? Pensando

dessa forma a Base Área e o próprio DAIA figuram externamente à cidade, à capital econômica de Goiás, e também, confirmando sua fama, capital evangélica. “Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo existe uma ligação entre eles.” (CALVINO, p.59).

Após os eventos em Anápolis Cristiano parte para Brasília, a capital federal, um confronto constante entre indivíduo e o espaço. Todas as lembranças de Cristiano sobre a cidade era de sua inevitabilidade, e do tráfico que corria leve pelas ruas planas. Nessa cidade ele encontra um “porto seguro”, um motivo para ficar, uma terra firme para fixar suas raízes, que o fazia respirar essa atmosfera febril rotineiramente, que tinha o nome de Mariângela. Pensa em tudo que não viveu, e tudo que não queria ter vivido. Mas foi um rápido pensamento, um futuro passado, um passado inexistente. Precisava seguir adiante

Marco entra numa cidade; vê alguém numa praça que vive uma vida ou um instante que poderiam ser seus; ele podia estar no lugar daquele homem se tivesse parado no tempo tanto tempo atrás, ou então se tanto tempo atrás numa encruzilhada tivesse tomado uma estrada em vez de outra e depois de uma longa viagem se encontrasse no lugar daquele homem e naquela praça. Agora, desse passado real ou hipotético, ele está excluído; não pode parar; deve prosseguir até uma outra cidade em que outro passado aguarda por ele, ou algo que talvez fosse um possível futuro e que agora é o presente de outra pessoa. Os futuros não realizados são apenas ramos do passado: ramos secos. (CALVINO, p. 28-29).

Cristiano prossegue então para outra cidade, onde um passado mais vívido o aguarda, um presente de quem ele havia deixado para trás, sua cidade natal, Silvânia. Nesse ponto há o confronto entre a cidade e o campo, onde vive seu pai, onde nasceu e cresceu. Aquele lugar mudara muito a seus olhos, embora ainda visualizasse como era, mas para seu pai, Lázaro, as mudanças não eram tão visíveis.

Mas não só o campo e a cidade se transformam sob a condição de espaços concretos em constante mutação sócio-histórica: também os modos como ambos são assimilados pelas pessoas, ao longo dos tempos, tem mudado, de acordo as peculiaridades de cada contexto histórico. (IGNÁCIO, 2010, p. 29).

Ao retornar à Silvânia, revê não só a cidade como também rostos conhecidos, além, é claro, de seu pai, de sua irmã e de sua madrasta. Nesses encontros e



reencontros, marcados por emoções, revelações e incesto, Cristiano transita entre o campo e a cidade, entre Silvânia, Vianópolis e Leopoldo de Bulhões (lembrança). Três cidades, especialmente Silvânia e Vianópolis, praticamente idênticas, que talvez lhes faltem a insígnia de caracterização e definição, o que não altera a importância de Silvânia para Cristiano.

Considerações Finais

Ao se deitar sobre leituras, ficcionais ou não, algumas coisas passam despercebidos a nossos olhos. Algumas fundamentais, outras não, mas o fato é que pouca importância é dada a questão da cidade em uma obra literária, na forma em que ela é pensada, construída e retratada, o que influencia diretamente na estrutura do romance. O principal proveito a se tirar desse projeto de pesquisa é esse, a possibilidade de enxergar a cidade e o campo, não só na literatura, mas no ofício de historiador, a possibilidade de analisar seus marcos, suas rupturas, os rastros deixados na história da humanidade, afinal nós somos o espaço em que vivemos. Com esse proveito, a partir da análise da obra *Abaixo do Paraíso*, de André de Leones, novos elementos do romance foram aproveitados com as inúmeras leituras. A consequência do campo e da cidade na vida humana é incontestável e indispensável, apesar das diversas leituras que nos vêm ao alcance.

Referências

- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.
- CHAUL, Nasr Nagib Fayad. Goiânia: a capital do sertão. *In*: SILVA, Ademir Luiz da. & OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. **Goiânia em mosaico – visões sobre a capital do cerrado**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- IGNÁCIO, Ewerton de Freitas. **Do campo abandonado para a cidade suportada: campo e cidade na literatura brasileira**. Universidade Estadual de Goiás, 2010.
- LEONES, André de. **Abaixo do Paraíso**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.



CONSTRUÇÕES DA TRANSEXUALIDADE DA SUJEITO-PERSONAGEM NOMI NA SÉRIE SENSE8.

Marília Silva de Almeida¹ (IC), Guilherme Figueira-Borges² (PQ)

marilialmeida008@gmail.com

¹² Universidade Estadual de Goiás — Campus Morrinhos. R. Quatorze, 327 - Jd. América, Morrinhos - GO, 75650-000

Resumo: O seguinte trabalho tem como propósito estudar as construções de transexualidade da sujeito-personagem Nomi Marks com base na noção do campo da Análise do Discurso Francesa. A partir da análise, encontram-se inquietações sobre a constituição das manifestações discursivas que baseiam, moldam e inserem o corpo transexual na sociedade contemporânea. Traçar uma linha que nos permite sondar sua legítima concepção identitária, traz a possibilidade de tecer considerações sobre a construção da transexualidade na comunidade, permitindo que o conceito de “transexual verdadeiro” seja desconstruído por meio de uma desmistificação do que é um corpo trans. Ao compreender a estruturação de Nomi Marks como uma mulher transgênero, temos a oportunidade de entender a formação de discursos que cercam esse corpo e o delimitam, como também observar os padrões de resistência aos enunciados que ditam não só um modelo de gênero que ele deve em teoria obedecer, mas também os espaços que lhe são ofertados como “cabíveis”.

Palavras-chave: Gênero. Transexualidade. Mulher. Verdadeiro.

Introdução

Com este trabalho, buscamos compreender a construção de transexualidade da sujeito-personagem Nomi Marks que nos é apresentada na série Sense8. Por meio dessa perspectiva, analisamos as construções de transexualidade que incidem sobre a sua materialidade corporal, delineando os discursos que delimitam práticas possíveis para os corpos trans. Perceber os enunciados que emergem na trama-narrativa da série e que traçam as práticas de Nomi, nos permite conceber como as identidades de gênero incidem na constituição da sujeito-personagem e a partir dessa visão, ter um vislumbre da vivência de um corpo trans dentro da sociedade contemporânea.

A série Sense8, lançada em 8 de agosto de 2015, das criadoras de “Matrix”

REALIZAÇÃO

(Lilly e Lana Wachowski) e “Babylon 5” (J. Michael Straczynski), Sense8 narra a história de oito estranhos ao redor do mundo que em determinado momento passam a possuir uma conexão telepática e única, que entrelaça suas vidas como uma só, os oito, passam a ser nomeados como sensetes. Nomi (interpretada por Jamie Clayton) reside na cidade de São Francisco, embora tenha crescido sem o apoio dos pais, contando apenas com o suporte da irmã mais nova, Teagan (Annie Munch), aos 28 anos mostra-se uma orgulhosa mulher transgênero, atuando como blogueira política e ativista.

Material e Métodos

Para analisar o discurso apresentado pela sujeito-personagem, embasamos nos textos fundadores e textos comentadores com abordagem foucaultiana, juntamente de algumas menções a Preciado (2014) e Judith Butler (2013), por se tratar de uma materialidade fílmica, também lançamos o olhar para uma série de recortes de imagens de cenas da série.

Ao observar o sujeito dentro do seu contexto histórico-social, podemos visualizar o trajeto percorrido, bem como as nuances de manifestação discursiva em seu dizer, “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 1999, p. 15), fundamentado por tal teoria, pensamos e refletimos o processo de construção do corpo transexual.

Como pondera Foucault (2014),

[h]ouve, durante a Época Clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo — ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil, ou cujas forças se multiplicam. (2014, p. 134).

Se, notadamente, os corpos dos sujeitos são esquadrihados, reposicionados, moldados para torná-los úteis às instituições sociais, ele deve ser considerado ferramenta e alvo de exercícios de poder, deste ponto, nos surge a necessidade de examinar o corpo trans e os discursos sociais que o rodeiam, como também aqueles que o moldam e atravessam.

Resultados e Discussão

O primeiro discurso a perfurar do corpo trans: o ideal de existir um “verdadeiro transexual”, e por consequência, há o “falso transexual”. Uma vez considerado uma disforia de gênero, espera-se a manifestação de certos níveis de transexualidade. Logo, cria-se expectativas quanto ao corpo do outro, baseando-se em idealizações sobre o que forma a transexualidade tida como legítima ou não. Marcada por uma construção histórico-social quase incapaz de permitir que seja vista com toda a sua amplitude e diversidade, o processo de docilização ao redor da transexualidade, acaba por deslegitimar vozes e experiências que pessoas trans trazem consigo, afim de encontrar uma espécie de modelo padrão para o tido como autêntico dentro de sua formação trans.

[s]egundo Newman, a pergunta que guia as ações do/a profissional de saúde é: “como posso ter certeza que esse paciente é um/a transexual e não está dizendo o que acha que quero ouvir para obter tratamento?”. Pessoas transexuais, por sua vez, se pautam pela pergunta: “como posso convencer esse médico de que sou um/a transexual para ter direito à cirurgia?” Nessa dinâmica, preocupadas em ter sua participação no programa negada, pessoas transexuais rapidamente aprendem “a história de vida necessária para passar por transexuais com sucesso”. (BORBA, 2016, p. 35 - 36).

Isto posto, além de haver uma procura por uma adequação do corpo com aquilo presente no imaginário do sujeito como a figura capaz de o representar dentro do gênero o qual se identifica, os outros ao seu entorno observam essa transição com o intuito de validar ou não a sua identidade transgênero. As modificações pelas quais o corpo trans passa, também podem visar uma passibilidade cisgênero, se vivemos em uma insensata dicotomia de gênero cuja qual compõe-se unicamente pelo “masculino” e “feminino”, a estranheza proporcionada por corpos biologicamente inversos a identificação de gênero do sujeito é acompanhada de uma cobrança por um processo de metamorfose capaz de o fazer mais correspondente.

É importante pontuarmos que apesar dessa espera externa,

O gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. [...] O gênero se parece com o dildo. Ambos, a final vão além da imitação. (PRECIADO, 2014, p. 29)

Assim, como mulher trans, as mudanças que Nomi Marks decide empregar

ao próprio corpo, são acima de tudo, uma transformação que revoluciona sua imagem para a satisfazer, não com o intuito de copiar e/ou falsificar uma identidade biológica. Toda a tecnologia sexual (Preciado, 2014) adotada e praticada pela sujeito-personagem a constrói como a mulher que habita sua psique. Não é — ou não deveria ser; necessário que se prove sua constituição transgênero, a partir do momento em que seu corpo não deveria existir para ser legitimado por segundos e terceiros.



Fonte: sense8, de Lily e Lana Wachowski e J. Michael Straczynski
Primeira temporada — Episódio um

Todavia há a distância entre esse ideal e a realidade em que há

[u]ma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. (FOUCAULT, 2014, p. 135)

O corpo é docilizado, ao falarmos de gênero, sabemos que o padrão esperado se encontra dentro das minúsculas caixas cisgênero e binárias intituladas como Feminino e Masculino. Se há fórmulas de dominação, também existem a de punição, afinal, para se criar a disciplina é necessário condicionar o corpo de maneira em que ao não cumprir com o esperado, ao transgredir os moldes pré-estipulados, haja uma medida repreensiva. É neste momento, em que o corpo rompe com as barreiras cis e empodera-se como trans, a transgressão pede por uma penalidade, essa com o intuito de devolver o corpo a posição anteriormente ocupada.

Considerações Finais

É fácil perceber como “o gênero é uma performance com consequências claramente punitivas. [...] de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente seu gênero.” (BUTLER, 2003, p. 199) Um corpo biologicamente

masculino, porém com a mente o identificando como feminino, sofrerá com castigos dolorosos. Dentro da série, durante uma conversa íntima com Lito, Nomi expõe parte de sua história, em uma narrativa com cerca de três minutos, somos levados para um momento em que a sujeito-personagem é condicionada a uma sanção devido ao comportamento que diverge dos meninos de sua idade. Seu corpo a fazia se sentir constrangida, por esse motivo, ao entrar no vestuário do clube de natação do qual participava, evitava tirar suas roupas na frente dos outros garotos. O comportamento gerou em ofensas verbais, ao tentar defender-se, a agressão tornou-se física, suas roupas foram arrancadas e seu corpo segurado rente a água quente da ducha, ato que resultou em queimaduras de segundo grau.

Agradecimentos

Agradecemos ao fomento para a realização da pesquisa.

Referências

BORBA, Rodrigo. “Receita para se tornar um "transexual verdadeiro": Discurso, interação e (des)identificação no processo transexualizador”. In: **trabalhos de linguística aplicada**. Rio de Janeiro: 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. “Corpos Dóceis”. In: **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editoras Vozes, 2014.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. São Paulo: Pontes. 1999.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: N – 1 Edições, 2014.

SENSE8. Direção: Lilly e Lana Wachowski, J. Michael Straczynski. Netflix, 2015-2017.

Educação, Brinquedo e Políticas Públicas

* Kálita Miguel da Silva (IC), Lúcia Gonçalves de Freitas (PQ)

email:luciadefreitas@hotmail.com

UEG-Jaraguá - Av. Diva de Freitas, s/n Setor Aeroporto

Resumo: O trabalho apresenta parte de um levantamento bibliográfico realizado para a pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida no âmbito do Curso de Pedagogia da UEG-Jaraguá e no Grupo de Estudos de Jaraguá com o título “A relação gênero, brinquedo e educação”. Aqui, selecionamos do referencial bibliográfico feito para o estudo, uma compilação que retoma o conceito de gênero e os direcionamentos principais de três planos nacionais de políticas voltadas para a equidade de gênero e combate a violências de gênero, quais sejam: Plano Nacional de Políticas Para as Mulheres; o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT); e o Brasil Sem Homofobia Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual. Retiramos desses planos as orientações específicas para a área de Educação necessárias a nossas discussões sobre brinquedos.

Palavras-chave: Educação. Direito. Políticas Públicas. Gênero.

Introdução

Este trabalho apresenta parte de um levantamento bibliográfico realizado para a pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida no âmbito do Curso de Pedagogia da UEG-Jaraguá e no Grupo de Estudos de Jaraguá com o título “A relação gênero, brinquedo e educação”. O estudo fez um apanhado de brinquedos para crianças em idade escolar (primeira fase do Ensino Fundamental) e descreveu seus aspectos semióticos que comunicam papéis de gênero para discutir a relação gênero, brinquedo e educação. Neste texto, fizemos um recorte da pesquisa bibliográfica, para apresentarmos uma compilação sobre os direcionamentos de três planos nacionais de políticas voltadas para a equidade de gênero e combate a violências de gênero. Retiramos desses planos as orientações específicas para a área de Educação. A compilação ampara as discussões sobre os brinquedos e a escola propostas no trabalho de Iniciação Científica.

Material e Métodos

Para desenvolver a pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico sobre o conceito de gênero (LOURO, 2007), pressupostos teóricos de linhas de análises

REALIZAÇÃO

de discurso (FREITAS, 2014; FREITAS e MENDES, 2017) e semiótica social (CALDAS-COULTHARD; Van LEEUWEN, 2004) com perspectivas feministas (hooks, 2013). Também buscamos levantar referências sobre políticas públicas para a igualdade de gênero para discutir de que forma as escolas devem se orientar na escolha de brinquedos para as crianças alinhados com os interesses dessas políticas. Neste trabalho, fazemos uma síntese do apanhado dos principais planos nacionais voltados para a igualdade de gênero e o combate às violências de gênero como a violência doméstica e a homofobia.

Assim, compilamos as orientações de três planos nacionais com relação à educação. A seguir, recuperamos o conceito de gênero segundo Louro (1997) e expomos a compilação dos seguintes planos: Plano Nacional de Políticas Para as Mulheres; o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT); e o Brasil Sem Homofobia Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual.

Resultados e Discussão

Segundo Louro (1997, p.57), distinções sociais ocorrem no âmbito escolar desde a inserção do indivíduo na escola, que é responsável por reproduzir as diferenciações entre as pessoas e subdividi-las: “a escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e imediatamente separou os meninos das meninas”. De acordo com Passos (1999), a escola dá ênfase e também justifica certos estereótipos impostos tanto para homens quanto para mulheres. Para os primeiros é destinado à vida pública, enquanto as mulheres estão presas em valores do mundo privado, construídas para serem escolhidas, e não fazerem parte das escolhas públicas; devem estar preparadas pela sociedade, na espera do príncipe encantado, que vai direcionar suas vidas, dar-lhes proteção, serão dependentes de um amor conjugal para delimitar seu destino.

Brinquedos têm mantido separações de gênero, dividindo meninas e meninos no brincar, destinando o universo doméstico e da beleza às meninas e

atribuindo aos meninos brinquedos que reforçam sua liberdade, mas que aguçam a violência. Para combater estereótipos e preconceitos é imprescindível que discutamos sobre gênero no âmbito escolar, pois precisamos impedir desigualdades construídas pela própria escola ao longo dos anos. O combate às desigualdades é a principal preocupação dos Planos nacionais de Políticas Para as Mulheres, que prega o dever da escola em: “Eliminar conteúdos sexistas e discriminatórios e promover a inserção de temas voltados para a igualdade de gênero e valorização das nos currículos, materiais didáticos e paradidáticos da educação básica.”. Da mesma forma, o plano “Brasil sem homofobia” coloca em evidência a importância de se criar equipes que avaliem os conteúdos didáticos, para que ocorra uma interferência nas discriminações em volta das orientações sexuais, para fim de eliminar a homofobia. Os principais direcionamentos desses planos que identificamos como norteadores de nosso trabalho podem ser listados da seguinte forma:

- Promover a formação continuada de gestores/ as e servidores/as públicos/as de gestão direta, sociedades de economia mista e autarquias, profissionais da educação, como também a formação de estudantes de todos os níveis, etapas e modalidades dos sistemas de ensino público de todos os níveis nos temas da igualdade de gênero e valorização das diversidades.

- Estimular a produção de conhecimento sobre relações sociais de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, levando em consideração os aspectos étnicos, raciais, geracionais e das pessoas com deficiência.

- Promover a dignidade da pessoa humana (inciso III do art. 1º da Constituição Federal) e a igualdade de todos os cidadãos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza e garantia da inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (art. 5º da Constituição Federal); respeito à diversidade de orientação sexual e promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação || . (inciso IV do art. 3º da Constituição Federal); Direito à Cidadania (inciso II do art. 1º da Constituição Federal); inviolabilidade da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem das pessoas (inciso X do art. 5º da Constituição Federal).

- Fomentar e apoiar curso de formação inicial e continuada de professores na área da sexualidade; Formar equipes multidisciplinares para avaliação dos livros didáticos, de modo a eliminar aspectos discriminatórios por orientação sexual e a superação da homofobia; Estimular a produção de materiais educativos (filmes, vídeos e publicações) sobre orientação sexual e superação da homofobia; Apoiar e divulgar a produção de materiais específicos para a formação de professores; Divulgar as informações científicas sobre sexualidade humana.

Todos esses direcionamentos devem ser levados em consideração pela escola quando das escolhas de brinquedos que, segundo Caldas-Coulthard e Van Leeuwen (2004), são grandes produtores de mensagens que resvalam para as noções de gênero, e influenciam plenamente nos comportamentos de uma criança.

Considerações Finais

Segundo Louro (1994), é fundamental indagarmos sobre a educação, além de atentarmos ao que é ensinado aos alunos é fundamental entender como a forma que ensinamos é interpretada e recebida pelas crianças, e de que forma o que é ensinado é aprendido por elas. Especificamente em questões sociais, precisamos dar importância para nossas linguagens, e como elas são recebidas, em termos de sexismo, racismo. Para tanto, é fundamental, além de nos preocuparmos com as escolhas de brinquedos feitas pela escola, e os seus conteúdos didáticos, é importante observarmos como os profissionais da educação estão preparados para ministrar suas aulas com preocupações com equidade de gênero. Nessa direção, os vários eixos educacionais compreendidos nos planos citados constituem um importante referencial.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Iniciação Científica (PBIC-UEG) da Universidade Estadual de Goiás.

Referências

BRASIL. **Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT)**. Brasília: Secretaria Especial de Direitos humanos da Presidência da República, 2009.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; VAN LEEUWEN, Theo. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 4, p. p. 11-34, set. 2010. ISSN 1982-4017. Disponível em:

http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/289>. Acesso em: 08 nov. 2018.

FREITAS, Lúcia Gonçalves de. O filme da Barbie e o jogo do Counter Strike como dispositivos pedagógicos: gêneros, letramento e multimodalidade. In: SANTOS, Débora Cristina; FREITAS, Ewerton Ignácio.; ADÃO, Manoel,. (Org.). **Pesquisa e formação docente na sociedade do conhecimento**. Anápolis: UEG, 2014 p. 93-112.

_____; MENDES, Isadora Costa. Abordagens feministas de análise de discurso: a formação de um campo In: **Pesquisas em educação e linguagem**. 1 ed. Anápolis : UEG, 2017, p. 415-432.

hooks, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

LOURO, Guacira Louro. Uma leitura da História da educação na perspectiva do gênero. **Projeto História** (PUCSP) , São Paulo, v. 11, p. 31-46, 1994.

_____. "Gênero, história e educação: construção e desconstrução". **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul./dez. 1995.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MINISTÉRIO da Saúde **Brasil Sem Homofobia Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual**. Brasília. 2004.

PASSOS, Elizete Silva. **Palcos e platéias: as representações de gênero na Faculdade de Filosofia**. Salvador: UFBA; Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1999.

PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS PARA MULHERES – **Políticas pelos Direitos das Mulheres**. Brasília-DF: Gráfica e Editora Movimento, 2013-2015.

Entre ficções e micro-histórias: a narrativa literária de Natalia Ginzburg e a produção historiográfica de Carlo Ginzburg

Jucelino de Sales* (PQ)

UEG – câmpus Formosa; SEEDF; e-mail: disallesart@hotmail.com.

Resumo: Essa investigação é fruto do projeto de pesquisa, *De conto em conto, a micro-história: narrativa literária e produção historiográfica no epicentro da substância fictícia e o elemento de convergência discursiva*, que coordeno na UEG. Uma de suas finalidades, advinda duma crítica genealógica (FOUCAULT, 1996), foi relacionar alguns trabalhos literários de Natalia Ginzburg com alguns trabalhos historiográficos de Carlo Ginzburg, seu filho, a partir dos procedimentos diegéticos que ambos os autores exercem em suas práticas narrativas. Uma das hipóteses do projeto nos levou a considerar que parece existir uma estreita ligação entre os procedimentos diegéticos de Natalia no trabalho de elaboração de suas obras fictícias, e as estratégias narrativas de Carlo na construção do argumento histórico. As obras de Natalia, geralmente se enredam num espaço reduzido, o espaço micro-familiar, e a partir desse *topos* lastreiam a dimensão histórica de uma época, isto é, suas personagens desvelam as angústias e inquietações presentes na mentalidade de dado período, como é o caso de *A família Manzoni*, *Caro Michele* e *Léxico familiar*. Propôs-se discutir a especificidade espacial nessas três obras da autora com base na micro-história, a partir do elemento construtivo, extraindo a história possível do acervo documental.

Palavras-chave: Discurso literário. Discurso histórico. Forma fictícia. Estilo. Narrativa.

Introdução

Nesse enredo investigativo, a partir de perspectiva tanto sincrônica quanto diacrônica, a ambição foi, historicamente, (per)seguir, desde o percurso historiográfico da história, e concomitantemente a experiência temporal da literatura, mas com o crivo do olhar crítico mais detido na forma textual do gênero narrativo e no estilo de escrita da denominada micro-história. Formas textuais essas encerradas temporalmente na experiência do século XIX, época em que ganha força a narrativa prosaica, e sua transição para o século XX, o qual viu surgir uma escrita da história cuja duração das estratégias factuais de escrituração de seu ofício busca sua razão numa fonte encerrada num espaço reduzido – um processo inquisitorial, por exemplo, delegado a um indivíduo específico, como é caso do livro *O queijo e os vermes* do historiador Carlo Ginzburg (2006) –, para a partir dessa pontualidade levar à experiência geral da mentalidade histórica de determinada época.



A experiência da forma enquanto tecido que entrelaça esses dois campos do saber a partir do elemento da ficção, isto é, do discurso literário, parece-nos que acomete uma elisão nos sistemas de pensamento de nossa época.

Em *A escrita da história*, o historiador Michel de Certeau aponta o elemento da *ficção*, que é próprio ao discurso literário, nos relatos históricos e como funciona essa operação historiográfica: “o passado é, também, ficção do presente. O mesmo ocorre em todo trabalho historiográfico. A explicação do passado não deixa de marcar a distinção entre o aparelho explicativo, que está presente, e o material explicado [...]” (DE CERTEAU, 1982, p. 21). No limite dessa distinção, isto é, nesse espaço lacunar, a operação explicativa é então exercida pelo rigor de uma apropriação fictícia que por parte da escrita do historiador acomete-se o exercício de preenchimento dessa lacuna.

Trata-se de exercitar um estilo, impulsionado na escrita enquanto arte da palavra, do qual o historiador se apropria e exerce como elemento de tessitura da trama histórica, noção esta que o historiador Hayden White considera substancial no discurso historiográfico. Diz ele que de todas as derivações significativas, no inglês moderno condensado no termo *style*, é “um conceito particularmente apropriado para o exame daquela forma de composição verbal que, a fim de diferenciá-la, de um lado, da demonstração lógica e, de outro, da pura ficção, chamamos pelo nome de *discurso*” (WHITE, 1994, p. 14).

Conforme White preconiza em concordância com Michel de Certeau, o texto histórico enquanto artefato literário encerra-se, entre a ficção e a reflexão epistemológica e, diante disso, a história como escrita ocupa esse limite: “com efeito, a ciência histórica não pode desligar, inteiramente, a sua prática daquilo que escolheu como objeto, e tem como tarefa indefinida tornar precisos os modos sucessivos dessa articulação” (DE CERTEAU, 1982, p. 55).

Vale frisar que não se trata de eliminar os limites entre um domínio do saber e o outro a partir da conjugação de ambos no elemento da ficção, como assevera o próprio Carlo Ginzburg – um dos historiadores cujos textos serão objetos de análise dessa pesquisa – no belíssimo livro *Os fios e o rastro: verdadeiro, falso fictício*:

Contra a tendência do ceticismo pós-moderno de eliminar os limites entre



narrações ficcionais e narrações históricas, em nome do elemento construtivo que é comum a ambas, eu proponho considerar a relação entre umas e outras como uma contenda pela representação da realidade (GIINZBURG, 2007, p. 9).

Trata-se, sobretudo, em rastrear na própria natureza da escrita desse historiador, os fios e os rastros de uma representação da realidade que se apropria do elemento ficcional para narrar no limite das possibilidades aquilo que de fato aconteceu, isto é, o argumento histórico, preenchendo a natureza lacunar da história por meio do artifício do que poderia ter acontecido: o argumento literário sobreposto pelos riscos desses dois domínios do saber. A ficção aqui, no exercício da micro-história, por se tratar de um espaço reduzido, é rigorosamente regulada, encurtando o falso a quase uma nulidade de sua preponderância.

Uma das hipóteses do projeto nos levou a considerar que parece existir uma estreita ligação entre os procedimentos diegéticos de Natalia no trabalho de elaboração de suas obras fictícias, e as estratégias narrativas de Carlo na construção do argumento histórico. As obras de Natalia, geralmente se enredam num espaço reduzido, o espaço micro-familiar, e a partir desse *topus* lastreiam a dimensão histórica de uma época, isto é, suas personagens desvelam as angústias e inquietações presentes na mentalidade de dado período, como é o caso de *A família Manzoni*, *Caro Michele* e *Léxico familiar*. Propõe-se discutir essa especificidade espacial nessas três obras da autora com base na micro-história, pois esse método não refuta a natureza fictícia da fonte, mas propõe a costura historiográfica a partir do elemento construtivo, extraindo a história possível do acervo documental.

Resultados e Discussão

Os livros, *Léxico familiar* (1963), *Caro Michele* (1973) e *A família Manzoni* (1983), são textos ficcionais que podem ser classificados, segundo a taxonomia de Linda Huntcheon (1991), no subgênero *metaficção historiográfica*, pois que carregados de vestígios textualizados de densa substancialidade histórica que, são não somente remissivos a um passado, mas cuja matriz discursiva do texto ficcional

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



transporta em sua moldura a própria diegese da história – ou da historiografia, sua produção discursiva – superpondo-os como elementos diegéticos da própria infraestrutura dos três romances (SALES; CASTRO, 2019, p. 160).

Léxico familiar, o mais antigo dos três, é o relato da vivência em família da própria escritora, entre sua infância, juventude, e parte de sua vida adulta, em torno dos pais, irmãos e amigos mais próximos, os quais participaram da constituição vivencial desse seio familiar, rememorados através de fórmulas linguísticas, um léxico próprio formado de palavras, frases, expressões, os quais estreitaram os laços de seus participantes. Nas palavras do prefacista, Alejandro Zambra, a história de uma família judia e antifascista que vive o horror, em que a escritora “[...] não enfatiza o grande relato, o testemunho de uma época: ela escreve com precisão e fluidez, com genuíno amor às pessoas e às palavras” (ZAMBRA, 2018, p. 8).

Vestígios, rastros e índices diversos se proliferam na diegese, tais como: a referência ao socialismo impregnado na economia interna familiar, uma herança provinda dos avós paternos; as intensas discussões familiares sobre o contexto político nos primeiros anos do fascismo que se tornavam um escarcéu; a recusa de se falar de política com Lucio, um amigo fascista dos irmãos da narradora; os amigos antifascistas da família, como Adriano Olivetti, Paolo Ferrari, entre outros; alusão à Mussolini; prisão e morte de Leone Ginzburg, primeiro esposo de Natalia, relatada com uma naturalidade irônica à maneira de uma nota jornalística: “Leoni tinha morrido na prisão, na ala alemã dos cárceres de Regina Coeli, em Roma, durante a Ocupação alemã, num fevereiro gélido” (NATALIA, 2018, p. 171).

Natalia transita essa relação com o fascismo e aquilo que essa ordem representa – as proibições, as coerções, o regime – ao longo das páginas do livro, num [des]equilíbrio entre, de um lado, o léxico que constitui a matéria mais sólida dos laços familiares como expressões tais – “um parvo” “uma negrice” (GINZBURG, 2018, pp. 17-18) – com que o pai se referia às proibições a tudo que, segundo a sua visão, ia de oposto à etiqueta social e, de outro, uma camada diegética de opressão na medida de uma sobreposição que discute não somente o regime fascista, como também o *modus operandi* de sua articulação.

A reflexão sobre o tempo histórico constitui a diegese do texto de Natalia de



uma camada historiográfica. Sua narrativa desvela as fraturas e os destinos humanos imersos numa época de angústia, perdas e dor, uma vez que essa narrativa recupera o cenário sombrio dos anos de 1930, entrementes às duas Grandes Guerras, antecipando em termos da particularidade familiar os destroços da guerra do holocausto porvir, bem como a vivência *in loco* dessa experiência traumática. Além de tudo isso, Natalia tece um exercício historiográfico de micro-história familiar, uma vez que a partir de um léxico específico que circulou na sua própria família na primeira metade do século XX desenvolve um relato bastante apurado sobre as sombras do fascismo que nesse período assombrou não somente a Itália, mas uma Europa inteira sob os riscos de uma ideologia totalitária.

A mesma temática é retomada pela autora em *Caro Michele*, romance epistolar na forma de narrativa confessional. O livro, com exceção de um ou outro trecho em que há a intromissão de um narrador, é quase totalmente composto por missivas de membros de sua família, amigos próximos ou conhecidos, destinadas à Michele, um rapaz que dificilmente fala sobre sua vida com alguém, nem mesmo com sua mãe, a não ser com o seu amigo Osvaldo que, por sua vez, costuma ser bem reservado. Apesar de amigos e familiares escrevem sempre a Michele, as cartas que ele responde são pouquíssimas; duas ou três no máximo. As cartas costumam vir acompanhadas de narrativas que relatam o que acontece no cotidiano dessa família e daqueles em torno dela, conectando-os ao trânsito de Michele, cujas peregrinações possuem como pano de fundo a atmosfera do fascismo.

O conjunto das missivas relata uma micro-história familiar em que a desdita de Michele, morto pelo regime em consequência de suas ações políticas antifascistas, é revelada ao leitor na totalidade da trama, paulatinamente pulverizada junto aos desígnios de sua interna economia familiar, tais como os desafios da maternidade e da paternidade, as relações fraternais e os laços com os amigos mais íntimos e ainda com pessoas mais distantes, entre outras clivagens do cotidiano específico de uma família.

Um exercício semelhante de micro-história é também empregado por Natalia na monumental narrativa de *A família Manzoni*. A trama circula em torno da figura do personagem histórico Alessandro Manzoni, autor do famoso livro, *Os noivos*, um

clássico da literatura italiana, obra que o consagrou como escritor.

Diversas remissões históricas se diluem no corpo o texto, de maneira que se interpõem os relatos sobre a história familiar dos Manzoni e a história político-social da Itália na época de Napoleão e de sua posteridade. A seguinte passagem sobre o seu primeiro matrimônio é exemplar a respeito dessa intersecção. A narradora relata que Alessandro e Enrichetta decidem regularizar o casamento no rito católico e ela começa a tomar lições com o abade Degola. Casam-se em 15 de fevereiro de 1810. “No mesmo ano, no dia 2 de abril de 1810, festejou-se em Paris o casamento de Napoleão com Maria Luísa de Áustria” (GINZBURG, 2017, p. 61). No mesmo dia do casamento de Bonaparte, Alessandro encontra sua fé católica após uma desordem por tiros de morteiro que o faz temporariamente perder a esposa e o leva a pedir a misericórdia divina dentro de uma igreja: “Foi a misericórdia divina, meu filho, foi a misericórdia divina’, respondia Manzoni muito mais tarde ao enteado Stefano, que lhe perguntava quando havia encontrado a fé, onde e como” (*idem*, p. 62).

Na costura diegética desse romance biográfico, a escritora articula subsídios das técnicas que empregou nos dois livros anteriores. Assim como ocorre em *Léxico familiar*, trata-se de vasto relato de memórias biográficas de personagens históricos encabeçados pelo próprio Alessandro Manzoni, os membros de sua família, amigos íntimos, compostos por figuras ilustres do meio literário, da política, da aristocracia etc., no decorrer do século XIX, conservadas por meio de missivas remetidas que circulou entre esse conjunto de pessoas de estreito relacionamento com a família, análoga à narrativa de *Caro Michele*.

O que também nos toca nessa tríade narrativa diz respeito a um elo que as configuram num justaposto centro de coerência, a constatação de que as três tramas narram micro-histórias. A perspectiva de uma narrativa centrada no núcleo familiar se desloca de uma para outra endossando esse aspecto como clivagem basilar de uma permanência. Ainda que Natalia em nenhuma das obras, nem mesmo em suas entradas paratextuais pelo menos suscite o termo micro-história, essa condição nos parece bastante plangente. E diante da farta documentação que recolhe, recorta e seleciona para proceder na elaboração do último dos três trabalhos, *A família Manzoni*, a despeito da experiência acumulada na confecção das outras duas

narrativas com espaços semelhantes em sua dimensão micro, poderíamos até, à guisa da provocação, insinuá-la como uma micro-historiadora do espaço familiar.

Se procedemos nessa ligação, a hipótese advém de uma consideração genealógica de que seu filho, Carlo Ginzburg, é um dos fundadores da micro-história, tipo de prática historiográfica que surgiu em meados da década de 1960.

Considerações Finais

O projeto possuiu como meta a discussão e a análise de um *corpus* composto por obras literárias e obras historiográficas, da escritora italiana Natalia Ginzburg e do seu filho, o historiador Carlo Ginzburg.

Assim, na análise dessas obras, o que nos interessou não foi somente o que se exprime na superfície do discurso, em termos de temática, mas o que se contém e se mantém no interdito da linguagem literária, isto é, o engendramento da forma fictícia, a partir dos recursos estilísticos, prosódicos e figurativos da narrativa.

A aproximação da tessitura literária de Natalia com a micro-história se dá uma vez que esse método, em detrimento de seu caráter condensado, exige um trabalho heurístico minucioso na exumação do manuscrito, conforme Giovanni Levi pontua: “a micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (LEVI, 1992, p. 36). O estudo intensivo trata-se da descrição densa praticada pelo historiador na exploração dessa espécie de fonte.

Relacionando esse método com o discurso literário, algo de residual liga, em termos de procedimento, ambos os discursos, uma vez que tanto o historiador quanto o teórico de literatura lidam com textos. E no relato de suas considerações, isto é, na urdidura compreensiva e interpretativa, constroem ficções: “a história é uma construção, um relato que, como tal, põe em cena tanto o presente como o passado; seu texto faz parte da literatura” (COMPAGNON, 2010, p. 219).

O método analítico que Ginzburg denomina de paradigma indiciário, conjectural ou venatório e para o qual delinea suas bases como fundamento da micro-história, centra-se sobre os resíduos, sobre os dados marginais, sobre um



traço geralmente ínfimo e específico em que “[...] minúsculos detalhes proporcionam a chave para uma realidade mais profunda, inacessível por outros métodos” (GINZBURG, 1983, p. 98). Assim, partindo desse tipo de análise, Ginzburg assevera que é possível enredar na ficção da forma narrativa os aspectos gerais em torno dos vestígios textualizados, até mesmo estabelecer na natureza desse espaço pontualmente detalhado o universo mental de toda uma época.

Ginzburg aplicou essa metodologia em livros tais como *Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII* (1966), *O queijo e os vermes* (1976), *História noturna: decifrando o Sabá* (1989), em que dispendo de uma documentação advinda dos processos inquisitoriais, de natureza histórica pouco confiável, mas valendo-se da redução da escala e de uma diegese sustentada pelo paradigma indiciário consegue extrair dos mesmos, através da tessitura narrativa, uma sólida explicação historiográfica que lança luz sobre a compreensão histórica do período investigado.

Se considerarmos que, em alguma medida, os textos históricos publicados por Carlo são posteriores e/ou concomitantes à publicação das três obras de Natalia, ponderando que ambos, mãe e filho, estavam pesquisando, escrevendo e publicando no interregno de um mesmo período – entre 1960/1990 – a hipótese de uma genealogia da forma diegética, semelhante no estilo discursivo de ambos se fortalece, uma vez que trabalham, em suas narrativas, com micro-espacos. Assim, a redução espacial da escala, em suas narrativas, participa da própria diegese textual. A narrativa tanto elabora a trama de um espaço reduzido, isto é, uma micro-história – familiar, no caso da Natalia, das práticas inquisitoriais e do imaginário sobre a feitiçaria, no caso de Carlo – como a diegese dos próprios narradores – do texto literário e do texto histórico – é empurrada para essa constrição espacial.

Agradecimentos

Agradeço à PrP por oportunizar a execução dessa pesquisa. E agradeço especialmente às três pesquisadoras envolvidas no projeto: as graduandas do curso de Letras UEG-Formosa: Cláudia Pereira Costa (PIBIC) e Jéssica Issler da Costa

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



(PIVIC); e a mestra em literatura e parceira do projeto, Lilian Monteiro de Castro.

Referências

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria**: literatura e senso comum. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GINZBURG, Carlo. Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. Em: ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas A. (Orgs.). **O signo de três**: Dupin, Holmes, Peirce. Tradução Silvana Garcia. São Paulo: Perspectiva, 1983, pp. 89-129.

_____. Introdução. Em: GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução Rosa Freire d' Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 7-14.

_____. **História noturna**: decifrando o Sabá. Tradução Nilson Mourin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Os andarilhos do bem**. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GINZBURG, Natalia. **A família Manzoni**. Tradução Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Caro Michele**. Tradução Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Cosac Nayfi, 2010.

_____. **Léxico familiar**. Tradução Homero Freitas de Andrade. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HUTCHEON, Linda. **Poéticas do pós-modernismo**: história, teoria e ficção.



Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed.,1991.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. Em: BURKE, Peter (org). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução São Paulo: Editora da UNESP, 1992, pp. 133-162.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução Sandra Nitri. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SALES, Jucelino; CASTRO, Lilian Monteiro de. **A narrativa literária de Natalia Ginzburg e a produção historiográfica de Carlo Ginzburg**: a micro-história no epicentro da substância fictícia e o elemento da convergência discursiva. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3412/2772>>.

Acesso em: 28 de abr. de 2019.

Espaço do cárcere: sentidos atribuídos por agentes prisionais

Thays Oliveira Fernandes¹ (IC)*, Elizete Beatriz Azambuja² (PQ)

¹ thays.ofernandes@gmail.com; Universidade Estadual de Goiás – UEG/Câmpus São Luís de Montes Belos. Rua da Saudade com Viela B, nº 56, Vila Eduarda, São Luís de Montes Belos - GO, CEP: 76.100-000

² Universidade Estadual de Goiás/ Câmpus São Luís de Montes Belos/GO

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar as formações discursivas a respeito do cárcere e dos sujeitos encarcerados, em enunciados produzidos por agentes prisionais, considerando as relações sócio-históricas e ideológicas construídas nesse *lócus* significativo. Em nossa análise, levamos em conta os princípios de missão, visão e valores do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), observando as recorrências discursivas a partir das enunciações dos agentes nas entrevistas que fazem parte do *corpus* que organizamos. Para isso, fundamentamo-nos na Análise de Discurso de linha francesa, tomando como base as reflexões produzidas, principalmente, pelos teóricos Orlandi (2001; 2006; 2009), Foucault (1987; 1979), Pêcheux (1995), Travaglia (1996), entre outros autores que consideram a relação indissociável entre sujeito, língua e o contexto no qual se inserem. Com este trabalho, buscamos compreender melhor o cenário postulado sobre a prisão, que sustenta inúmeros pré-conceitos. Por meio da análise discursiva dos enunciados dos agentes penitenciários, os quais convivem diariamente no espaço da prisão, nos foi possível observar que eles desacreditam na eficácia do sistema carcerário, principalmente em relação à possibilidade de ressocialização dos detentos e egressos do sistema. Além disso, os enunciados analisados apontam para o fato de os sentidos produzidos pelos agentes serem afetados sócio-histórica e ideologicamente, atravessados pelos discursos de seus superiores, da sociedade midiática e da população em geral, apropriando-se de uma relação de poder acima de sua função, a de julgar.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Sistema prisional. Agentes prisionais. Encarcerados.

Introdução

A pesquisa que desenvolvemos teve por objetivo principal analisar os discursos (re)produzidos por agentes penitenciários sobre o sistema carcerário brasileiro, considerando que, estes, de acordo com o Depen (Departamento Penitenciário Nacional) têm a missão de “Induzir, apoiar e atuar na execução penal brasileira, promovendo a dignidade humana, com profissionalismo e transparência, com vistas a uma sociedade justa e democrática.”¹

REALIZAÇÃO

¹ Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/depen/missao-visao-valores-1> Acesso em: 30.08.2018.



Assim, partindo desses ideais, buscamos refletir sobre o papel e os enunciados reproduzidos por estes agentes, investigando a relação entre os sujeitos que se encontram nesse *lócus* significativo por meio da análise discursiva. Para o nosso estudo, fundamentamo-nos na Análise de Discurso de linha francesa, tomando como base as reflexões produzidas vários teóricos que consideram a relação indissociável entre sujeito, língua e o contexto sócio-histórico e ideológico.

Para isso, partimos da definição de discurso pensada por Orlandi (2006, p.17):

O discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso. [...] temos a relação entre língua e ideologia afetando a constituição do sujeito e do sentido. Resta dizer que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo. É pelo fato mesmo de dizer que o sujeito se diz, se constitui.

Para refletirmos acerca dos discursos reproduzidos pelos agentes, é necessário compreender que partiram de um contexto sócio-historicamente construído para lidar com criminosos, e esses sujeitos estão diretamente ligados à sua imagem. De acordo com Travaglia (2009), o discurso é constituído pelas formações imaginárias.

É importante ressaltar que o cárcere, em geral, é um ambiente que é visto a partir de um olhar carregado de preconceitos. Conforme Foucault (1979, p. 131-132), em seu estudo sobre o nascimento das prisões, alerta-nos que “[...] Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade.”

Nesse âmbito, para compreender o discurso temos que rever a prática do sujeito. Com isso, estando o agente em uma posição privilegiada de poder, de certa forma, determinará como será a estadia dos reclusos. Nesse ponto, vale lembrar que os agentes são alguns dos responsáveis pela garantia dos direitos e deveres no sistema penitenciário brasileiro. Assim afirmado pelo Depen quando se trata da Visão do Departamento Penitenciário Nacional, “Ser reconhecido como órgão fomentador da correta Execução Penal e da plena garantia dos direitos fundamentais de todos os seres humanos envolvidos no fenômeno criminoso.”

(2019)

Material e Métodos

Para dar início ao nosso estudo, selecionamos e lemos livros e artigos da teoria Análise de Discurso, assim como documentos acerca do papel do agente penitenciário.

O *corpus* analisado foi construído a partir de questionários com oito agentes penitenciários, tanto efetivos, quanto temporários, que prestavam serviços no Centro de Inserção social de São Luís de Montes Belos/GO e no Presídio Regional de Iporá/GO.

Após a etapa de coleta do material, fizemos recortes nas entrevistas para fundamentá-las na teoria Análise de Discurso, a fim de compreender o papel e as construções imaginárias do agente prisional sobre o presídio, enquanto *lócus* significativo.

Vale ressaltar que, ao longo do estudo, a fundamentação teórica se fez necessária para compreendermos os sentidos presentes no nosso material de análise. Conforme Orlandi (2006, p. 28), a Análise de Discurso:

[...] aponta para *novas maneiras de ler, para outros gestos de leitura, outra escuta*, sustentada por dispositivos teóricos e analíticos que nos permitem não apenas nos reconhecermos no que lemos (ou ouvimos) mas que conheçamos o modo como os sentidos estão sendo produzidos e as posições sujeito se constituindo na relação do simbólico com o político. (grifos nossos).

A partir dos resultados parciais da pesquisa começamos a divulgação do projeto em eventos científicos, ministrando minicurso, comunicações orais e na comunidade monte-belense, como também será apresentado no VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Goiás.

Resultados e Discussão

Inicialmente, é importante registrar que mantivemos a escrita original dos comentários que foram recortados das entrevistas que realizamos com os agentes

prisionais. Desse modo, não fizemos correções ortográficas de qualquer ordem.

A partir das entrevistas podemos destacar várias regularidades enunciativas referentes às condições de produção e os efeitos de sentido acerca do presídio como um *lócus* significativo, considerando que o *lócus* é a forma material do espaço e dos sujeitos. Dito de outro modo, o espaço e os sujeitos que nele se encontram são constituídos por sentidos em sua relação sócio-histórica e ideológica.

Em termos de estrutura dos presídios, a maioria dos agentes concordam que há precariedade na infraestrutura e na quantidade de servidores que é em número insuficiente, considerando o total de encarcerados.

Quanto à definição de cadeia pública:

**A cadeia pública pode ser definida como um abandono por parte do governo, em investimentos e gestão de qualidade. (entrevistado 02)*

**Lotada. (entrevistado 03)*

**Precária sem estrutura nenhuma falta de servidores e não tem estrutura nenhuma para ressocializar os presos. (entrevistado 04)*

**Um lixo. (entrevistado 08)*

Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) em 2016, “as unidades prisionais estaduais somam 367.217 vagas em todo o país e compõem um déficit de 359.058 vagas.” O que resulta em uma média de sete encarcerados por agente penitencial.

Levando em consideração o que Orlandi afirma sobre a perspectiva discursiva, vale enfatizar que “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos” (2015, p. 28).

Na sequência, analisamos os enunciados em que os agentes prisionais entrevistados tratam sobre o uso da violência em relação aos encarcerados:

Quanto ao uso de violência, por parte de diretores e agentes prisionais:

- * Não o que é usado é o **uso progressivo da força** necessária para cada procedimento. (entrevistado 03)
- * **As vezes sim** e necessário se um preso parte pra cima do agente ele tem que defender. (entrevistado 04)
- * Não. **Mas** algumas agressões seriam necessárias, em legítima defesa, por exemplo. E não por abuso. (entrevistado 05)
- * Violência nunca será um meio de socialização [...] **Agora para** garantir ordem e respeito é necessário o uso de estímulos pelo Estado. (entrevistado 06)
- * Sim. Pois não se combate violência com carinho. (entrevistado 08) (Grifos da autora)

Com base nesses enunciados, nota-se uma certa cautela dos agentes ao se tratar do assunto, visto que há várias regularidades enunciativas em que observamos que houve uma tentativa de amenizar os efeitos de sentidos. Dentre os recursos linguísticos, citamos os enunciados divididos, pelo uso do *mas*, às vezes e *agora*, e as posições que se inserem em determinadas situações, como o uso da ironia presente no último enunciado.

A violência com que, historicamente, os aprisionados são tratados de alguma forma é trazida nos enunciados produzidos pelos agentes. Observamos o funcionamento ideológico que produz um efeito de inquestionabilidade, em que os sentidos aparecem como “naturais”, como se todos soubessem que a violência é “necessária” e “já faz parte” dos procedimentos.

Nesse ponto, para que compreendamos melhor o funcionamento da ideologia, noção teórica preciosa para a Análise de Discurso, trazemos Pêcheux (1995, p. 159-160) que explica:

[...] é a ideologia que, através do ‘hábito’ e do ‘uso’, está designado, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser [...] é a ideologia que fornece evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado ‘queriam dizer o que realmente dizem e que mascaram, assim sob a transparência da linguagem’ aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e enunciados. (grifos do autor).

O principal tema abordado, em duas questões do questionário, foi a possibilidade de ressocialização. Foi possível constatar que os oito agentes entrevistados, por unanimidade, não acreditam no potencial ressocializador do sistema carcerário brasileiro. Vejamos as sequências discursivas produzidas por eles:

Sobre a possibilidade de ressocialização dos detentos:

- *Em sua maioria o sistema prisional brasileiro **não tem potencial efetivo de ressocialização do preso [...]** (entrevistado 01)

[...] **não há possibilidade, pois falta uma gestão e investimentos para que haja ressocialização. (entrevistado 02)*
O sistema prisional brasileiro atual **tem um caráter punitivo apenas [...] (entrevistado 03)*
****Não acredito** por causa que os servidores trabalham no limite do sistema e precário falta de verbas (entrevistado 04)*
Sim. **Mas para a ressocialização dos detentos, seria necessário mudanças radicais. (entrevistado 05)*
Grande parte do sistema prisional **brasileiro não possui nível de ressocialização como prevê as diretrizes. (entrevistado 06)*
Em grande parte o sistema prisional brasileiro **não tem força efetiva para a ressocialização do sujeito, [...] (entrevistado 07)*
****Não. Pois o sistema é precário.** (entrevistado 08) (Grifos da autora).*

Podemos perceber que nem mesmo os profissionais que atuam diretamente no presídio e que têm, como vimos, um papel determinante no sistema prisional, consideram que haja uma ressocialização efetiva. Nessa perspectiva, concordamos com Luiz Antônio Bogo Chies (2013, p. 33) que afirma: “A prisão é uma instituição antissocial, deturpa qualquer possibilidade de reprodução de condições mínimas de sociabilidade saudável, motivo pelo qual é muito difícil se realizar análises que, ao final, concluam por uma solução de seus paradoxos.”

É importante lembrar que os agentes penitenciários também sofrem com a ineficiência do sistema, sendo afetados em suas condições de trabalho, visto que os presídios estão superlotados e o número de agentes está muito aquém do recomendável para garantir a própria segurança deles.

Considerando o fato de que os carcereiros não creem no processo de ressocialização, trazemos a questão de um enunciado que, hodiernamente, tem circulado bastante e que, de algum modo pode estar relacionado ao imaginário de prisão e de aprisionados: “bandido bom é bandido morto”.

Sobre o enunciado “bandido bom é bandido morto”:

Não em geral. **Mas para alguns seria única solução [...] (entrevistado 05)*
**Acho interessante. (entrevistado 08)*
**Quase to concordando com essa frase [...] (entrevistado 04) (Grifos da autora)*

Conforme podemos observar nas sequências discursivas acima, os agentes prisionais se identificam com a formação ideológica em que é produzido o enunciado

que propõe a morte de quem comete um crime: “bandido bom é bandido morto”. Embora tragam marcas linguísticas que apontam para uma busca de amenização nos efeitos de sentido que produzem: um afirma que o enunciado serve para “alguns”; outro afirma ser “interessante”; enquanto o entrevistado 4 argumenta que “está ‘quase’ concordando”, eles se filiam à mesma formação ideológica.

Ainda em relação às sequências discursivas elencadas anteriormente, vemos também a questão dos enunciados divididos com o uso do operador argumentativo *mas*. A falta de expectativas no sistema em que estão inseridos faz com que concordem que a única opção seja a morte. Não percebem a própria contradição, pois estão apontando para a possibilidade de se cometer um crime. Para Orlandi (2013, p. 20), “As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós.”

A seguir, discutimos o modo curioso com o qual o entrevistado 1 constrói o seu enunciado. Vejamos:

** Totalmente inadequada. Bandido bom é bandido preso, estudando para mudar, e trabalhando para ressarcir suas vítimas e o estado. Em suma: **ressocializando-se**. (entrevistado 01)*

Vale lembrar que o referido entrevistado, anteriormente, havia afirmado não acreditar em ressocialização “*Em sua maioria o sistema prisional brasileiro **não tem potencial efetivo de ressocialização do preso [...]**”.* No entanto, contraditoriamente, ele utiliza a ressocialização como argumento para se contrapor ao enunciado que mencionamos e que os demais entrevistados não vacilaram em concordar.

Ele constrói uma paráfrase para “*bandido bom é bandido morto*”, depois de afirmar que esta frase é “totalmente inadequada”. Mesmo sem concordar que a ressocialização seja possível, o entrevistado 1 parafraseia o enunciado e constrói “*bandido bom é bandido ressocializado*”, Assim, temos uma paráfrase com deslizamento metafórico, que é definido por Orlandi (2006, p. 27), a partir das contribuições de M. Pêcheux (1969) :

[...] fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, lembrando que esse deslizamento de sentido entre x e y é constituído do sentido designado por x e por y. [...] Podemos considerar que não há sentido sem essa possibilidade de deslize, e, pois, sem interpretação.

Com base nesse efeito de sentidos, o interlocutor aponta para a formação ideológica em que se inscreve, com vestígios da historicidade. De acordo com Orlandi (2006, p. 26), “todo sujeito interpreta a partir de um dispositivo ideológico que o faz interpretar de uma maneira e não de outra. Pelo processo de identificação, como sabemos, o sujeito se inscreve em uma formação discursiva para que suas palavras tenham sentido.”.

Outro ponto a ser destacado é o uso das imagens dentro dos enunciados.

**Só acho que a sociedade vê os agentes como vilões da história e os bandidos que são os presos ficam sendo os mocinhos, mas na realidade arriscamos nossas vidas todos os dias para que todos tenham dias felizes. (entrevistado 04)*

Mesmo que a maioria dos olhares se voltem para os reclusos, os agentes também têm a concepção de que eles não são os únicos injustiçados no sistema prisional. O jogo de imagens que são produzidas pelos interlocutores é trabalhado por Travaglia (2009, p. 90):

a) do assunto; b) da situação; c) de si próprios; d) um do outro (a imagem que o produtor faz do receptor e vice-versa) e e) das imagens que cada um acha que seu interlocutor fez dele (a imagem que o produtor do texto acha que o receptor faz dele – produtor -; a imagem que o receptor acha que o produtor faz dele; a imagem que o produtor acha que o receptor faz da imagem que ele, locutor, faz da imagem que o receptor faz dele e assim por diante).

É importante trazer aqui a relutância de alguns agentes ao responder perguntas em seus questionários, tratando as respostas apenas com “sim”, “não” e “talvez”. A nosso ver, pode estar relacionado à imagem que têm da imagem que a sociedade construiu sobre eles e não querem se expor, tampouco comentar sobre o desrespeito do sistema com os integrantes daquele local. Também, vale ressaltar que para a constituição do *corpus* três agentes eram efetivos e os demais temporários e dentre os oito entrevistados quatro eram mulheres.

A partir das respostas obtidas nas entrevistas, podemos constatar, por um lado, que os agentes penitenciários efetivos baseavam-se em leis, buscando



fundamentar melhor suas afirmações, ao contrário dos temporários que tendiam para a vivência e o senso comum. Por outro lado, observamos que o efeito ideológico atravessa os enunciados por eles produzidos, independentemente desse aspecto.

Considerações Finais

Nossa pesquisa contribuiu positivamente em vários pontos, para a minha formação acadêmica. Compreender os efeitos de sentidos que circulam no Sistema Carcerário Brasileiro é importante para entender melhor o imaginário social que o compõe e buscar esclarecer os pré-conceitos com discussões e debates a partir da divulgação dos resultados.

A análise do *Corpus* com base na perspectiva discursiva mostrou o quanto o sujeito tem uma relação indissociável com a língua, o contexto sócio-histórico e a ideologia. Além disso, foi possível constatar, a partir da análise das entrevistas, o quanto os agentes prisionais são afetados pelos discursos de seus superiores, da sociedade midiática e da população em geral, apropriando-se de uma relação de poder acima de sua função, a de julgar.

O que não poderia deixar de ser ressaltado é a falta de confiança na ressocialização. Quando nos colocamos em uma posição de poder perante às pessoas que precisam de ajuda e juramos fazer o bem para garantir uma melhor reinserção do sujeito junto a sociedade, é necessário nos impor e tentar mudar de dentro o *Lócus* no qual estamos inseridos.

Este projeto nos faz vivenciar e repensar discursos que são repercutidos, mas não são analisados, como as diferenças sociais que se inserem entre os encarcerados e carcereiros, as relações e condições de trabalho e vivência dos presos.

Esta pesquisa nos possibilita enxergar as relações a partir de enunciados que divulgados na sociedade podem contribuir no imaginário de detentos e no modo como a questão penitenciária é vista pela sociedade e pelo Estado.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Profa. Dra. Elizete Beatriz Azambuja, por ter me concedido a honra em participar de seu projeto de extensão, que me possibilitou várias reflexões sobre o presídio como um *locus* provido de significados. E, posteriormente, por me convidar para o projeto de pesquisa, em que pude compreender muitos pré-conceitos, que eu mesma tinha a respeito da Unidade Prisional e de pessoas encarceradas.

Estendo meus cumprimentos à Coordenadoria de Bolsas da Universidade Estadual de Goiás por aprovar e disponibilizar para o projeto as bolsas de Iniciação Científica, as quais contribuíram para que pudéssemos adquirir a um grande agrado em fazer parte.

Referências

CHIES, Luiz Antônio Bogo. **A questão penitenciária**. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ts/v25n1/02.pdf>> Acesso em: 27 de março de 2017.

Departamento Penitenciário Brasileiro. Disponível em:
<<http://depen.gov.br/DEPEN/depen/missao-visao-e-valores-1>> Acesso em:
30.08.2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

INFOPEN, **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**, 2016. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias-2016>> Acesso em: 30.08.2019.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Introdução as ciências da linguagem: Discurso e textualidade**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e discurso**. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: Uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 1996.

Feminicídio: um crime de gênero

* Raiane de Oliveira Veloso (IC), Lúcia Gonçalves de Freitas (PQ)
email:luciadefreitas@hotmail.com

UEG-Jaraguá - Av. Diva de Freitas, s/n Setor Aeroporto

Resumo: Neste texto, retomamos o percurso transcorrido ao longo da pesquisa de iniciação científica com bolsa do PIBIC CNPq/Ensino Médio, denominada “O feminicídio em Jaraguá”. O projeto teve como objetivo realizar um levantamento teórico sobre o tema do feminicídio e suas relações com os estudos de gênero. O intuito foi usar tal levantamento para apoiar uma melhor compreensão sobre esse tipo de crime no contexto da cidade de Jaraguá. Para isso, foram selecionados, lidos, fichados e compilados textos que resultaram em uma narrativa sobre o feminicídio como um crime de gênero, conforme apresentamos aqui.

Palavras-chave: Discurso. Direito. Mulher. Violência.

Introdução

Este texto apresenta o levantamento bibliográfico realizado para a pesquisa de iniciação científica denominada “O feminicídio em Jaraguá”. O tema foi escolhido pela própria bolsista do CNPQ/EM, estudante do Ensino Médio do Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás Silvio de Castro Ribeiro – Jaraguá, em função do interesse de conhecer a realidade sobre o feminicídio na cidade onde a bolsista e a orientadora residem.

Os casos de assassinatos de mulheres por questões sexistas são recorrentes no Brasil que, segundo a ONU, ocupa a quinta posição no ranking mundial de feminicídio entre a lista dos dez países considerados mais perigosos para as mulheres no mundo. Embora, quando noticiados, esses casos choquem a sociedade, por muito tempo essa prática cruel foi tratada como crime comum sem maiores considerações sobre o enquadre de gênero que possui.

Nesta pesquisa, consideramos estudar o tema a partir justamente desse enquadre de gênero, conforme ele é conceituado pelos Estudos de Gênero (LOURO, 2007) que amparam protocolos internacionais para o tratamento judicial

desse crime, como as Diretrizes Nacionais Feminicídio (BRASIL, 2016) e a própria lei do Feminicídio. A seguir, apresentamos o percurso de pesquisa e seus principais resultados.

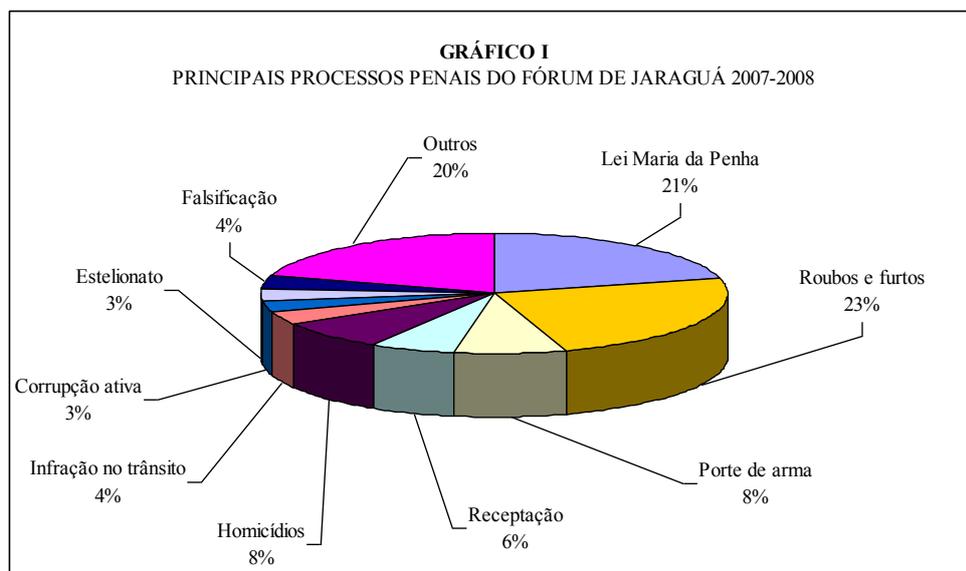
Material e Métodos

O objetivo principal de nossa pesquisa foi realizar um levantamento bibliográfico sobre o tema do feminicídio que pudesse embasar uma melhor compreensão sobre esse problema social na cidade de Jaraguá, onde residimos. Para isso, realizamos uma compilação de referências que nos apoiou na conceituação do termo feminicídio (MENEGHEL e PORTELLA, 2017), sua relação com a perspectiva de gênero (LOURO, 2007) e as formas de tratamento como um crime de gênero (DOSSIÊ, 2016; BRASIL, 2016). Essa compilação resultou em uma narrativa sobre como surgiu o conceito de feminicídio, o que ele significa, quais as suas ligações com os Estudos de Gênero, como essa relação embasa as políticas públicas de tratamento desse crime e a própria lei do feminicídio, conforme apresentamos, a seguir.

Resultados e Discussão

Embora, de longas datas as mulheres tenham sido mortas por homens que se consideram donos delas, o termo feminicídio propriamente no sistema penal é recente, uma vez que a lei do feminicídio (lei N 13.104/2015) foi aprovada apenas em 2015 (BRASIL, 2016). À época do projeto de pesquisa, em 2018, tínhamos uma percepção de que o tema era praticamente desconhecido em nossa cidade, Jaraguá, interior de Goiás. Muitas pessoas aparentemente ouviam falar, mas não entendiam do que se tratava propriamente. No entanto, a violência contra a mulher é muito grande em nosso município. No trabalho de pesquisa realizado por Freitas e Pinheiro (2012) sobre violência contra as mulheres, durante os anos de 2008 a 2010, embora as pessoas de Jaraguá pensassem que o crime local mais recorrente seria a falsificação de roupas, os dados dos processos criminais do Fórum da cidade

mostravam que no município o número de processos enquadrados na lei Maria da Penha, por exemplo, só perdia para o crime de roubo e furto juntos, conforme mostra o gráfico a seguir (FREITAS e PINHEIRO, 2012, p. 230)



Dentre os casos que foram julgados segundo a lei Maria da Penha, segundo esse estudo, 5% eram feminicídios, embora naquele momento não fossem assim enquadrados (FREITAS e PINHEIRO, 2012). E o que é feminicídio? A seguir apresentamos nossa compilação de textos sobre esse conceito e sua relação com questões de gênero.

O conceito de feminicídio

O conceito de feminicídio foi utilizado pela primeira vez por Diana Russel em 1979, no tribunal internacional sobre crimes contra as mulheres, realizados em Bruxelas para caracterizar o assassinato de mulheres pelo fato de serem mulheres. O feminicídio é um tipo de homicídio praticado contra uma mulher em razão do seu gênero, ou seja, justamente pela associação de que o sujeito feminino deve se subordinar ao masculino. Muitas pessoas confundem femicídio com feminicídio, mas existe uma diferença entre os dois conceitos. O femicídio é a morte de uma mulher sem que haja ódio ou desprezo ou repulsa pela sua condição de ser mulher, ou seja,

é o nome dado ao assassinato de qualquer mulher. Usa-se o termo como uma forma de homicídio no feminino. Já o Femicídio é o assassinato de uma mulher pela condição de ser mulher. São crimes que ocorrem geralmente na intimidade dos relacionamentos e com frequência caracterizam-se por formas extremas de violência e barbárie. São crimes cujo impacto é silenciado, praticados sem distinção de lugar, de cultura, de raça ou de classe, além de serem a expressão perversa de um tipo de dominação masculina ainda fortemente cravada na cultura brasileira. Em geral cometidos por homens contra as mulheres, suas motivações do feminicídio são o ódio, o desprezo ou o sentimento de perda da propriedade sobre elas.

Segundo a socióloga Lourdes Bandeira, o feminicídio representa a última etapa de um continuum de violência que leva à morte. Precedido por outros eventos, tais como abusos físicos e psicológicos, que tentam submeter as mulheres a uma lógica de dominação masculina e a um padrão cultural que subordina a mulher e que foi aprendido ao longo de gerações, trata-se, portanto, de parte de um sistema de dominação patriarcal e misógino. O cenário que essa barbaridade acontece geralmente é em bairros mais pobres, cenários familiares e domésticos, já que a família na sociedade patriarcal confere todo o poder ao homem e nas relações entre parceiros íntimos as mulheres são consideradas propriedade do marido, namorados e ex-companheiros.

O feminicídio como uma violência de gênero

A palavra gênero foi utilizada pela primeira vez nas ciências médicas, na psicologia e depois na sociologia e, a partir dos anos 1980, na história das mulheres. Na França, nos anos 1970, para falar deste conceito, segundo Louro (2007), falávamos antigamente de “sexo social” ou de “diferença social dos sexos”. Em 1972, Ann Oakley, socióloga britânica, queria diferenciar o sexo do gênero, pois quando falamos em gêneros estamos falando de desigualdade social, desigualdade que a sociedade impõe. O fato de a biologia dotar-nos com o sexo feminino ou masculino e suas diferenças próprias, não justifica as diferenças sociais que serão associadas a cada sexo e que têm reservado às mulheres um papel subalterno e de

submissão em relação aos homens.

As desigualdades de gênero começam desde a infância, é dizer, a socialização primária. O indivíduo, desde a socialização primária aprende as diferenças de gênero e, dependendo de seu contexto social, será instruído a desempenhar papéis que são estabelecidos nesses contextos. Nos anos 1930, a etnógrafa Margareth Mead estudou diferentes sociedades e pôde atestar que cada uma delas codificava os papéis masculinos e femininos de formas bem particulares e diversas de uma sociedade para outra. Ela demonstrou que em determinados grupos humanos a caça era atribuição dos homens, enquanto a pesca era das mulheres. Há sociedades em que é o homem quem repousa após o nascimento de um filho, enquanto as mulheres trabalham logo após o parto. Essas diferenças são sociais e não biológicas, variam, portanto de um grupo humano para outro e de tempos em tempos.

O gênero, portanto, é um conceito que busca captar essas diferenças sociais que são atribuídas ao sexo biológico. O aspecto descritivo da categoria facilita compreender como as construções sociais se apropriam das diferenças sexuais e biológicas entre homens e mulheres e conferem a cada sexo atributos opostos. Estas atribuições foram associadas a papéis e esferas sociais distintas, que são valorizadas econômica, política, social e culturalmente também de forma distinta. “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, afirmou Simone de Beauvoir, estudiosa da condição feminina. Para ela, “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o desqualifica a feminino” (LOURO, 2007). O conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política.

O Centro de Integração da Mulher (CIM, 2018), em sua página on-line lista os seguintes planos de gênero:

- Plano sociocultural: o gênero é um sistema de organização social que outorga maior poder e privilégios aos homens, e que se apoia em uma série de crenças que legitimam e mantêm esta estrutura social. Os valores, costumes, tradições e estereótipos junto às leis de um país regem o modelo de organização

social.

- Plano relacional: o gênero é um processo dinâmico de representação; uma representação do que significa ser mulher ou homem em situações cotidianas, o que, por sua vez, influencia a forma como se comportam homens e mulheres e como são tratados.

- Plano pessoal: neste nível, o gênero é um aspecto que também influencia a identidade e as atitudes pessoais. Seriam o conjunto de expectativas, interesses, fantasias e crenças que estão associadas a modelos mais ou menos aceitáveis do que significa ser um homem masculino ou uma mulher feminina em uma cultura específica.

O feminicídio é uma violência de gênero na medida em que é motivado pelo menosprezo ou discriminação à condição da mulher. As Diretrizes Nacionais Feminicídio, documento nacional de que orienta o tratamento desse crime no Brasil, detalha as motivações baseadas em gênero que podem estar por trás de episódios violentos: sentimento de posse sobre a mulher; controle sobre seu corpo, desejo e autonomia; limitação da sua emancipação profissional, econômica, social ou intelectual; tratamento da mulher como objeto sexual; e manifestações de desprezo e ódio pela mulher e por sua condição de gênero. Algumas estudiosas do tema alegam que o termo feminicídio se originou a partir da expressão "genocídio", que significa o assassinato massivo de um determinado tipo de gênero sexual. Por todas essas características, pode-se afirmar que o feminicídio é uma violência de gênero, como está caracterizado na Lei Maria da Penha e como foi discutido para o projeto de lei que resultou na chama Lei do Feminicídio.

Lei 13.104, de 2015, a Lei do Feminicídio

Em 2015 o Congresso Nacional aprovou uma lei que mudou o artigo 121, que define homicídio no Código Penal. Esse artigo foi alterado e teve o feminicídio incluso como um tipo penal qualificador - como um agravante ao crime. O feminicídio qualifica o assassinato quando a mulher é morta por questões de gênero. A condição do feminicídio como uma circunstância qualificadora do homicídio o inclui

na lista de crimes hediondos, termo que é usado para caracterizar crimes que são encarados de maneira ainda mais negativa pelo Estado e que são ainda mais cruéis do que os demais. Por isso, há penas mais duras. Latrocínio, estupro e genocídio são exemplos de crimes hediondos – assim como o feminicídio.

Segundo Oliveira e Oliveira (2018) o feminicídio pode ser classificado em três situações:

- Feminicídio íntimo: quando há uma relação de afeto ou de parentesco entre a vítima e o agressor;
- Feminicídio não íntimo: quando não há uma relação de afeto ou de parentesco entre a vítima e o agressor, mas o crime é caracterizado por haver violência ou abuso sexual;
- Feminicídio por conexão: quando uma mulher, na tentativa de intervir, é morta por um homem que desejava assassinar outra mulher.

A Lei do Feminicídio (Lei 13.104, de 2015) não introduziu um “crime novo” no Código Penal. A rigor, o feminicídio é um agravante do crime de homicídio, uma circunstância específica que transforma o ato em homicídio qualificado. O tempo da pena aplicável ao feminicídio poderá ser aumentado se o crime for praticado contra pessoa portadora de doenças degenerativas que acarretem condição limitante ou de vulnerabilidade física ou mental. O crime receberá igual tratamento se for cometido na presença física ou virtual de descendente ou ascendente da vítima. A pena para o crime vai de 12 a 30 anos de reclusão. Mas pode ser elevada em até 50% caso o crime seja praticado na presença de filhos, pais ou avós da vítima, durante a gestação ou nos três meses imediatamente pós-parto e ainda contra vítima menor de 14 anos, maior de 60 anos ou com deficiência.

Considerações Finais

Este texto apresentou a compilação de material bibliográfico realizada como revisão de literatura para a pesquisa de “O feminicídio em Jaraguá”. O levantamento teórico possibilitou formularmos uma compreensão mais abrangente sobre o tema

do feminicídio, apreendendo o conceito, o contexto histórico de seu surgimento, suas associações a questões de gênero que embasam a própria lei que combate tal crime. O levantamento subsidia as análises de um corpus de notícias sobre assassinatos de mulheres na cidade de Jaraguá ao longo dos anos de 2015 a 2018, momento em que realizamos a pesquisa de Iniciação Científica. Os resultados finais do estudo deverão ser apresentados futuramente em eventos e publicados em periódicos da área de linguagem. Esperamos que este texto sirva como uma introdução e guia de referências para novos estudos sobre esse problema social que ainda atinge um contingente grande de mulheres em todo o mundo.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica para Ensino Médio.

Referências

BRASIL, Secretária Especial de Políticas para as Mulheres. **Diretrizes Nacionais Feminicídio**. Investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres. SPM: Brasília, 2016.

CIM, Centro de Integração da Mulher. **Quais são as causas da desigualdade de gênero?** [on-line] 2018. Disponível em: <https://cimmulher.org.br/2018/11/28/quais-sao-as-causas-da-desigualdade-de-genero/>. Acesso em 12 de setembro de 2019.

DIOTTO, Nariel; PIRES, Tatiana Diel; SOUTO, Raquel Buzatti. A (des)igualdade de gênero e o feminicídio: a evolução Sociocultural da mulher e os reflexos da dominação patriarcal. In: **ANAIS** do XXI Seminário Interinstitucional de Ensino Pesquisa e Extensão. Universidade de Cruz Alta, 2017. Disponível em: [https://www.derechocambiosocial.com/revista047/A_\(DES\)IGUALDADE_DE_GENERO%20.pdf](https://www.derechocambiosocial.com/revista047/A_(DES)IGUALDADE_DE_GENERO%20.pdf). Acesso em: 23 de março de 2018.

DOSSIÊ Feminicídio. **Qual é o papel da imprensa?** O poder da mídia e a responsabilidade social da imprensa. Agência Patrícia Galvão. 2016. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/qual-o-papel-da-imprensa/#>. Acesso em 23 de julho de 2019.

FREITAS, Lúcia Gonçalves de ; PINHEIRO, Veralúcia. Violência contra a mulher: rompendo o silêncio e a invisibilidade. In: FREITAS, Lúcia Gonçalves de (Org.).



Aspectos histórico-sociais de Jaraguá. Anápolis: UEG, 2012 p.222-256

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. (9ª. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MENEGHEL, Stela Nazareth; PORTELLA, Ana Paula. Femicídios: conceitos, tipos e cenários. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 3077-3086, Set. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002903077&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 Junho de 2019.

OLIVEIRA, Guilherme; OLIVEIRA, Nelson. Três anos depois de aprovada, Lei do Femicídio tem avanços e desafios. **Senado Notícias**, 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/tres-anos-depois-de-aprovada-lei-do-femicidio-tem-avancos-e-desafios>. Acesso em: 12 de setembro de 2019.

Liberdade altruísta e a memória de Quixote no cinema pop de Jean Pierre-Jeunet

Natália Soares Resende^{1*} (IC), Juliano de Almeida Pirajá² (PQ).

Nataliasoares14.ns@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa.

Resumo: Este trabalho dedica-se a investigar, por meio de teorias da comparabilidade literária, a relação entre o romance inaugural, **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote da Mancha**, da autoria do escritor castelhano, Miguel de Cervantes, e três obras pertencentes à filmografia do diretor cinematográfico francês, Jean Pierre-Jeunet; sendo elas **O Fabuloso Destino de Amélie Poulain (2001)**, **Eterno Amor (2004)** e **O Ladrão de Sonhos (1993)**. Essa relação é construída a partir da ideia de liberdade e loucura, que abraça os protagonistas de cada obra a que nos dedicamos nesta pesquisa. Caminhar entre esses conceitos é o que tentamos fazer neste trabalho que busca compreender a loucura atrelada à liberdade, longe da ideia patológica à qual se relaciona em alguns ideários. Para isso tomaremos o herói cervantino como espelho para as ações dos protagonistas dos filmes, acreditando que o diretor, além de leitor do Quixote, é mais um dos indivíduos que, inseridos na cultura ocidental, não pôde distanciar-se da influência que o Dom Quixote exerce até os dias atuais.

Palavras-chave: Dom Quixote; comparabilidade; liberdade; loucura.

Introdução

O que vemos na obra **Dom Quixote** é um personagem perdido na loucura literária advinda da leitura de muitas novelas de cavalaria. O Quixote é o típico romântico incurável que sai em busca de aventuras, em nome do amor, tal qual vê nas obras lidas de sua biblioteca. O fidalgo falido sai em um encontro com seu próprio imaginário, lutando por causas insolúveis, na companhia de seu fiel escudeiro, Sancho Pança, que apesar de ter breves momentos de lucidez, partilha, na maior parte do tempo, da mesma aventura de seu amo, a maior loucura literária já escrita, em uma busca altruísta a qual nos referimos.

Tanto o Quixote, quanto Amélie, perseguem causas que mais pertencem à



suas mentes do que a qualquer outro lugar. Porém, ainda assim, são capazes de 'mudar o mundo' dentro da liberdade poética da literatura e do cinema. De todas as obras estudadas, a narrativa da vida cotidiana de Amélie é, afinal, a que mais se aproxima do objetivo de assemelhar-se à obra literária de Cervantes. Nas outras duas obras, apesar das semelhanças, temos uma personagem lutando por amor e intuição e outro personagem lutando por uma causa que se distancia do Quixote, pelo egoísmo, mas ainda se aproxima, pela mesma ideia de loucura.

Material e Métodos

Resultados e Discussão

A principal obra de Cervantes, **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote da Mancha**, não foi tida com algo sério para os seus contemporâneos, mas sim como uma comédia sobre os heróis das novelas de cavalaria que, nesse período, já estavam em declínio; ainda assim a obra foi um grande sucesso. Porém, foram as gerações posteriores que elevaram essa literatura ao cânone mundial e analisaram seu teor crítico.

Nas entrelinhas da primeira parte de Quixote, o leitor experimenta o sentimento de liberdade total, um senhor de idade que constrói seu próprio ideal guiado por suas obras de cavalaria e encontra um mundo de histórias e aventuras para si, nos encaminha para experimentar o sentimento de ser absolutamente livre, vivendo dentro de si. É também ao longo dessa primeira parte que conhecemos personagens que representam com maior exatidão a vivência histórica do autor. Em umas das passagens mais famosas da obra, o cura e o barbeiro, apoiados pela ama e pela sobrinha de Dom Quixote, selecionam livros para "salvar" da fogueira que acendem para queimar os livros supostamente causadores da "doença" do velho Quixada. Os livros salvos são os livros aprovados, como leituras edificantes, pelo cânone clérigo europeu.

A influência exercida por Dom Quixote na obra do cineasta francês é tal que evidencia partir de um leitor de Cervantes. Assistir sua filmografia, principalmente a mais famosa, **O Fabuloso Destino de Amélie Poulain**, é deliciar-se em um legado que o Quixote envia para a contemporaneidade, fazendo-se mais vivo e atuante do



que foi, em sua própria época. Quando Amélie inicia sua trajetória em busca de ajudar as pessoas em seu cotidiano, descobrindo mistérios e rememorando histórias, é uma clara leitura quixotiana. A busca de Amélie tem uma liberdade, fuga de padrões, que somente o Dom Quixote poderia experienciar e difundir.

Não é tão diferente quando falamos dos personagens dos outros dois filmes trabalhados, que também buscam coisas extremamente fora da margem do que se compreende como normalidade no cenário em que a narrativa se insere. Porém, os dois caminham por lugares distintos da Amélie e do Dom Quixote, ainda que ligados por essa fuga à normalidade, pela ganância do que vem a ser liberdade dentro de suas histórias e pela, muito presente, ideia de loucura.

Ao final dessa investigação, pudemos concluir que o Dom Quixote ainda é muito influente na cultura ocidental. Ainda que essas semelhanças não sejam propositais, elas existem e estão evidentes na forma de criar do século XX. A influência do Quixote marca, até mesmo aqueles que estão isentos dos escritos de Miguel de Cervantes. O Dom Quixote está implícito no imaginário ocidental.

É inegável a semelhança dos personagens de Jean Pierre-Jeunet com o herói cervantino. Traços como o altruísmo de Amélie, a convicção de Mathilde e a loucura de Frank, cruzam-se formando o efeito de liberdade que torna essas obras tão evidentemente inspiradoras e humanas. A liberdade é o que une esses personagens ao Dom Quixote, revisitando um tipo de loucura que passa ao longe da ideia de insanidade, para aproximar-se da ideia de afastamento de um padrão que cobra um tipo de comportamento que faria desses personagens indivíduos “normais”. Longe disso, eles quebram amarras e tornam-se livres.

Considerações Finais

Este estudo resulta em uma reflexão acerca da comparabilidade no ramo da literatura. Nos tempos atuais, a literatura é uma soma e abrange mais do que apenas as letras, estendendo-se para as mídias contemporâneas, nas quais o cinema se insere. Analisar essa obra tão importante para o imaginário ocidental é enfatizar sua relevância para os dias em que estamos vivendo. Em Amélie Poulain ouvimos que “são tempos difíceis para os sonhadores” e, ao ler a obra de Cervantes, vemos que isso não era diferente nos tempos de Dom Quixote.

Relacionar essas obras contribui para a aproximação do passado com o presente, com a busca da nossa própria história. O progresso é uma ideia instável e a história é um ciclo pelo qual estamos passando. Nossos antepassados compartilham de nossas angústias e não poderia ser de outra forma. Assim sendo, devemos nos recordar de que as memórias de Quixote no cinema pop de Jean Pierre-Jeunet, são as memórias que guardamos daquilo que não se esvai, mas permanece para nós na literatura mundial, influenciando tudo que foi criado depois disso.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer, de forma inicial, à fé em Deus, que move e incentiva àqueles que n'Ele acreditam. Posteriormente, gostaria de registrar uma gratidão imensa ao meu orientador, Pirajá, que me acolheu, mesmo sem um rumo de projeto por onde trilhar e me ajudou a traçar todo o caminho desta pesquisa, me aconselhando, estruturando e apoiando em momentos de dificuldade. Também gostaria de agradecer à sua esposa, Lilian, pela ajuda no título e em todas as outras discussões deste trabalho.

Quero agradecer à minha família, pelo apoio e paciência, mesmo sem a compreensão exata do que eu estava fazendo. E gostaria, ainda, de agradecer ao meu namorado, Pedro, pela imensa força em segurar momentos de possível desmoronamento, e também por acreditar e afirmar que tudo sempre terminaria bem, ajudando para que eu não me permitisse desistir, fazendo-se assim, mais do que qualquer coisa, um grande amigo. Enfim, quero registrar esse agradecimento a todas as pessoas que cruzaram o meu caminho trazendo algo bom, e a todos os amigos que a universidade, gentilmente, colocou na minha vida. E, em especial, ao meu grupo de pesquisa, por embarcarmos nisso juntos, obrigada!

Referências

- CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha**. Tradução de Almir de Andrade, Milton Amado. São Paulo: Nova Fronteira, 2016.
- Ladrão de Sonhos**. Direção: Jean-Pierre Jeunet; Marc Caro, produção: Elias Querejeta. França, 1995.
- O Fabuloso Destino de Amélie Poulain**. Direção: Jean-Pierre Jeunet, produção: Claudie Ossard; Helmut Breuer; Jean-Marc Deschamps. França, 2001.
- Eterno Amor**. Direção: Jean-Pierre Jeunet, produção: Angus Finney, Jean-Louis Monthieux. França, 2004.
- ARENDR, Hannah**. Entre o passado e o futuro. São Paulo, Perspectiva, 2005.



- _____. Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. Trad: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- AGAMBEN, Giorgio.** O que é contemporâneo e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- BERNARDO, Gustavo.** O livro da metaficção. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.
- BLANCHOT, Maurice.** O Espaço Literário. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BOURDIEU, Pierre.** O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- ECO, Umberto.** A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica. Tradução Pérola de Carvalho. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- FLUSSER, Vilém.** Filosofia da caixa-preta. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.
- FLUSSER, Vilém.** O mundo codificado. São Paulo: CosacNaify, 2007b.
- LIMA, Luiz Costa.** História, ficção, literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- RICOEUR, Paul.** A Memória, a História, o Esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ROTTERDAM, Erasmo.** Elogio da Loucura. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- SANTOS, L.A. Brandão & OLIVEIRA, S. P.** Sujeito, tempo e espaços ficcionais. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WHITE, Hayden.** Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução Alípio Correia de Franco Neto. São Paulo: EdUSP, 1994.
- ZIZEK, Slavoj.** Bem-vindo ao deserto do real! São Paulo: Boitempo, 2003.
- ZUMTHOR, Paul.** Performance, recepção, leitura. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

O discurso de universitários a respeito dos cárceres

Gabriela Magalhães Sabino¹ (IC)*; Elizete Beatriz Azambuja² (PQ)

¹ gabymagal15@outlook.com; Universidade Estadual de Goiás – UEG/Câmpus São Luís de Montes Belos. Rua da Saudade com Viela B, nº 56, Vila Eduarda, São Luís de Montes Belos - GO, CEP: 76.100-000

² Universidade Estadual de Goiás/ Câmpus São Luís de Montes Belos/GO

Resumo: Essa pesquisa tem como finalidade compreender o imaginário social acerca do discurso dos universitários a respeito dos cárceres. Desse modo, com a análise das entrevistas é possível perceber o discurso midiático que circula em nossa sociedade sobre o cárcere que predomina no espaço acadêmico monte-belense. Para isso, tomamos como material de análise enunciados produzidos por universitários da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus São Luís de Montes Belos. Verificamos quais sentidos são atribuídos para os cárceres, observando o funcionamento ideológico nas regularidades enunciativas no referido espaço social. Ao longo dos estudos, também buscamos observar os efeitos sócio-históricos que se apresentam nos discursos produzidos e assim entender como funciona o imaginário que constitui os discursos dos universitários sobre os cárceres. Para nossa pesquisa, fundamentamo-nos nas noções teóricas da Análise de Discurso, teoria que considera a relação indissociável entre sujeito, língua e o contexto sócio-histórico e ideológico. Para o estudo do *corpus* que organizamos, recorreremos, principalmente, a autores como Orlandi (2015; 1996), Travaglia (2009), Foucault (2008; 1979), Pêcheux (1995).

Palavras-chave: Acadêmicos. Análise de Discurso. Discurso midiático. Sistema Prisional Brasileiro.

Introdução

Nossa pesquisa possui a proposta de analisar os discursos acerca dos cárceres produzidos por estudantes da Universidade Estadual de Goiás do Câmpus São Luís de Montes Belos/GO, a fim de observar, registrar e refletir sobre o modo que é visto o sistema prisional brasileiro pelos acadêmicos.

Como fundamentação teórica do nosso trabalho, tomamos como base a Análise de Discurso de linha francesa, que foi fundada por Michel Pêcheux, na França, nos anos 60 do século XX, e essa teoria tem como objeto o discurso. No

Brasil, os estudos discursivos foram introduzidos por Eni Puccinelli Orlandi que, juntamente com outros autores, passou a desenvolvê-los, levando em conta a relação indissociável entre sujeito, língua e contexto sócio-histórico e ideológico.

Segundo Orlandi (2015, p.13), o discurso é palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Com isso, procura entender a língua fazendo sentido, como trabalho simbólico, parte fundamental do trabalho social que constitui o homem e a sua história.

Desta maneira, a Análise de Discurso leva em conta que a linguagem é a mediação entre homem e sua realidade, pois o trabalho simbólico do discurso está na base de produção da existência humana. Entende-se que esta teoria:

[...] não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2015, p.13-14).

Considerando, assim, o homem na sua história, é necessário abordar os processos e as condições de produção da linguagem que possuem uma relação determinada pela língua e os sujeitos e as situações nas quais acontece o dizer. Em vista disso, para compreender as regularidades da linguagem em sua produção, o analista associa a linguagem à sua exterioridade.

Mediante o exposto, os estudos discursivos destinam-se a pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentralizando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística que é a língua.

Por conseguinte, a Análise de Discurso não trabalha com a língua fechada nela mesma como na Linguística, pois lida com o discurso que, para Orlandi (2015, p. 14), é um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto. Não se trabalha com a história e a sociedade como se elas fossem independentes do fato de que elas significam.

Reflete-se, então, como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se evidencia na língua. Dessa maneira, a materialidade específica da ideologia é o discurso e este se materializa na língua. Assim, a Análise de Discurso trabalha a relação língua–discurso-ideologia.

Como resultado, o discurso é o lugar em que se pode notar a relação entre língua e ideologia, considerando que a língua cria sentidos por/para os sujeitos.

Vale ressaltar o que Travaglia afirma sobre o fato de todo discurso estar relacionado às formações imaginárias que, por sua vez, estão ligadas ao sujeito. De acordo com o autor, elas são importantes, para o efeito de sentido que acontece numa interação determinada, às imagens que o produtor e receptor do texto fazem:

a) do assunto; b) da situação; c) de si próprios; d) um do outro (a imagem que o produtor faz do receptor e vice-versa) e e) das imagens que cada um acha que seu interlocutor fez dele (a imagem que o produtor do texto acha que o receptor faz dele - produtor -; a imagem que o receptor acha que o produtor faz dele; a imagem que o produtor acha que o receptor faz da imagem que ele, locutor, faz da imagem que o receptor faz dele e assim por diante) (TRAVAGLIA, 2009, p. 90).

Nessa perspectiva, é possível compreendermos como a relação indissociável entre sujeito, língua e o contexto sócio histórico implicam na interpretação, ou seja, na questão de sentidos que atribuem aos detentos e também ao cárcere por somente conhecer o que a mídia propõe e não se informarem sobre os estudos relacionados a uma visão do sistema prisional que não seja a institucionalizada pelo Estado, nas suas relações de poder.

Material e Métodos

Como procedimentos metodológicos, realizamos leituras de textos da teoria Análise de Discurso, assim como de obras que tratam do sistema prisional.

Organizamos um *corpus* de análise a partir de entrevistas com acadêmicos da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus São Luís de Montes Belos /GO. Um aspecto das condições de produção das entrevistas é o fato de os sujeitos envolvidos na pesquisa fazerem parte dos quatro cursos do câmpus: Letras, Medicina Veterinária, Pedagogia e Zootecnia. Ou seja, duas áreas distintas: Agrárias e Humanas.

As entrevistas foram escritas em formato de questionário e, posteriormente,

fizemos recortes de enunciados para analisar o discurso que é o objeto de nosso estudo.

Resultados e Discussão

Buscamos realizar uma reflexão sobre a discursividade no espaço acadêmico e através das entrevistas com os estudantes do câmpus esperamos contribuir para que não somente eles, mas a sociedade em geral perceba o imaginário equivocado a respeito dos cárceres que é disseminado pela mídia e também estabelecido pelo imaginário sócio-historicamente construído. Ao começarmos as nossas análises dos enunciados produzidos na entrevista é possível percebermos que existe muito preconceito da parte dos entrevistados com o cárcere.

Vejamos, a seguir, alguns comentários das questões:

Pesquisadora: O que você pensa a respeito de alguém que se encontra preso ou que já esteve?

Estudante: Em relação a quem está preso, penso que fez algo grave para merecer tal punição, então a credibilidade dele é zero. O mesmo vale para alguém que já esteve sempre terei certa desconfiança.

Percebe-se através do comentário que o acadêmico se inscreve numa formação discursiva que predomina em nossa sociedade, ou seja, são pessoas que estão pagando ou pagarão por algo que cometeram, seria uma ideia de ação e reação que a sociedade possui a respeito do tema.

Pesquisadora: Você considera que o sistema penitenciário brasileiro tem condições de ressocializar os detentos? Faça um comentário.

Estudante: Não, pelo pouco que vejo nos jornais as penitenciárias são superlotadas o que dificulta essa ressocialização, fora que há fugas constantes o que mostra que o sistema é fraco.

Observa-se que aqui também o entrevistado percebe a falha no sistema, e deixa claro que os noticiários têm influenciado na imagem que ele tem da penitenciária. Quer dizer que o posicionamento do discurso do estudante é que não há como ressocializar os detentos devido o sistema não apresentar medidas para tal. Assim, seria ineficaz o sistema e a ressocialização inexistente, pois quem comete um delito somente será trancafiado em presídios, com estruturas inadequadas e falta

de incentivo e investimento na educação, na cultura e no trabalho, fatores primordiais no processo de ressocialização.

Pesquisadora: Você daria a oportunidade de trabalho para um ex-presidiário? Comente.

Estudante: Depende do grau do crime que esse ex-detento cometeu. Alguns crimes não dão para relevar, como: estupro de mulheres e crianças e feminicídios, e casos bárbaros que aconteceu nos últimos anos, esses não merecem perdão e nem segunda chance. Ações a sangue frio.

Nota-se que esse entrevistado não daria oportunidade devido o preconceito que gera a falta de confiança. Nesse enunciados, observamos a presença da marca discursiva *Depende*, para avaliar a gravidade do crime.

Pesquisadora : O que você pensa sobre o fato do Brasil ser o terceiro país com a maior população carcerária do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da China ?

Estudante : Isso é o reflexo de uma sociedade que não se preocupa com a educação, e que não incentivo de retorno do bandido que já cumpriu a sua pena, mas por falta de opção voltou para o mundo do crime.

Foi possível perceber que, através da resposta do entrevistado, que ele tem conhecimento que o sistema prisional é falho e que a população carcerária é numerosa, devido à falta de investimento na educação e que não há políticas públicas que atendam as pessoas egressas do sistema carcerário.

Pesquisadora: Faça um comentário a respeito do enunciado que circula na sociedade: 'bandido bom é bandido morto'.

Estudante: Considerando o sistema carcerário em que o Brasil se encontra, esta seria a solução mais simples.

São conhecidas as problemáticas que afetam o sistema carcerário, porém a morte não seria a solução. Desse modo, nesses enunciados, percebemos que há uma formação ideológica em que os universitários se inscrevem e que remete a um significativo preconceito com os encarcerados ao ponto de pensar que a morte seja a solução.

É importante registrar que a nossa análise pode contribuir para que compreendamos melhor o funcionamento do discurso referente aos encarcerados. A construção de uma análise discursiva sobre o modo como os detentos são vistos por



essa comunidade e a divulgação da mesma pode fundamentar reflexões pertinentes que suscitem novos sentidos sobre a temática em questão.

Considerações Finais

Ao longo da análise que produzimos, percebemos muito preconceito da parte dos entrevistados com o cárcere, ou seja, um imaginário social de estranhamento através das entrevistas com os acadêmicos do câmpus. As entrevistas permitem-nos verificar as marcas linguísticas que constituem os discursos dos universitários a respeito dos cárceres.

Os diferentes sujeitos argumentam de forma que apontam para uma formação ideológica preconceituosa que, sabemos, foi/é construída sócio-historicamente. Isso acontece quando o sujeito apresenta um ponto de vista e depois retoma outro, por exemplo o comentário de um estudante sobre o enunciado '*Bandido bom é bandido morto*', *Penso que a morte é algo muito duro, porém todos devem responder as suas ações*. O operador argumentativo *porém* produz efeitos de sentido de que, mesmo a morte sendo algo ruim, ele deveria ser responsabilizado pelos seus erros.

Com as análises feitas, também foi possível observar que os estudantes, tanto da área de humanas quanto da área de agrárias, apresentam em seus enunciados imagens de encarcerados que circulam nas diferentes mídias.

Agradecimentos

Agradeço a Coordenadoria Central de Bolsas da Universidade Estadual de Goiás por me aceitar como uma bolsista voluntária, proporcionando-me uma oportunidade de aprendizado no espaço acadêmico.

À professora Elizete B. Azambuja, coordenadora do Projeto, pelo convite para continuar no projeto que, a meu ver, é de relevância para a sociedade e por sua orientação durante a pesquisa.

Referências

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

GRECO, R. **Sistema Prisional**: colapso atual e soluções alternativas. Niterói, RJ: Impetus, 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2015.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1996.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino gramática. São Paulo: Cortez, 2009.





VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



O ETHOS NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Erick Samuel Silva Thomas (IC)* thomaserick98@gmail.com, Silvair Félix dos Santos (PQ)
Universidade Estadual de Goiás

Resumo: Este trabalho aborda de forma crítica o ethos nas práticas discursivas dos professores de língua portuguesa por meio da atuação docente no Estágio Supervisionado. Tem como objetivo identificar nos relatos dos estagiários do curso de Letras, o ethos de professores da escola campo onde esses estagiários estão situados. Para isso, recorreremos à pesquisa bibliográfica e de observação de dados. Para o desenvolvimento teórico deste trabalho, utilizamos autores da Análise de Discurso como Amossy (2008), Bakhtin (2003, 2006), Fairclough (2001), Maingueneau (1997 e 2008), Orlandi (2001), dentre outros. Os resultados das análises demonstram algumas modalidades de ethos encontradas nos relatos dos estagiários, bem como, a associação destas com as práticas dos docentes em sala de aula.

Palavras-chave: Ethos. Práticas Discursivas. Formação de professor.

Introdução

Esta investigação é parte do projeto de pesquisa “formação de professor: uma análise das práticas discursivas da formação e da atuação docente no estágio supervisionado” que traz, dentre outros contextos-problemas, compreender como são as práticas discursivas dos professores de língua portuguesa que atuam no estágio supervisionado.

Esta produção foi concebida como resultado parcial de uma pesquisa de Iniciação Científica na modalidade Voluntário - PIVIC que gerou encontros semanais, debates teóricos a respeito de textos base para fundamentação da pesquisa, assim como, de definição de um corpus obtido em relatos contidos em “diários de campo” de estagiários em formação em um curso de Letras. Nesses relatos conseguimos apontar algumas questões referentes ao ethos sobre a formação de professores e, sobretudo, do Estágio Supervisionado na perspectiva da Análise do Discurso. Compreendemos que os relatos obtidos sobre as práticas discursivas em sala de aula retratam parte das ações utilizadas nas atividades de estágio e servem de base para as análises de representações do ethos nos contextos sociais e linguísticos desenvolvidos no estágio supervisionado de língua materna.

As expectativas é que os resultados revelem o ethos docente nos diferentes modos das práticas discursivas utilizadas pelos professores em suas aulas de língua portuguesa durante o processo de ensino-aprendizagem de estágio supervisionado.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





Como proposição específica, delimitamos que o objetivo principal desta investigação é analisar a influência do ethos nas práticas discursivas dos professores de língua portuguesa no estágio supervisionado. Assim, analisar as relevâncias significativas dos discursos pedagógicos que constroem o ethos docente, e como, a partir das linguagens dos professores, eles podem contribuir para um melhor processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

Material e Métodos

A metodologia se fundamenta nos princípios teórico-epistemológicos que sustentam uma concepção de um sujeito social. Pois acreditamos que a orientação histórico-crítico-social é a que mais contribui para a formação de um profissional reflexivo e a que melhor ressignifica suas experiências e suas atividades nos diferentes contextos de atuação. Como instrumento teórico, a pesquisa qualitativa é uma categoria de pesquisa que analisa profundamente o objeto a ser pesquisado. Assim, esta investigação oportuniza maior interação com os discursos obtidos dos locais da pesquisa por meio de registros produzidos pelos estagiários, os quais nos proporciona uma maior aproximação com o fenômeno social, educacional e discursivo estudado (TRIVINOS, 2008). Este tipo de pesquisa, segundo Marconi (2005, p.125), “baseia-se na observação dos fatos tal como ocorrem na realidade”. Nesse sentido, dialogando com Pimenta (2006), esse momento é o de fazer emergir a teoria na prática e esta naquela.

Resultados e Discussão

Muito se tem discutido sobre as abordagens do ethos e as suas implicações para as ciências sociais, sendo investigadas através dos eventos discursivos, associando-os às teorias do discurso, da argumentação e da enunciação. Dentre essas três teorias, optamos pela que mais se aproxima com aquela que trata da Análise do Discurso, especialmente a de linha francesa. Desse modo, explicitamos aqui a diferença entre as duas abordagens que fazem problematizações acerca das ideologias presentes em nossa linguagem. São elas: a Análise do Discurso Francesa (ADF) e Análise de Discurso Crítica (ADC). Quanto a primeira ideologia, Orlandi (2001, p. 15) afirma que “procura-se compreender a língua, fazendo sentido, enquanto

REALIZAÇÃO



trabalho semiótico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Esta disciplina (ADF) sofreu inúmeras influências de teóricos de outras áreas do saber, bem como, os trabalhos de Michel Pêcheux, Michel Foucault e, sobretudo, de Mikhail M. Bakhtin. Por isso, hoje se fala em Análise de Discurso bakhtiniana, foucaultiana e pecheuxtiana.

Neste contexto discursivo e ideológico, o conceito de ethos pode ser investigado em uma dessas perspectivas. Já a ADC, que surgiu em 1990, é uma disciplina não muito reconhecida, mas não menos importante. É um campo de pesquisa teórico-metodológico que aborda questões referentes à relação entre linguagem e poder. Tem-se em Norman Fairclough um dos grandes fundadores dessa disciplina, o qual colaborou para o desenvolvimento de outros conceitos para a ADC, exemplificados em um de seus livros “Discurso e Mudança Social (2001, p. 90) - a ‘linguagem como prática social’”. Destarte, a ADC não investiga o ethos como na perspectiva da escola francesa, mas um outro conceito similar a este, o de “identidade”. Portanto, aqui neste trabalho, relacionam as práticas sociais vivenciadas em sala de aula com as linguagens que constroem a representação do professor no contexto da docência

A prática discursiva [...] envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 106 - 107).

Desse modo, as atuações docentes constroem práticas discursivas em sala de aula que permitem constatar determinados ethos discursivos de cada professor em relação aos processos de ensino-aprendizagem com seus alunos. Situar o ethos nas práticas discursivas dos professores é um caminho para analisar o ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Pois, os professores em suas aulas percebem as formas e os modos de linguagens empregados e como são refletidas no “tom” do processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, por parte dos alunos do estágio. Por meio do estágio supervisionado, os estagiários podem atuar com suas práticas discursivas e perceberem quais os discursos dos professores em sala de aula que são considerados de caráter essenciais nas crenças e nos conhecimentos.



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



Para isso, utilizamos o conceito de “ethos” e suas implicações discursivas na formação do docente em Letras, a partir do que Garcia-Reis (2017) discute sobre o ensino e a aprendizagem de língua portuguesa na perspectiva textual e discursiva. Em diálogo com a temática sobre o ethos, Conceição (2010) trata das representações do papel de professor de língua portuguesa em que considera as questões relacionadas às práticas do letramento e das representações sociais da escrita. Estas representações sempre foram ensinadas por meio de uma visão tradicionalista e que ainda está muito presente nas escolas. Ela defende que a escola deveria assumir o compromisso de trazer o letramento de seus alunos através de uma prática de leitura, de escrita e de oralização de diversos gêneros, e não apenas o exercício do conteúdo descontextualizado. Para Conceição (2010), o ensino tradicional prevaleceu por muito tempo e, atualmente, está sendo confrontado com contribuições teóricas como as de gêneros textuais/discursivos (Bakhtin, 2003), das relações intergenéricas (Corrêa, 2008) e de língua semiófora 1 (Conceição, 2008a), dentre outras.

Nesse contexto teórico, Maingueneau (2008) apresenta a noção do ethos no discurso desenvolvido no início dos anos 1980 na perspectiva de uma concepção mais clara do ethos, que está constituída de um interesse mais prático e não apenas teórico.

O ethos se traduz também no tom, que se relaciona tanto ao escrito quanto ao falado, e que se apoia em uma “dupla figura do enunciador, aquela de um caráter e de uma corporalidade” (MAINGUENEAU, 1997, p. 220 - 221)

Ele retoma os estudos tradicionais, como o de Aristóteles que foi o primeiro autor a tomar uma direção a respeito deste tema, em que o ethos, na visão aristotélica, está relacionado a arte da persuasão sobre o auditório, isto é, o convencimento por parte do auditório. Nessa concepção, são três qualidades fundamentais que o auditório lança mão para ouvir o enunciador: a phronesis, ou prudência, a aretè, ou virtude (sabedoria prática), e a eunoia, ou benevolência. Esses componentes ou qualidades influenciam o convencimento do auditório em relação a imagem de si do enunciador que está no discurso. Para tanto, essa abordagem deve ser minuciosa e com uma perspectiva de interpretação daquilo que os sujeitos dizem e expressam em suas práticas sociais. Dialogando com as conceituações de Maingueneau, Marcel e Cruz (2018) abordam o ethos de professores referenciais, em que

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





Concebe-se Professor Referencial como aquele professor formador que, por sua ação pedagógica, pelo que faz em sala de aula e pelo que é como personalidade docente, adquire, para o professor em formação, um status diferenciado de seus pares, formadores de professores, em termos de qualidade – o de arquétipo de prática para o professor em formação (p. 366).

Dessa forma, um Professor Referencial é um profissional diferente daqueles outros que estão inseridos no contexto da docência. Suas ações pedagógicas influenciam no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos. Tem uma personalidade docente e por este fator adquire um perfil diferente de outros docentes. Marcel e Cruz (2018) trazem questões referentes aos conhecimentos tácitos dos professores referenciais que foi constituído na relação entre os professores e seus estudantes. Porém, é válido afirmar que é um conhecimento tácito, algo construído na interação entre sujeitos no contexto da docência. Um outro termo que os autores utilizam é o de ethos.

Concebe-se êthos docente como a singularidade de cada professor, produto de sua constituição pessoal e profissional: “[...] caráter pessoal; padrão relativamente constante de disposições morais, afetivas, comportamentais e intelectivas de um indivíduo” (Houaiss; Villar, 2009). Nesse sentido, ethos docente seria a personalidade profissional docente, um amálgama de saberes docentes, profissionais, explícitos, e também tácitos, dos professores, de faces intelectivas, morais, afetivas e comportamentais (Marcel e Cruz, 2018, p. 367)

A partir dessas premissas, o ethos está presente em todo o discurso docente, trazendo visões pessoais e profissionais de cada professor em que suas ideias e seus valores são demonstrados em seu ethos. Dessa forma, esse fenômeno está bem conectado às várias perspectivas, tanto morais, afetivas e/ou intelectuais. O comportamento do professor em sala de aula revela seu ethos, como exemplificado por Pompeu (2016), em que analisa os relatos de duas professoras sobre o ensino de língua espanhola e a relação com a formação identitária do professor de línguas, mais especificamente, o professor de língua espanhola. Quanto as questões referentes ao conceito de ethos e de como este conceito é trabalhado nas linhas teóricas de cada campo do saber, Ferreira (2009) aborda por meio de uma visão interdisciplinar, o ethos desde o seu surgimento, migrando da Retórica para outros estudos, bem como a semântica argumentativa, a pragmática e a Análise do Discurso. Dessa maneira, o ethos é um dos três pilares da argumentação, juntamente ao logos (conjunto



harmônico de leis) e ao pathos (forma de persuasão). Para Aristóteles, o ethos tinha por função representar o aspecto ético ou moral que o enunciador deixava entrever através de seu discurso, conduzindo a boa argumentação, da qual levava ao convencimento. Para reforçar, Eggs (2008) e Maingueneau (2008) afirmam que, “o ethos não é dito, mas mostrado através da seleção de recursos estilísticos e linguísticos, dentre as inúmeras possibilidades existentes”.

Já Bortolotto e Guimarães (2016) citam Brait (2002) em que afirma “se por um lado não há como desvincular linguagem das atividades humanas, por outro, tal relação constitutiva não inviabiliza a possibilidade de análise das particularidades da linguagem em relação às diferentes atividades humanas”. Nessa mesma direção, Furlanetto (2011) elenca os conceitos de discurso e interdiscurso na visão de Maingueneau e destaca uma posição (social) na visão bakhtiniana em que focaliza as práticas discursivas. Ela questiona se o texto é estrutura ou acontecimento? e na abordagem da prática discursiva? Vale de início, o conceito de Bakhtin (2003, p.308) para texto

[...] o texto, aqui, como enunciado, ou seja, como material concreto em circulação no meio social e produzindo seus efeitos em situações reais. Nessa perspectiva, o texto é acontecimento da vida social.

Dessa forma, para Furlanetto (2011), a prática discursiva “pode referir-se de modo geral a qualquer atividade discursiva, ou a uma prática específica”. Ao tomarmos a palavra no campo das práticas sociais geramos uma imagem de nós mesmos um fenômeno conhecido como ethos. Desse modo perguntamos o seguinte: qual é a imagem que se tem da atuação do professor em sala de aula? trata-se de uma modalidade de ethos? Se sim, de qual forma devemos entender esta modalidade de ethos? Respondendo às perguntas anteriores, podemos dizer que sim, pois o professor em sala de aula exerce um ethos. No entanto, alguns autores entendem esta imagem como “ethos docente”, que na concepção de Marcel e Cruz (2018, p.367), seria “a personalidade profissional docente, um amálgama de saberes docentes, profissionais, explícitos, e também tácitos, dos professores, de faces intelectivas, morais, afetivas e comportamentais”.



Para melhor fundamentar nossa análise Eggs (2008, apud FERREIRA, 2009, p. ...) afirma que “o ethos está no discurso e ele pode ser mostrado através das escolhas realizadas pelo orador”, assim como Amossy (2008) reforça que esta escolha está em nossas crenças e em nossas competências linguísticas e enciclopédicas e que todo ato de enunciar, de tomar a palavra e realizar ações faz com que construamos uma imagem de nós mesmos, sem que precisamos detalhar nossas qualidades. Assim, o conceito de ethos nas práticas discursivas da docência pressupõe um diálogo com o conceito de professor que, segundo Loureiro (1986), citado por Cunha (2010, p.42) o bom professor “deve ser capaz de desenvolver e de promover nos alunos a “[...] aptidão para ser tudo o que se pode ser”, e conclui que “a verdade é que não existe, apesar de tudo, um consenso universal relativamente à ideia do que se possa considerar um bom professor” (p. 43).

Para continuarmos com esse debate é necessário que incluamos os conceitos de texto e de prática discursiva segundo as leituras da Análise do Discurso. O texto, de acordo com Bakhtin (2003, p. 308) citado por Furlanetto (2011, p.46), é a “realidade imediata das ciências ditas humanas (e isso inclui a musicologia e a teoria e história das artes plásticas), e todo texto ‘tem um sujeito, um autor (o falante, ou quem escreve)’”. Furlanetto (2011, p. 46) afirma que “ele [Bakhtin] olha o texto, aqui, como enunciado, ou seja, como material concreto em circulação no meio social produzindo seus efeitos em situações reais. Nessa perspectiva, o texto é acontecimento da vida social”. Pois, segundo Fairclough (2001, p. 106 - 107) a prática discursiva “envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais”. Em contrapartida, Furlanetto (2011, p.48) afirma que a prática discursiva “pode referir-se de modo geral a qualquer atividade discursiva, ou a uma prática específica”.

Os relatos dos professores de língua portuguesa, neste contexto, representam a análise de uma “amostra” das práticas discursivas da profissão docente a qual nos possibilita dialogarmos com o conceito de ethos em suas vivências profissionais no cotidiano. Nos trechos extraídos a seguir, encontramos as modalidades representadas de acordo com os seus respectivos estudiosos:

REALIZAÇÃO



Gostei da atitude da professora, a leitura fez conter a turma além de poder aprender interpretar textos. Não sei se teria a mesma atitude naquela hora, mas só tenho a elogiá-la. (P. F. 1); O objetivo da docente era discutir os elementos de um conto (clímax, enredo, etc.). Nota-se que a mesma é sociointeracionista (sua metodologia), deixando os alunos darem suas opiniões e falar (expor) suas percepções. (P. F. 3); A professora mostrou que sabia o conteúdo e modo como ensina para os alunos é claro e objetivo, interagindo e conversando com os mesmos. (P. F. 3); O relacionamento que a docente tem com os alunos (9º ano e 8º ano) chamou minha atenção. A mesma é bem animada e humorada; os alunos gostam de suas brincadeiras. (P. F. 3)

Como representado nos relatos anteriores dos professores em formação (P. F) 1 e 3, percebem os ethos 3 caracterizados discursivamente em “tom, que se relaciona [...e] que se apoia em uma “dupla figura do enunciador, aquela de um caráter e de uma corporalidade” (MAINGUENEAU, 1997, p. 220 - 221), neste caso, o de um profissional que representa uma prática dialética, um domínio metodológico e que são agregadas à admiração e a valoração de ‘bom-professor’ como apresentado por Loureiro (1986). No entanto, o ethos a seguir, é representado da seguinte perspectiva:

Quando o sino bateu, fomos para o 8º A. Antes de entrar, a professora comentou, bem baixinho, “agora você vai entrar no inferno”. (P. F. 2)

Neste exemplo de formação do ethos, compreendemos que a prática discursiva representa o valor de um professor imbuído de “preconceito, sem diálogo, autocrático”, como exemplo de ethos pré-discursivo segundo Maingueneau. Ainda com as mesmas percepções, os professores em formação, apontaram que:

Fui bem recebida pela minha professora, mas ouvi um comentário bastante infeliz: “escraviária, escraviária”. (P. F. 2); Hoje, durante as aulas, me senti mais “útil”. A professora me permitiu participar mais ativamente das aulas, ajudei nas correções e atividades propostas. (P. F. 4).

Nestes últimos exemplos, as práticas discursivas apresentadas, revelam a constituição do ethos como uma postura profissional do docente que conduz, necessariamente, os professores em formação (P.F. 2 e 4) a uma “reflexão, identificação da situação e uma tomada de consciência” das práticas sociais manifestadas pelos discursos docentes, exemplificando a noção de ethos de professores referenciais de acordo com Marcel e Cruz. Nesta mesma perspectiva teórica, as posturas ilustradas a seguir, retomam outras práticas sociais em que reforçam a questão do ethos com a formação do professor com a metodologia utilizada:



A professora deu um longo sermão, falando sobre como eles seriam massacrados / trucidados no conselho de classe de sexta. Apesar de suas palavras duras, ela soou mais como mãe que como professora. (P. F. 2); Ela não tem o hábito de usar o quadro, pelo que percebi prefere fazer as correções oralmente. (P. F. 4).

Como se pode observar, as escolhas do método da professora para interação e aplicação dos conteúdos são permeadas de valores subjetivos que dialogam com os ideais em que a docente acredita como a mais pertinente para a formação de um cidadão.

A professora soube contê-los [os alunos] rapidamente, pois, estavam voltando do recreio. (P. F. 1); Acredito que os alunos tem medo da professora, pois quando ela olha para eles já ficam com cara de medo. (P. F. 1)

Como se pode constatar, a partir da “disciplina dos alunos em sala de aula”, relatada pelo professor em formação 1, o ethos da professora é representado pela maneira em que esta conduz a sala de aula. Isto representa um breve diálogo com o conceito de ethos na visão aristotélica, em que se relaciona a arte da persuasão sobre o auditório, ou seja, o convencimento por parte do auditório.

Considerações Finais

O objetivo principal deste artigo foi o de analisar a influência do ethos nas práticas discursivas dos professores de língua portuguesa através dos relatos dos estagiários do curso de Letras. De forma geral, as análises dos relatos permitiram-nos situar o ethos e elencar algumas de suas modalidades. Desse modo, ao fazermos a discussão sobre os relatos percebemos como o ethos está presente nos discursos docentes e, sobretudo, nas práticas discursivas relacionadas à atuação dos professores no contexto da Educação Básica.

Agradecimentos

Agradeço à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UEG pela oportunidade de participar da seleção do Programa de Bolsas de Iniciação Científica. Além disso, agradeço ao professor Ms. Silvail Félix dos Santos pelas orientações. E, por último, direciono meus agradecimentos à UEG pelo incentivo à iniciação científica.

Referências

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008
BAKHTIN, M. (Voloshinov). **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REALIZAÇÃO



- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução s/n. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BORTOLOTTI, Nelita; GUIMARÃES, Joice Eloi. **Dimensões discursivas e linguísticas no campo do ensino da língua portuguesa—notas de uma prática docente**. Linguagem em (Dis) curso, v. 16, n. 2, p. 353, 2016.
- CONCEIÇÃO, Rute Izabel Simões. **As representações do papel do professor de português**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. v. 10, n. 3, p. 681-698, 2010.
- CUNHA, António Camilo. **Representação do “bom” professor: o “ bom professor em geral e o “ bom” professor de educação física em particular**. Educação em revista, v. 11, n. 02, p. 41-52, 2010.
- CUNHA, Maria Isabel da. **A relação professor-aluno**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Coord.). **Repensando a didática**. 25. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. p. 149-159.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Trad. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: UnB, 2001.
- FERREIRA, Luciane Todeschini. **O ethos do professor de língua portuguesa na escrita diarista de alunas estagiárias**. UFRGS. Porto Alegre, 2009.
- FURLANETTO, Maria Marta. **Ensino de língua portuguesa: focalizando as práticas discursivas**. Uniletras, Ponta Grossa, v. 33, n. 1, p. 43-59, 2011.
- GARCIA-REIS, Andreia Rezende. **Práticas de linguagem na formação dos professores de Língua Portuguesa: uma perspectiva de análise do Projeto Pedagógico do curso de Letras**. Revista Veredas, v. 21, 2017.
- LOUREIRO, J. E. **Elementos para uma política de formação de formadores em educação**. Ludens, Lisboa, v. 10, n. 3/4, p. 7-10, 1986.
- MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do ethos**. Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, p. 11-29, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes: Universidade Estadual de Campinas 3.ed. 1997.
- MARCEL, Jules; CRUZ, Giseli Barreto da. **Êthos docente de professores referenciais**. Educação e Realidade. v. 43, n. 1, p. 363, 2018.
- MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2001.
- POMPEU, Alex Lobato. **O ethos discursivo e a formação identitária do professor de espanhol em Belém do Pará**. Trabalhos Completos ALED BRASIL, v. 2, n. 1. 2016.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. Atlas. São Paulo, 2008.

Pedagogia Feminista e Religião: A Rede de Mulheres Teresianas.

* Claudete Ferreira da Silva (IC); Lucia Gonçalves de Freitas (PQ)

Email: clausilva.lider@gmail.com

UEG – Jaraguá – Av Diva de Freitas, s/n Setor Aeroporto.

Resumo: Neste texto, retomamos o percurso transcorrido ao longo da pesquisa de iniciação científica denominada “Pedagogia Feminista e Religião: A rede de Mulheres Teresianas.” O projeto teve como objetivo analisar a relação feminismo/pedagogia/religião nos trabalhos realizados pela rede de mulheres teresianas do Centro-Oeste. Para isso foram selecionados, lidos, fichados, e compilados textos que ressaltam sobre o tema proposto. No trabalho listamos, ainda, uma série de trabalhos realizados pelas Irmãs Teresianas.

Palavras-chave: Mulheres. Educação. Práticas feministas.

Introdução

Este texto apresenta uma síntese da pesquisa de iniciação científica denominada “Pedagogia Feminista e Religião: a Rede de Mulheres Teresianas”. O tema foi escolhido pela própria bolsista voluntária, graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Goiás – UEG – Jaraguá em função do interesse em saber como as Religiosas da congregação Teresa de Jesus, as irmã Teresianas, lidam com a realidade de serem feministas e religiosas. Ainda apresentamos alguns trabalhos dessas freiras que ajudam outras mulheres a entrelaçarem a religião e o feminismo através de uma pedagogia libertadora e desafiadora.

Material e Métodos

Este projeto se caracteriza como um estudo de base bibliográfica e etnográfica (HORN, 2013). A pesquisa encarregou-se do levantamento e da revisão bibliográfica, com busca, seleção e fichamento de livros, artigos e material disponibilizado na internet, a partir dos seguintes direcionamentos iniciais: Teologia Feminista (GEBARA, 2000; ROSADO-NUNES, 2006); Pedagogia Feminista (hooks,

2013; FREIRE,1979). Em seguida, analisamos e divulgamos o trabalho das irmãs em reuniões do Grupo de Mulheres Teresianas da cidade de Aparecida de Goiânia. Iremos relacionar esses dados, bem como materiais impressos produzidos e utilizadas pelas freiras para fortalecer o trabalho de construção social, pessoal e profissional de libertação das mulheres.

Resultados e Discussão

As Irmãs Teresianas são um grupo de freiras que, a partir dos ensinamentos de Santa Teresa de Jesus, uma freira que via em Cristo Jesus uma pessoa transformadora de opiniões e cheio de amor pelo próximo, e que realizou um trabalho voltado para a autonomia das mulheres. Teresa de Jesus desejava um mundo melhor. Para ela, ser fiel a Jesus é muito mais que só ficar rezando, é transformar a realidade tão sofrida de mulheres oprimidas muitas vezes pelas próprias mulheres, em uma realidade igualitária e libertadora. Os empreendimentos dessa freira, que se tornaria santa para a Igreja católica, é analisado por teólogas feministas como uma Pedagogia Feminista.

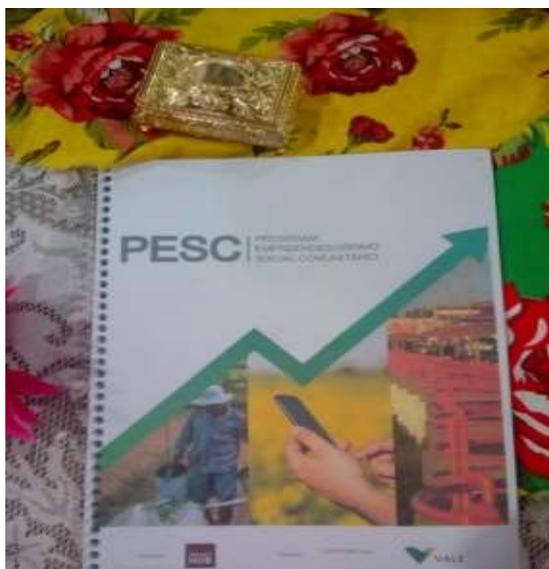
Segundo Gerbara (2000 s/p) “quando as teologias feministas se articulam aos movimentos feministas e fazem de suas questões as questões cotidianas vividas pelas mulheres, se dá uma espécie de ruptura em relação às questões tradicionais da teologia e à sua forma de abordagem”. Mais uma vez, essa maneira de fazer teologia não é institucional, no sentido de não ser assumida oficialmente pelas igrejas”. Essa perspectiva foi o que nos chamou atenção sobre o empenho das irmãs teresianas.

Ao analisarmos o trabalho das Teresianas e ao confrontá-lo com os estudos da teóloga Gerbara (2001), temos a confirmação do trabalho da rede de mulheres teresianas como sendo um resgate das mulheres na bíblia e também um trabalho de desconstrução da teologia patriarcal, a partir das diferentes temáticas, seguindo de certa forma as divisões clássicas dos estudos teológicos.

Todo o processo de aprendizado das mulheres que fazem parte da rede de mulheres teresianas é voltado, a princípio, à educação de mulheres que já são mães

e esposas, para posteriormente se ramificarem para as crianças e adolescentes daquelas famílias. O intuito é ensinar como se tornarem fortes e sábias, para driblarem o contexto machista de uma sociedade desigual, bem como ajudar na evolução de seus esposos quanto ao feminismo, conscientizando-os sobre o quanto as tarefas domésticas da família é tarefa de todos e não somente da mulher. O livro “A coragem de criar grandes mulheres”, de Jeanett Galdeberg, é uma das publicações estudadas pelas mulheres da rede, como forma de ajudar as mães a educar suas filhas,

No curso de mulheres empreendedoras (incentivo/geração de renda), uma das atividades que é proposta pelas irmãs às mulheres, é o incentivo de buscarem uma autonomia financeira, para que assim possam auxiliar na renda familiar, bem como investir em seus próprios conhecimentos. Para Rosie (2016, p.5), fazer ciência feminista, tendo como objeto as religiões, significa tocar em questões “intocáveis” para as mulheres ao longo de séculos e milênios.



A participação ativa das mulheres na política é algo que as freiras lutam para conquistar, ao longo de seus trabalhos faz-se necessário educar as mulheres politicamente, para que o movimento da rede e a atuação aconteçam cada vez mais atuantes, em prol de ganhar força feminina nos vários ambientes sociais e políticos.

Busca-se romper com a presença das mulheres como uma figura anódina nestes ambientes.



A realização de palestras educativas e profissionalizantes com profissionais conceituados em suas determinadas áreas, como psicólogas, advogadas, médicas, vereadoras e promotoras, são atividades constantes entre os grupos de mulheres da rede, a formação continuada é porta aberta para o conhecimento. Abaixo, mostramos imagens de uma palestra com a Promotora da Secretaria de Mulheres do Estado de Goiás.



As freiras utilizam materiais por elas produzidos, para facilitar o entrosamento com as mulheres da rede. Tanto os textos quanto os jornais informativos são editados com a ajuda das mulheres participantes dos grupos pertencentes à rede de mulheres Teresianas, com o objetivo de fazer aflorar naquelas mulheres o desejo pela educação e formação pessoal e profissional, almejando assim o crescimento intelectual de todas. Os textos contidos nos jornais são poemas, notícias dos grupos existentes em outros estados, informações sobre saúde da mulher, política e afins, além dos textos base para leituras reflexivas.



O trabalho que as irmãs realizam junto a rede de mulheres Teresianas é de formação, informação, autoajuda, além de orientação social, psicológica, familiar, político e econômico. No que diz respeito à formação, elas propõem a participação das mulheres em cursos e palestras existentes em suas determinadas regiões ou cidades, ou cursos que as próprias irmãs preparam com intuito de formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

A parte de informação diz respeito para além de assuntos como saúde psicológica e física da mulher, a atividades desenvolvidas em outras cidades, bem como cursos e palestras de formação continuada para mulheres, no âmbito social familiar, político e econômico. O trabalho de autoajuda visa a ajudar as participantes da rede de mulheres teresianas a se reconhecerem como sujeitas de direito, dignas de obter seu espaço em todas as classes da sociedade. Lembrando sempre a essas



mulheres que devem em primeiro lugar construir nelas, amor e respeito próprio, aceitando-se, como são, independentemente de sua classe social, raça e etnia.

Considerações Finais

Este texto apresentou sucintamente as principais práticas realizadas pelas irmãs teresianas dentro do que elas concebem como uma Pedagogia Feminista. O levantamento possibilitou formularmos uma compreensão mais abrangente sobre o tema *“Pedagogia Feminista e Religião: A rede de Mulheres Teresianas.”*, pesquisa de iniciação científica que, a partir da análise das práticas aqui elencadas e do referencial teórico estudado, possibilitou uma compreensão sobre como atuam em conjunto feminismo, pedagogia e religião.

Os resultados obtidos serão apresentados posteriormente em eventos de Iniciação Científica promovidos pela UEG, assim como em outras instituições se houver oportunidade, além de publicar, em parceria com a professora orientadora do projeto um artigo em periódico científico Qualis B. Também almejamos apresentar o trabalho da Rede de Mulheres Teresianas na UEG Jaraguá, para gerar discussões sobre a relação feminismo/pedagogia/religião. Esperamos que este texto sirva como uma introdução e guia de referências para novos estudos que possam apoiar nós, mulheres, em nossa difícil existência em todo o mundo.

Agradecimentos

Agradecemos à PrP-UEG pelo incentivo à Iniciação Científica no PVIC.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278186641_ARQUIVO_Artigo-FazendoGenero.pdf> Acesso em: 23/05/2018.



GERBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como pratica da liberdade/ tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. Disponível em:

<https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2017/10/hooks_2013_ensinando-a-transgredir_book.pdf>, Acesso em 02/02/2018.

HORN, Cláudia Inês. Pesquisa etnográfica com crianças: algumas possibilidades de investigação. **Revista Enfoques**, 13 (1), 2013, p. 1-19.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p.294-304, Apr.2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 5 de abril de 2019.





A REESCRITA DE CONTOS DE FADAS EM LIBRAS

Jéssica Araújo Faleiro 1 (IC)*

Márcia Maria de Melo Araújo 2 (D)*

Universidade Estadual de Goiás Câmpus Pires do Rio (Pires do Rio)

Resumo: O presente artigo tem como objetivo relatar as experiências adquiridas com a realização da pesquisa “A reescrita dos contos de fadas em Libras” através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). De acordo com Araújo (2009), a sociedade brasileira tem contribuído para a inclusão, ao realizar diversos trabalhos para permitir o acesso do surdo à sua cultura e à cultura ouvinte. Em termos educacionais, há muitas iniciativas que emergem e expandem-se com efeitos satisfatórios, alimentados pela crescente pesquisa na área de Libras, dentro de diversas instituições. Logo, percebemos que o paradigma da inclusão é uma temática que não pertence apenas à educação especial, mas envolve reforma do ensino, teoria do currículo, multiculturalismo, acesso e permanência do aluno surdo e outros no ensino regular, interação social facilitada e educação especial. (ARAÚJO, 2009). E, nesse sentido, a postura do professor diante de seus alunos é importantíssima para promover o respeito e valorizar a diversidade de forma inclusiva. A partir desses fatores, que surgiu a ideia de propor esta pesquisa que teve como objetivo levar alunos e professores a conhecer um pouco da história da Libras e refletir sobre os contos de fadas em Libras e sobretudo a inclusão.

Palavras-chave: Libras. Literatura. Leitura.

Introdução

A nossa pesquisa teve como propósito a reflexão sobre a tradução de narrativas na Literatura e na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), tendo como ênfase os contos de fadas. Desse modo, o foco principal foi pesquisar um pouco da história da Língua Brasileira de Sinais e como essas personagens são representadas nas obras adaptadas, relatando também os conflitos vividos por elas. Para isso, os recursos utilizados para o desenvolvimento do projeto foi: levantamento de textos sobre Libras, Literatura e como as questões femininas são retratadas dentro da literatura, com ênfase para contos de fadas; fichamento de obras e de textos teóricos que comentem sobre o assunto; resumos e resenhas de trabalhos e atividades que podem ser desenvolvidos durante a pesquisa. Como sustentação teórica tivemos: contos de fadas tradicionais: Cinderela e Rapunzel. À medida que com os resultados da

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



pesquisa foram se completando, conseguimos realizar fichamentos e resumos que

sustentaram nossa pesquisa de forma muito positiva .

Como resultado alcançado, conseguimos fazer uma reflexão e a representação das personagens femininas e seus conflitos na Literatura em Libras. A partir dos estudos das obras adaptadas em Libras Cinderela surda e Rapunzel surda de Hessel, Rosa e Karnopp (2003), alcançamos aprimoramento do nosso estudo da Libras, e conseqüentemente foi somado de forma positiva para nossas vidas enquanto pessoa e enquanto docente. Assim nossa reflexão foi uma experiência capaz de projetar a área de influência Libras - Literatura.

Material e Métodos

Como metodologia, realizamos um levantamento de textos sobre Libras e Literatura, com ênfase para contos de fadas. Realizamos leituras de obras e de textos teóricos que comentem sobre o assunto, bem como resumos e resenhas de trabalhos. Realizamos também a leituras das obras: Cinderela surda e Rapunzel surda de Hessel, Rosa e Karnopp (2003). Elaboramos resumos e ensaios para participação em congressos e eventos sobre o assunto. Para execução da nossa pesquisa, seguimos o seguinte roteiro, que assim se constituiu: Levantamento de textos sobre Libras Literatura, com ênfase para contos de fadas. Fichamento de obras e de textos teóricos comentando sobre o assunto. Resumos e resenhas de trabalhos e atividades durante a pesquisa. O recurso de usar a tradução de contos de fadas em Libras mostra possíveis relações entre essas duas áreas do conhecimento, ou seja, Literatura e Libras, enfocando a importância desse estudo para a aprendizagem do aluno surdo nas salas de aula e também para a prática docente de literatura com foco na inclusão.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Resultados e Discussão

A inclusão de surdos no mundo ouvinte é uma temática que não pertence apenas à educação especial, já que envolve vários aspectos dessa grande área como a reforma do ensino, a teoria do currículo, o multiculturalismo, o acesso e a permanência do aluno surdo e outros no ensino regular, a interação social facilitada, a presença constante dos suportes técnicos, entre outros aspectos.

Inúmeras histórias são contadas em línguas de sinais pelos surdos, porém elas não têm registros em livros para a divulgação e leitura nas escolas e nas comunidades, geralmente pelas dificuldades de tradução, pelo desconhecimento da língua de sinais, pela falta de incentivo e incrementos para publicação, entre outros fatores. Assim o registro de produção literária de surdos termina sendo algo ainda incipiente e que só bem recentemente, acreditamos, começa a se fazer presente entre as comunidades ouvintes. A rigor, as línguas de sinais são extremamente importantes para o desenvolvimento humano da pessoa surda e se constitui um sistema linguístico de comunicação e expressão que contribui para situações de relatos de vivências, de experiências, da realidade relacionada ao contexto dos surdos.

Ademais:

os alunos surdos devem ter a oportunidade de relatar na língua brasileira de sinais -LIBRAS situações diretamente relacionadas com o seu contexto, sua vivência, sua realidade, suas experiências, eleitas por eles como importantes para esse fim. Esses relatos são compartilhados com o grupo. A partir disso, os alunos escolhem um fato considerado mais relevante e expressam-no por meio de desenhos. A função dessa expressão é intermediar o relato na língua de sinais e a produção escrita. Quando a criança expressa, pela via escrita, o seu relato, ela se baseia, exclusivamente, no desenho, utilizando a estrutura básica da língua de sinais. Um dado importante a ser considerado é que nessa relação significativa, normalmente não foi observado o uso da expressão oral simultaneamente ao uso de sinais. Acredita-se que esse fato evidencia a relação espontânea da sua vivência com a escrita (BRASIL, 1997, p. 167).

REALIZAÇÃO





VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



Acreditamos que compartilhar histórias, contá-las, seja por meio da fala ou sinalizando-as, representam um processo de aprendizado e uma oportunidade para desenvolver a interação entre crianças surdas e o mundo que as cerca. Para tanto, a contação de histórias, como o faz de contas, as fábulas e os contos de fadas, pode ser uma maneira de facilitar a integração da criança surda com outras crianças surdas e ouvintes e também uma forma de capacitação para professores e interessados em literatura e Libras.

Nesse sentido, vemos a importância da postura do professor, diante de seus alunos, para promover o respeito e valorizar a diversidade. Por ter consciência da importância para o desenvolvimento humano do processo de apropriação das experiências presentes em nossa cultura, a leitura e tradução de contos de fadas pode possibilitar um meio concreto e significativo de inclusão e interação com o mundo, quando nos referimos a pessoas com necessidades especiais. De acordo com Araújo (2009), a sociedade brasileira, de maneira geral, tem contribuído para a inclusão ao realizar diversos trabalhos para permitir o acesso do surdo à sua cultura e à cultura ouvinte. Contudo a iniciativa ainda é tímida.

Nessa perspectiva, a investigação obteve resultados satisfatórios, através da leitura de algumas obras, trabalhos, artigos e resumos conseguimos nos aprofundar, resultando na realização do nosso principal objetivo: a reflexão e a representação dos personagens femininos na Literatura e na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), tendo como destaque os contos de fadas: Cinderela surda e Rapunzel surda de Hessel, Rosa e Karnopp (2003).

Cinderela Surda

Em Cinderela surda, encontramos uma menina surda e que se comunica pela língua de sinais, a bela jovem era de bom coração e havia perdido a mãe ainda criança, e assim como no conto tradicional o pai de Cinderela acaba morrendo e a juvenzinha passa então viver sob a guarda da madrasta viúva e suas duas filhas. Cinderela era

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



a única que trabalhava em casa, sua madrasta era má e egoísta e aproveitava do bom coração da enteada para realizar os afazeres de casa.

Por se tratar de uma obra recontada, na obra Cinderela surda, encontramos algumas características estruturais que remetem à versão tradicional, como por exemplo, a má comunicação e a rejeição no relacionamento da madrasta malvada e as filhas com Cinderela, sendo que da mesma forma que havia rejeição da parte delas na história tradicional, conseguimos notar de forma explícita os mesmos sentimentos.

Cinderela tinha dificuldade em comunicar-se com os demais “familiares” pelo fato de ser surda e eles não compreenderem a linguagem de sinais, o que gerava um sentimento de rejeição e exclusão sobre a menina. O ambiente que era para ser acolhedor e familiar era algo assombroso. A história termina de forma emocionante, e no lugar do sapatinho de cristal o príncipe encontra a luva de Cinderela, que possui um caráter muito representativo das mãos, que é o meio de comunicação do surdo.

Considerando os elementos mencionados, conseguimos fazer uma reflexão sobre o contexto em que Cinderela vivia e fazer um paralelo entre a personagem e muitos surdos hoje em dia, para tal, nos atentamos para o fato de que, assim como a madrasta de Cinderela tinha muita dificuldade para compreendê-la, por não saber a língua de sinais, hoje muitas pessoas surdas são limitadas de se comunicarem com outras exatamente pelo mesmo fator, já quem nem todos possuem a oportunidade e também o interesse de aprender LIBRAS.

Rapunzel Surda

A obra Rapunzel surda trata-se de uma releitura da obra clássica Rapunzel. A História apresenta várias semelhanças com o conto clássico, entretanto, enfatizando características próprias da cultura surda. Na obra de Hessel, Rosa e Karnopp, Rapunzel é uma moça surda que por causa de uma maldição foi criada por uma bruxa e cresceu longe dos pais e de toda sociedade.

REALIZAÇÃO





VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



Por ser surda, Rapunzel teve que aprender a se comunicar, então, conforme a menina foi crescendo ela aprendeu a fazer gestos, contudo, a menina não tinha conhecimento da língua de sinais. Aqui, podemos observar algo bastante relevante, que é a aquisição da linguagem e também a variação linguística em Libras, já que existem os gestos e a língua de sinais.

No entanto, a problemática surge no fato de que Rapunzel vivia exilada da sociedade, e assim, não havia como a jovem aprender a língua de sinais, visto que a bruxa em si não sabia. Porém esse paradigma frustrante é quebrado quando o Príncipe resgata Rapunzel não só da prisão física, mas também intelectual e social, desse modo, Rapunzel estava livre para aprender a língua de sinais e a se socializar com outras pessoas.

Refletindo sobre os elementos da história citados acima, chegamos a conclusão de que precisamos nos atentar para o fato de que infelizmente, mesmo estando em pleno século XXI muitos deficientes auditivos ainda permanecem limitados de conhecimento e também de se comunicarem com outras pessoas.

Considerações Finais

De modo geral, tecemos algumas considerações a respeito das personagens femininas na Literatura em Libras, tendo como destaque Cinderela e Rapunzel. O fato de refletir sobre o contexto da história de cada obra e contextualizar os acontecimentos de cada trama nos trouxe a compreensão de que as obras trazem à tona desafios que muitos surdos enfrentam hoje em dia mesmo com a tal sinalizada inclusão. Contudo, faz-se necessário refletir de maneira mais abrangente na sociedade em geral e nas universidades sobre o letramento do surdo e também meios mais acessíveis de incluir pessoas não surdas para aprenderem a língua de sinais, já que o surdo possui muita dificuldade de se comunicar com outras pessoas (que são maioria) pelo fato dessas não saberem a língua de sinais.

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



Agradecimentos

A Deus por ter me permitido fazer parte deste projeto de pesquisa com saúde, fé e concluir com êxito mais uma oportunidade de crescimento.

À minha família e amigos que me apoiaram sempre.

À minha orientadora, que proporcionou a mim essa grande oportunidade de estar aprendendo e

acrescentando na minha vida acadêmica.

Ao CNPq que através da bolsa, investiu nos meus estudos e me auxiliou nesse período de pesquisa.

À Universidade Estadual de Goiás e a todos que colaboraram com este estudo.

Referências

ARAÚJO, M. M. M. de. **O ensino de Literatura e o uso de tecnologias para o ensino de surdos**. In: CAMARGO, F.; FRANCA, V. G. (Orgs.). **Estudos sobre literatura e linguística: pesquisa e ensino**. São Carlos: Claraluz, 2009.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio; linguagens, códigos e suas tecnologias**, 1997.

HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. B. **Cinderela Surda**. Canoas, RS: ULBRA, 2003. _____. **Rapunzel surda**. Canoas, RS: ULBRA, 2003.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura surda. ETD, Educação Temática Digital**. Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 2003.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



LITERATURA em LSB: **poesia, fábula, histórias infantis**. Produção: Joe Dannis.
Direção: Yon Lee. Criação: Nelson Pimenta. Tradução (LIBRAS-Português): Luiz
Carlos Freitas. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 1999. 1 DVD (60 min).

QUADROS, Ronice Muller; SUTTON- SPENCER, Rachel. **Poesia em língua de
sinais: traços da identidade surda**. In: QUADROS, Ronice Muller. **Estudos
surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 109-165 (série pesquisas).

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

RESGATE MEMORIALÍSTICO E FORMAÇÃO IDENTITÁRIA EM *OLHO DE GATO*, DE MARGARET ATWOOD

Fernanda dos Passos Capparelli¹ (IC)* fernandacapparelli@hotmail.com, Adolfo José de Souza Frota (PQ)

UEG-Câmpus Cora Coralina - Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura, Centro, CEP: 76600-000, Goiás – GO, Tel: (62)3936-2161 / 3371-4971 / (62) 3936-2160, e-mail: dir.goiias@ueg.br, website: www.coracoralina.ueg.br.

Resumo: Objetivamos, neste artigo, abordar o conceito de memória associada à construção identitária. Para isso, faremos uma breve abordagem teórica a respeito da memória e da identidade. Em seguida, analisaremos esses conceitos no romance *Olho de gato*, de Margaret Atwood. Neste romance, a narradora relata as próprias experiências, intercalando-as entre recordações da infância e do processo de amadurecimento. A personagem, que é uma pintora, passou grande parte da vida em Toronto, e ao regressar, para uma exposição, se vê estimulada pelas lembranças marcantes da infância. Contudo, ela tem a chance de reconstruir as próprias memórias e obter um resgate do seu processo de resignificação tanto de sua identidade como mulher, quanto de sua identidade como artista. Para a realização desta discussão, nos apoiamos em um referencial teórico que discute o conceito clássico de memória, com Jean-Pierre Vernant (2002) e Harald Weinrich (2001), além de grandes conceitos filósofos, como o de Platão (2004), que abordou, primordialmente, a memória como uma saber internalizado. Por fim, abordamos conceitos da contemporaneidade como os de Pierre Nora (1993) que explora os lugares de memória, além da relação entre memória e identidade, discutida por Michael Pollak (1992), Aleida Assmann (2016) e Joel Candau (2016).

Palavras-chave: Memória. Identidade. Margaret Atwood. *Olho de gato*.

Introdução

A memória é um tema debatido há séculos. Os primeiros registros datam desde a Grécia antiga, que lhe consagrou um *status* divino, conhecido pela figura da deusa Mnemósine. Esta divindade inspirava os aedos e concedia a eles o dom de resgatar as memórias de grandes feitos heroicos. Pela grande relevância, mesmo após o declínio dos deuses, Mnemósine continuou em evidência, porém não mais com o valor divino e sim como um saber interior tornando-se “no homem a própria faculdade de conhecer” (VERNANT, 2002, p. 161). Neste sentido, esse tema começou a ser discutido por grandes filósofos, dentre os quais destacamos Platão ao defender, por meio de Sócrates, em *Fédon* (2004) que o saber vem da espiritualidade e está inato em nosso espírito, necessitando somente de estímulos para ser recordado, de modo que o conhecimento é adquirido no Mundo das Ideias.



Esse conhecimento fica adormecido na passagem pelo Lete, o “rio do submundo que confere esquecimento as almas dos mortos” (WEINRICH, 2001, p. 24) e é lembrado, gradualmente, após a reencarnação para o mundo material.

Portanto, podemos compreender até aqui que, com base nesse conceito filosófico a memória, na antiguidade clássica, era tratada como um saber internalizado, fruto de um armazenamento subjetivo em relação aos indivíduos.

Essa constituição do indivíduo pode ser entendida como construção ou ressignificação da identidade, pois há uma forte discussão, na modernidade, da relação entre memória e identidade. Michael Pollak (1992, p. 201), por exemplo, aponta que a memória se caracteriza como um fenômeno mutável que pode ser individual ou coletivo.

Já Aleida Assmann (2016, p. 18) entende a memória como um monumento, tendo em vista que, se por um lado o tempo tem o poder de aniquilar as memórias, os monumentos atuam como uma contrapartida, com o intuito de eternizá-las. Assmann também discute a memória como práticas culturais, as quais podem ser passadas de geração em geração preservando as memórias de um povo.

E Joël Candau, no livro *Memória e identidade*, explora o conceito de memória como uma reconstrução do passado, que sofre interferências externas e não se constitui em seu estado puro. Neste sentido a identidade, associada a memória, está em constante mutação, em decorrência das diversas relações e contatos sociais que experienciamos.

Pensando na suma importância da memória e da identidade para os estudos literários, e da vasta influência destes temas nos romances da atualidade, tomamos com *corpus* a narrativa *Olho de gato*, de Margaret Atwood, tendo em vista que esse romance foi fonte para uma pesquisa que realizamos acerca dos estudos memorialísticos e identitários.

Em *Olho de gato*, a personagem principal, Elaine, une vivências da infância, adolescência e vida adulta, rememorando aspectos importantes relacionados à trajetória e à formação identitária da personagem. Elaine, que é uma pintora, narra as próprias experiências a partir do resgate de suas memórias. Tal resgate é estimulado por meio de uma viagem que a ela faz a Toronto (cidade em que viveu da



infância a grande parte da vida adulta) para fazer uma exposição retrospectiva de seus quadros, que são fortemente influenciados por suas experiências da infância. No regresso à sua cidade natal, Elaine se depara com lugares que estimularão o seu relato memorialístico. Estes lugares têm grande valor simbólico para a personagem, pois são lugares de memória, conforme explica Pierre Nora (1993, p. 21): “Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica”. Logo, percebemos que o que torna o lugar um “lugar de memória” é o valor subjetivo atribuído por um sujeito antropológico e sua relação de identificação, como é o caso do local em que estava situada a escola que Elaine estudou na infância, e que era um lugar de importante significado pessoal para ela.

Um aspecto curioso da narrativa é que o relato de uma quinquagenária (Elaine), quando se refere à infância, utiliza o tempo verbal no presente, como se existissem duas Elaines, uma criança, sofrendo o doloroso processo de amadurecimento, a outra, já bastante experiente, que decide contar sobre o seu passado. As narrativas se intercalam e se misturam, em uma polifonia, como se Elaine nunca tivesse deixado de ter nove anos, mesmo tendo cinquenta. Isso se deve às experiências marcantes que a personagem vivenciou na infância.

Material e Métodos

Para esta pesquisa utilizamos uma metodologia de cunho qualitativo, pois sendo a literatura uma área ampla e subjetiva, o nosso propósito foi de identificação de aspectos imensuráveis, como as relações entre a memória e a construção identitária de um sujeito, e com isso refletir, de forma analítica e perceptiva, sobre as experiências de uma personagem. O *corpus* desta pesquisa será o romance *Olho de gato*, com o qual será feita uma assimilação e reflexão com o aparato teórico selecionado.

Resultados e Discussão

O período que influenciou grande parte da obra da personagem Elaine é referente aos anos quarenta, um período pós-guerra, que faz um intertexto histórico como o fim da Segunda Guerra Mundial (que durou de 1939 a 1945). Neste momento a personagem havia acabado de se mudar para uma casa em Toronto,

levando em conta, que antes do fim da guerra ela e a família não tinham uma moradia fixa e viviam migrando de um lugar para outro no Canadá.

Esse novo período está relacionado aos oito e nove anos de idade da protagonista e é descrito como formativo para a vida e arte da pintora: “muitas das minhas cores são cores dos anos quarenta” (ATWOOD, 2007, p. 101), confessa ela. As vivências de Elaine são formadoras e constituintes da pessoa que ela se tornou, já que a identidade é constituída simultaneamente com a memória por meio das experiências, como pode ser compreendido através de Michael Pollak (1992, p. 204), que afirma ser “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”.

A personagem Elaine passa por experiências traumáticas devido a sua ingenuidade e falta de construtos femininos da época, sofrendo opressões por parte de sua primeira amiga: Grace, e outras amigas, o que marca profundamente a vida dela. Essas opressões são uma forma de perversidade da infância, mas também uma forma de castigo pela “diferença” de Elaine, que era desprovida desses regimentos sociais de sua época.

A pintora, na época que vivenciou essa amizade opressora com Grace Smeath, Carol Campbell e Cordélia (a líder do grupo), passou por momentos desagradáveis, e se surpreendeu ainda mais com a descoberta da participação da sra. Smeath nos assédios, o que refletiu muito na arte de Elaine, chegando ao ponto dela produzir vários quadros como uma forma de crítica a essa senhora opressora.

No entanto, o regresso e a retrospectiva de Elaine, também, possibilitaram a ela uma rememoração e confronto de sua identidade, já que a pintora, ao ter acesso aos lugares de memória e se confrontar com a própria identidade constituída na infância, consegue encontrar uma resignificação identitária. Os lugares da memória estimularam a rememoração de Elaine e possibilitaram a ela uma chance de superação ou mesmo assimilação dos traumas sofridos.

Considerações Finais

No decorrer desta pesquisa pudemos analisar as experiências de uma personagem que tem a identidade marcada (tanto no âmbito pessoal, quanto no

artístico), fortemente ligada às memórias marcantes da infância. Nesse sentido a personagem, ao realizar uma reconstrução memorialística, possibilitada pelos lugares de memória percorridos por ela, tem a chance de compreender e conquistar uma ressignificação identitária, para assim assimilar e quem sabe superar os assombros da infância.

Agradecimentos

Agradeço a UEG pelo incentivo a pesquisa e ao orientador deste Projeto de Pesquisa: Prof. Dr. Adolfo José de Souza Frota, pelas contribuições em discussões sobre as leituras realizadas e pelas orientações no desenvolvimento de nossa pesquisa. Agradeço, também, a minha amiga: Amanda Cristina Borges, pela parceria em discussões e leituras, as quais compartilhamos em nossas pesquisas.

Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe (coordenador da tradução). Campinas: Unicamp, 2016.

ATWOOD, Margaret. **Olho de gato**. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

NORA, Pierre. **Entre história e memória**: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khouri. In: PROJETO História 10. São Paulo: PUC-SP, p.7-28, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em: 09 Jul. 2019.

PLATÃO. Fédon. In: _____. **Os pensadores**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 09 Jul. 2019.

WEINRICH, Harald. **Lete**: arte e crítica do esquecimento. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Teatro para crianças, de Marietta Telles Machado, e sua encenação na escola

Tatiane Pereira de Almeida Marra¹ (IC)*, Nismária Alves David² (PQ), tati.marra16@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Câmpus Pires do Rio

Resumo: Este trabalho relata os resultados finais obtidos com a pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvida no período de agosto de 2018 a julho de 2019. O objetivo principal foi o de estudar o livro *Teatro para crianças*, publicado no ano 1992, de autoria da goiana Marietta Telles Machado. Após o estudo, levou-se uma de suas peças teatrais ao público leitor infantil de uma escola da rede pública municipal de ensino, na cidade de Pires do Rio - Goiás. Nessa direção, buscou-se compreender aspectos teóricos sobre o gênero dramático, conhecer a biografia de Marietta Telles Machado, propor a leitura e a encenação de uma peça teatral na escola, a fim de verificar a recepção por parte das crianças. A partir disso, reconhece-se a necessidade de contribuir para que o nome da escritora seja mais conhecido no meio literário e também colaborar para que se identifiquem algumas das formas e vertentes que definem a literatura infantil goiana.

Palavras-chave: Teatro. Leitor. Escola. Literatura Infantil.

Introdução

Este trabalho relata os resultados finais obtidos com a pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvida no período de agosto de 2018 a julho de 2019. Dedicou-se atenção à goiana Marietta Telles Machado. Nascida em Hidrolândia, Goiás, no dia 25 de setembro de 1934, a referida escritora formou-se em Direito e Letras Vernáculas pela UFG, especializa-se em Biblioteconomia em Salvador, Rio de Janeiro, Medellín, Madrid, Paris. No período de 1955 a 1962, atuou como bibliotecária na Biblioteca Pública Municipal de Goiânia, instituição que tem seu nome. Ainda em 1962, passa a trabalhar na organização das bibliotecas da UFG, e atua na criação da Biblioteca Central, de onde foi diretora no período de 1973 a 1981. Criou associações e apoiou a luta pela fundação do curso de Biblioteconomia. Como se nota, a partir dos comentários de Antônio Carlos Machado Telles (1992), Marietta assumiu um importante papel na área bibliotecária.

A escritora, na década de 1960, filia-se ao Grupo de Escritores Novos (GEN), que pretendia renovar a Literatura Goiana. Foi membro da UBE-GO, ocupando a vice-presidência em 1984-1986. Seu falecimento ocorreu no dia 28 de fevereiro de

1987. Marietta deixou uma produção literária diversa (contos, crônicas, ensaios, poesias, teatro). Recebeu a Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos e o Prêmio TIOKÔ em 1977 pelo seu livro de contos *Narrativas do cotidiano*.

Sua produção literária constitui-se pelos seguintes títulos: *Girassóis em Transe* (crônicas, 1968); *As doze voltas da noite* (contos, 1970); *Encontro com Romãozinho* (contos infantis, 1976); *Narrativas do cotidiano* (contos, 1978); *O congresso das bruxas* (contos infantis, 1985); *O burrinho do presépio* (contos infantis, 1983); *A traição nas terrinhas do coelho* (teatro infantil, 1984); *Os frutos dourados do pequizeiro* (lendas, 1985); *Santo Antônio das Grimpas* (literatura infanto-juvenil, 1987); e *Teatro para crianças* (teatro infantil, 1992). A escritora também participou de diversas antologias de poesia e prosa.

O objetivo principal desta pesquisa foi o de estudar o livro *Teatro para crianças*, publicado no ano 1992, de autoria da goiana Marietta Telles Machado, pela editora CEGRAF da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Material e Métodos

Esta pesquisa, num primeiro momento, teve um caráter bibliográfico. Para seu desenvolvimento, pesquisou-se sobre a escritora Marietta Telles Machado, fizeram-se a leitura e a análise das peças teatrais de *Teatro para crianças* (1992) e selecionou-se a peça “A traição nas terrinhas do coelho” para trabalharmos em sala de aula. Em seguida, fundamentando-nos em Jauss (1994) acerca do horizonte de expectativa, elaborou-se um roteiro de encenação para a peça escolhida, sempre considerando o público receptor de leitores de 5. Ano do Ensino Fundamental. Já, num segundo momento, com base em Vygotsky (1989), realizou-se uma atividade prática de interação, isto é, a experiência de leitura que consistiu na encenação da referida peça teatral e, assim, observou-se o envolvimento dos alunos.

Resultados e Discussão

Os livros faziam parte da vida de Marietta Telles desde os tempos de criança na

escola, vindo a ser tornar bibliotecária quando adulta. Por valorizar a leitura, dedicou parte de sua produção literária a crianças por meio do gênero dramático. Seu livro *Teatro Para Crianças* é a sua obra mais conhecida, tendo sido publicada em 1992. Neste título, reúnem-se três peças teatrais, são elas: (1) “A traição nas terrinhas do coelho”, (2) “A semente mágica” e (3) “Assembleia dos Capetinhas”. Trata-se de histórias carregadas de lirismo e de encantamento, que possibilitam várias reflexões.

Segundo Nelly Alves de Almeida¹ (1992), no livro *Teatro para crianças*, Marietta Telles Machado parte para “outro universo em que o maravilhoso, o fantástico e o poético se cruzam”. Especialmente, a primeira peça que compõe a coletânea, a qual se intitula “A traição nas terrinhas do coelho”, foi publicada na série Arte na Educação da Onda Editora Contemporânea, sob a orientação de Divanir Pimenta que também dirigiu o grupo Pirlimpimpim na encenação desta no Cine Teatro Goiânia, no período de fevereiro a junho de 1983. Antes disso, segundo Antônio Telles (1992), esta peça foi montada pelo grupo teatral Laboratório, dirigido pelo escritor Carlos Fernando Magalhães, e estreada em 28 de maio de 1976. Vários grupos a encenaram em Goiânia e pelo interior do estado.

Justamente, a constatação de que há uma carência de encenações teatrais nas cidades do interior nos motivou a levar uma das peças de Marietta Telles Machado ao público leitor infantil em uma escola da rede pública municipal de ensino, na cidade de Pires do Rio – Goiás. Conscientes de que o teatro na escola pode ser uma ferramenta que possibilita o desenvolvimento artístico e cultural do aluno.

Dentre as peças, selecionou-se o teatro “A traição nas terrinhas do coelho”. Quanto ao enredo, pode-se apresentar o seguinte resumo: a família do coelho estava muito carente e, inclusive, sofrendo com a fome. A coelha (mãe), preocupada com seus filhotes, exige que o coelho (pai) tome alguma atitude sobre o fato. O coelho busca explicar a situação deles para a coelha e conclui até o tempo estava contra eles. A família tinha um amigo, que era o macaco, o qual ficou sabendo da triste situação e resolveu ajudar. Ele teve a ideia de pedir adubo emprestado para a raposa e tornar as terras do coelho mais férteis. Isso, porém, não resolveu muito. Então, o macaco vai até outros animais e compartilha a situação. Em seguida, todos resolvem ajudar e fazer reparos na casa dos coelhos e, depois, realizam uma grande

¹ Consta como paratexto no livro MACHADO, Marietta Telles. *Teatro para crianças*. Goiânia: CEGRAF/UEG, 1992.

festa. Nesta festa, cada um deveria levar um pouco de comida. Todos poderiam ir, exceto o lobo.

Os animais organizaram toda a casa do coelho e ajudaram no cultivo das terras. Começou a festa. Tudo estava acontecendo normalmente: todos rindo e se divertindo. De repente, chega o lobo furioso, porque não tinha sido convidado. Todos os animais, com muito medo, escondem-se e resolvem parar a situação que sempre se repetia, na qual o lobo comeria toda a comida e iria embora. Então, vão até o fundo do quintal e pegam vassouras e ferramentas. O macaco encoraja os amigos, o papagaio fala que o lobo não era líder deles e, por fim, prendem-no. Com isso, a festa continua e todos voltam a cantar e a dançar, ficando muito felizes.

A partir do resumo da história, fez-se uma reescrita das falas das personagens para ser levada à escola. Também se confeccionou o cenário no qual as ações aconteceriam. A realização do teatro com os alunos ocorreu em um dia letivo. Na sala de aula, estavam presentes 16 alunos. Para começar a atividade, a bolsista fez a apresentação pessoal aos alunos. Foi perguntado a eles se gostavam de histórias e todos disseram que sim. Surpreendentemente, alguns disseram que gostavam de histórias de terror.

Em seguida, foram revelados dois cenários que consistiam em um painel de terra devastada e outro de terra fértil. Todos observaram atentamente e descreveram as imagens verificadas. Também foram apresentadas as personagens para, depois, contar a história. Durante todo o momento, tiveram interações dos alunos que responderam as perguntas feitas pela narradora. A turma foi dividida em três grupos para que preparassem a apresentação espontânea das versões da peça teatral construídas por eles.



Para a caracterização das personagens, recorreu-se a máscaras das diversas personagens que foram escolhidas e coloridas por cada um dos alunos. Os grupos



representaram o teatro, usando as máscaras, e livremente construíram as falas das personagens no momento de encenação. Concluída a atividade, todos ganharam uma guloseima por terem participado do teatro. Durante toda a atividade, os alunos demonstraram interesse, curiosidade e disposição de participar. Foi dada a eles a oportunidade de empregar sua criatividade, sendo sempre espontâneos e livres para se expressarem.

Considerações Finais

Por meio do desenvolvimento desta pesquisa de Iniciação Científica, foi possível conhecer a singularidade das peças teatrais da escritora goiana Marietta Telles Machado. A realização desta pesquisa também foi relevante porque contribuiu para a divulgação do teatro infantil goiano, que parece esquecido, a fim de que este seja resgatado e mais conhecido no estado de Goiás. Também se deve destacar que há muito que se estudar sobre a literatura produzida por Marietta Telles Machado e, assim, contribuir com o campo dos estudos de Literatura Infantil. Ao trazermos a atenção para a produção literária da referida escritora, esperamos que mais acadêmicos se interessem pelo assunto e desenvolvam novos trabalhos, bem como que o teatro da autora seja lido/encenado na escola. Dessa maneira, será possível explorar o potencial educativo e formativo do teatro como uma metodologia de ensino de literatura.

Agradecimentos

Agradecemos à escola, às professoras e aos alunos pelo acolhimento do teatro de Marieta Telles Machado. E esperamos que a UEG possa regularizar a oferta de bolsas de PBIC que são muito importantes para o desenvolvimento acadêmico.

Referências

MACHADO, Marietta Telles. *Teatro para crianças*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis

